

SERMÕES SOBRE A
**PAIXÃO DE
CRISTO**
POR C.H.SPURGEON

PROJETO
SPURGEON
PREGANDO A CRISTO CRUCIFICADO

PROJETO SPURGEON - PREGANDO A CRISTO CRUCIFICADO

Sermões sobre a Paixão de Cristo

Charles Haddon Spurgeon

Sermões sobre a Paixão de Cristo

*Sermões selecionados sobre aspectos dos
procedimentos ocorridos no dia da
condenação do Senhor*



Sermões sobre a Paixão de Cristo

Sermões selecionados sobre aspectos dos procedimentos ocorridos no dia da condenação do Senhor

Sermões traduzidos de www.spurgeon.com.mx sob responsabilidade de Allan Roman e Thomas Montgomery, com permissão

E do site <http://www.spurgeongems.org/> do ministério de *Eternal Life Ministries*
<http://www.eternallifeministries.org/> sob responsabilidade de Emmett O'Donnell

*

Tradução:

Armando Marcos Pinto

Rosangela Cruz

Isabela Caroline

Maria Eduarda Lyra

Capa: Beatriz Rustiguel

Diagramação: Armando Marcos

1º edição: 2010

2º edição reduzida: 2011

*

Esses sermões são traduzidos de acordo com as leis internacionais de copyright e leis inglesas de copyright

TODOS os direitos reservados. Permitida a reprodução deste material de forma gratuita, sem modificações e citando o Projeto Spurgeon



Projeto Spurgeon – Pregando a Cristo crucificado

www.projetospurgeon.com.br

projetospurgeon@gmail.com

Twitter: [@ProjetoSpurgeon](https://twitter.com/ProjetoSpurgeon)

Prefácio

Os sermões que compõe esse e-book são referentes as diversas ocorrências que aconteceram entre a primeira audiência do Sinédrio reunido logo após a traição de Judas Iscariotes, até a condenação final de Pilatos contra nosso Senhor Jesus Cristo. No caso, não são tratados aqui todos os aspectos e todos os acontecimentos da semana da paixão, como a traição, o Getsamani, Barrabás, como posteriormente da Ressurreição, que futuramente serão objetos de tradução e uma possível ampliação desse volume, por falta de espaço e tempo oportuno para essa publicação. Os 5 primeiros sermões forma pregados por Charles Haddon Spurgeon em 1882, no qual ele intentou contra a história dos sofrimentos e agonia de Jesus de alguma forma expositiva, o que não era comum, já que Spurgeon normalmente pregava por tópicos, temas e versículos esparsos, não por séries maiores que 3. O último sermão foi acrescentado como um anexo, já que fala especificamente da morte de Jesus, mas não segue a ordem cronológica, já que foi pregado em 1858.

Creemos que em toda época é uma época favorável e propicia para meditarmos e refletirmos sobre a morte e sofrimento de nosso Senhor Jesus Cristo, já que trata-se substancialmente na obra de Jesus para libertação e expiação dos pecadores. Oramos para Deus que por meio desses sermões muitos sejam salvos e considerem o valor dessa aflição, e que os crentes tomem conta e sintam o grande amor que foi concedido pelo Senhor Deus por nós em Cristo.

Armando Marcos - editor

INDICE

(o nº a frente é correspondente a numeração original de publicação)

- 1643 - O Julgamento de Nosso Senhor perante o Sinédrio
- 1644 - A Primeira Aparição de Nosso Senhor perante Pilatos
- 1645 - Nosso Senhor Jesus perante Herodes
- 1647 – O Sonho da Mulher de Pilatos
- 1648 - Pilatos e Nós Culpados da Morte do Salvador
- 173 - A Morte de Cristo

O Julgamento de Nosso Senhor perante o Sinédrio

Nº 1643

Sermão pregado na manhã de domingo, 5 de fevereiro de 1882,

Por Charles Haddon Spurgeon,

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E todos o consideraram culpado de morte.” Marcos 14:64.

Seleciono esta frase em particular porque o costume exige um texto; mas na realidade seguiremos a narrativa inteira do julgamento de nosso Senhor diante do sumo sacerdote. Veremos como o Sinédrio chegou à sua injusta sentença, e mais o que fizeram posteriormente, assim, em um só sentido, estaremos nos apegando ao nosso texto. Acabamos de ler três passagens: João 18:12-24; Marcos 14:53-65; e Lucas 22:66-71. Por favor, tenham estas passagens em mente enquanto repasso a infeliz história.

A narração da aflição de nosso Senhor, se a estudamos cuidadosamente, é extremamente desoladora. Uma pessoa não pode meditar nisto por muito tempo sem derramar lágrimas; de fato, eu me vi forçado a abandonar minhas meditações sobre este tema devido ao excesso de emoção. Contemplar os sofrimentos de um Ser tão desejável em Si mesmo e tão amoroso para conosco, é suficiente para fazer com que o coração se parta por completo. Contudo, esta desolação de sentimentos é sumamente útil: seu efeito posterior é na verdade, admirável.

Depois de chorarmos por Jesus somos transportados acima da nossa dor. Não há em absoluto nenhuma consolação debaixo do céu como esta, pois as aflições de Cristo eliminam o aguilhão de nossas próprias aflições, e as tornam inofensivas e toleráveis. Uma sofrida contemplação da aflição de nosso Senhor diminui de tal maneira nossas angústias, que chegamos a considerá-las como ligeiras aflições, triviais demais, demasiadamente insignificantes para serem mencionadas no mesmo dia. Quando acabemos de contemplar os agudos quebrantos do Varão de Dores, não nos atreveremos a registrar-nos de forma alguma na lista dos afligidos. As feridas de Jesus destilam um bálsamo que cura todos os ferimentos fatais. E isto não é tudo, ainda que seria muito em um mundo de angústia como este; mas há um estímulo incomparável no que é relativo à paixão do Senhor. Mesmo que tenham sido quase esmagados pelo quadro das agonias de seu Senhor, saíram de lá fortes, decididos, fervorosos, consagrados.

Nada comove mais as profundezas de nossos corações como a angústia de Seu coração. Nada é demasiado difícil para que o tentemos ou o suportemos por Aquele que se sacrificou a Si mesmo por nós. Ser vilipendiados pela amada causa de quem sofreu tanta vergonha por nós, não se converte em uma grande aflição; incluso o opróbrio, quando é suportado por Ele, se torna em maiores riquezas que todos os tesouros do Egito. Sofrer por Ele no corpo e na mente, incluso até a morte é um privilégio muito mais que uma exigência: tal amor inflama nossos corações de tal forma, que ansiamos veementemente encontrar uma forma de expressar nosso débito. Aflige-nos pensar que nossas melhores intenções sejam uma coisa muito pequena; mas estamos solenemente decididos a não dar nada que não seja o melhor de nós a Quem nos amou e se entregou por nós.

Eu creio também que, frequentemente, muitos corações indiferentes foram grandemente afetados pelos sofrimentos de Jesus: foram perturbados em sua indiferença, convencidos da sua ingratidão, separados de seu amor pelo pecado, e atraídos a Cristo ao escutar o que Ele suportou no seu lugar. Nenhum ímã pode atrair aos corações humanos como a cruz de Cristo. Suas feridas ocasionam que até corações de pedra sangrem. Sua afronta envergonha a própria obstinação. Os homens não caem tão abundantemente frente ao grandioso arco de Deus, como quando suas flechas são encharcadas com o sangue de Jesus. Esses dardos que estão armados com Suas agonias, causam feridas que nunca podem ser curadas, exceto por Suas próprias mãos traspassadas. Estas são as armas que matam o pecado e salvam o pecador, eliminando de um só golpe tanto sua confiança em si mesmo como seu desespero, convertendo-o em um cativo desse conquistador cuja glória é tornar os homens livres.

Esta manhã, não quero pregar somente as doutrinas que saem da cruz, mas sim a cruz mesma. Eu suponho que essa foi uma das grandes diferenças entre a primeira pregação de todas e a pregação depois da Reforma. Depois da Reforma ressoavam claramente desde todos os púlpitos a doutrina da justificação pela fé e outras gloriosas verdades, que eu espero que recebam mais e mais relevância; mas os primeiros pais da igreja proclamaram as mesmas verdades de uma maneira menos teológica. Se eles tratavam pouco sobre a justificação pela fé, pregavam com maravilhosa profusão sobre o sangue e seu poder limpador, sobre as feridas e sua eficácia curadora, sobre a morte de Jesus e nossa vida eterna. Nós retomaremos seu estilo por uns momentos, e pregaremos os fatos sobre nosso Senhor Jesus Cristo, em vez de falar sobre suas inferências doutrinárias. Oh, que o Espírito Santo leve as aflições de nosso Senhor tão perto de cada coração, que cada um de nós conheça a comunhão com Seus sofrimentos, e possua fé em Sua salvação e um reverente amor pela Sua pessoa.

I. Começaremos nossa narrativa esta manhã, pedindo-lhes primeiro, que pensem no INTERROGATORIO PRELIMINAR DE NOSSO BENDITO SENHOR E MESTRE, REALIZADO PELO SUMO SACERDOTE. Eles trouxeram a nosso

Senhor desde os limites do jardim; e quando o trouxeram, o sujeitavam firmemente, pois lemos: “os soldados do presidente, conduzindo Jesus.” Evidentemente estavam temerosos do prisioneiro, mesmo quando o tinham inteiramente em seu poder. Ele era toda benignidade e submissão; mas a consciência acovardava a todos eles, e por isso tinham todo o cuidado que os covardes empregam para mantê-lo entre suas garras. Como a corte não havia se reunido em número suficiente para um interrogatório geral, o sumo sacerdote decidiu que ocuparia o tempo interrogando pessoalmente a seu prisioneiro.

Principiou seu maligno exercício. O sumo sacerdote perguntou a Jesus coisas sobre Seus discípulos. Não podemos dizer quais foram as perguntas, mas eu suponho que eram algo parecido com isto: “Como foi que te rodeaste de um grupo de homens? Que faziam eles contigo? Que pensavas conseguir com eles? Quem eram eles? Não eram um grupo de fanáticos, homens descontentes e prontos para a sedição?” Eu não sei como o astuto Caifás faria suas perguntas; mas o Salvador não deu resposta a esta indagação particular. Que poderia ter dito se houvesse tentado responder? Ah, irmãos, que coisa boa teria dito de Seus discípulos? Podemos ter certeza que Ele não diria nada de mau. Mas poderia ter dito: “no que se refere a meus discípulos, um deles me traiu; ainda tem em sua mão o dinheiro de sangue que vocês pagaram e ele por mim. Outro deles, ali no pátio, antes que cante o galo, negará que me conheceu alguma vez, e agregará juramentos e maldições em sua negação: quanto aos demais, todos me abandonaram e fugiram.” Portanto, nosso Senhor não disse nada acerca de Seus discípulos, pois não se converteria em acusador dos Seus, pois Ele não veio condená-los, e sim, justificá-los.

O sumo sacerdote também Lhe perguntou coisas sobre Sua doutrina. Eu suponho que Lhe perguntaria: “que novo ensinamento é este? Por acaso nós não somos capazes para ensinar ao povo: já que os escribas são tão entendidos na lei, os fariseus são tão cuidadosos do ritual e os saduceus são tão filosóficos e especulativos? Por que precisas te infiltrar neste domínio? Eu te considero somente um pouco mais que o filho de um camponês: qual é esse estranho ensinamento teu?” A esta indagação sim, nosso Senhor respondeu, e que triunfante resposta deu! Oh, que sempre pudéssemos falar, quando é conveniente falar, tão mansa e sabiamente como Ele! Ele lhe respondeu: “Eu publicamente falei ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem todos os judeus, e nada falei em oculto. Por que perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram, o que foi que eu falei; aqui estão, eles sabem o que eu disse.” Oh, irmãos, nenhuma réplica à calúnia pode comparar-se com uma vida irrepreensível. Jesus tinha vivido no pleno resplendor do dia onde todos podiam vê-lo, e, contudo, foi capaz de desafiar a acusação e dizer: “Pergunta aos que escutaram.” Bem-aventurado é o homem que não tem necessidade de defender-se porque suas obras e palavras são sólidos testemunhos de sua retidão e bondade. Nosso Salvador respondeu ao Seu interrogador muito pacientemente, e, contudo, muito eficazmente, apelando para os fatos. Ele se apresenta diante de nós tanto como o espelho da mansidão como o paradigma da perfeição, e a calúnia se

retorce a Seus pés como uma serpente ferida. Que grande deleite é contar com este triunfante intercessor como nosso advogado, que argumenta Sua própria justiça em nossa defesa! Ninguém poderia impugnar Sua absoluta perfeição, e essa perfeição cobre todos Seus santos neste dia.

Quem nos acusará, agora que Cristo decidiu interceder por nós? Esta esmagadora resposta, contudo, trouxe sobre o Salvador uma bofetada de um dos oficiais do tribunal que estava ali. Este ato não foi sumamente repulsivo? Aqui nós temos a primeira de uma nova categoria de agressões. Até este ponto não havíamos nos inteirado de bofetadas e golpes; mas agora se cumpriu o que foi dito: “ferirão com vara na face ao juiz de Israel.” Esta foi a primeira de uma longa série de agressões. Eu me pergunto quem seria o homem que esbofeteou o Senhor desta maneira. Eu desejaria que a réplica do Senhor para com ele pudesse ter influenciado seu coração a ponto de arrepender-se; mas, se assim não fosse, com certeza estava à frente da caravana de agressões pessoais dirigidas contra a pessoa de nosso Senhor: sua mão ímpia foi a primeira a golpeá-lo. Seguramente morreu na impenitência, a lembrança desse golpe permanecerá como um verme que nunca morre dentro dele. Hoje grita: “eu fui o primeiro a golpeá-lo: Eu golpeei Sua boca com a palma da minha mão.”

Os escritores de antigamente que escreveram sobre a Paixão, nos dão diversos detalhes das lesões infligidas contra o Salvador por esse golpe; mas nós não lhe outorgamos nenhuma importância a tais tradições, portanto, não as citaremos, mas diremos simplesmente que havia uma crença generalizada na igreja que este golpe foi muito cruel, e causou muita dor ao Salvador. Contudo, ainda que tenha sentido esse golpe, e talvez foi sacudido por ele, o Senhor não perdeu Sua compostura, nem mostrou o menor ressentimento. Sua resposta foi tudo o que deveria ser. Não há nenhuma palavra em demasia. Ele não diz: “Deus te golpeará a ti, parede caiada!” como o apóstolo Paulo fez. Nós não censuraremos o servo, mas louvaremos muito mais ao Senhor. Ele disse mansamente: “Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres?”

Isso bastaria, com certeza, se houvesse ficado algum remanescente de benevolência no coração do agressor, para fazê-lo mover sua mão até o seu peito movido por uma dor penitencial. Nós não nos surpreenderíamos se tivesse clamado: “me perdoe, oh Tu, que és divinamente manso e benevolente, e me permita desde este momento ser Teu discípulo.” Desta maneira vimos a primeira parte dos sofrimentos de nosso Senhor na casa do sumo sacerdote, e a lição dela é justamente esta: sejamos mansos e humildes de coração como foi o Salvador, pois ali reside Sua força e dignidade. Vocês me dirão que eu já disse isso antes. Sim, irmãos, e terei que dizê-lo muitas vezes mais diante de vocês e aprendi bem a lição. É difícil ser manso quando alguém é falsamente acusado, ser manso quando alguém é duramente interrogado, ser manso quando um astuto adversário está à caça, ser manso quando alguém se encolhe ao receber um golpe atroz que foi uma afronta para uma corte de justiça. Vocês escutaram da paciência de Jó, mas aquela paciência perde a cor diante da

paciência de Jesus. Admirem Sua paciência, mas não se contentem em admirar, imitem Seu exemplo, descrito abaixo deste cabeçalho e sigam cada curso.

Oh Espírito de Deus, ainda tendo Cristo como exemplo, não aprenderemos a mansidão a menos que Tu nos ensines; e ainda tendo a Ti como um mestre, não a aprenderemos a menos que tomemos Seu jugo sobre nós e aprendamos dEle; pois é unicamente a Seus pés, e debaixo da Tua unção divina que nos tornaremos mansos e humildes de coração, e acharemos descanso para nossas almas.

Por tanto, o interrogatório preliminar foi concluído, e não foi finalizado em absoluto como um êxito para o sumo sacerdote. Ele interrogou Jesus e o golpeou, mas a provação não produz nada que possa contentar o adversário. O prisioneiro é supremamente vitorioso, já que o agressor foi frustrado.

II. Agora vem uma segunda cena, A BUSCA DE TESTEMUNHAS CONTRA ELE. “E os principias dos sacerdotes e todo o concílio buscavam algum testemunho contra Jesus, para o matar, e não o achavam.” É uma estranha corte a que se reúne com o desígnio de encontrar culpa no prisioneiro, decididos, de uma forma ou outra a conseguir sua morte. Eles devem proceder de acordo às normas da justiça, e assim substituem testemunhas, ainda que todo o tempo violem o espírito da justiça, pois vasculham Jerusalém para encontrar testemunhas que cometam perjúrio para acusar o Senhor. Cada membro do concílio escrevia o nome de alguém que pudesse ser trazido de fora, pois as pessoas tinham vindo de todas as partes da terra para guardar a Páscoa, e com certeza alguns poderiam ser rastreados, em um lugar ou outro, que lhe dissessem alguma coisa que pudesse ser acusável. Introduzem, portanto, a todo a quem que possa encontrar dessa classe degradada que se aventure a cometer perjúrio, se houvesse um suborno disponível. Eles vasculharam Jerusalém para descobrir testemunhas contra Jesus; mas tinham muita dificuldade para ter êxito em seu desígnio, porque estavam obrigados a examinar a testemunha à parte, e não podiam fazer que concordassem. É difícil conseguir que as mentiras concordem, mas em troca, as verdades são cortadas com o mesmo molde.

Além disso, havia muitos tipos de testemunhas que podiam ser encontradas com facilidade, mas não se atreviam a apresentá-los. Tinham muitas pessoas que poderiam testemunhar que Jesus tinha falado contra a tradição dos anciãos; mas quanto a isso, havia alguns no concílio, isto é, os saduceus, que estavam de acordo com Ele em grande parte. Não tinha lógica apresentarem uma acusação sobre a qual não tinham uma unanimidade consensual. Suas denúncias dos fariseus não podiam ser apresentadas como acusação, pois estas estavam de acordo com os saduceus; tampouco podiam alegar Seu clamor contra os saduceus, pois nisto, os fariseus estavam de acordo com Ele.

Vocês lembrarão como Paulo, quando foi apresentado diante desse Sinédrio, se aproveitou dessa divisão de opinião e clamou: “Eu sou fariseu, filho de fariseu; no

tocante à esperança e ressurreição dos mortos, sou julgado”; e desta maneira criou uma dissensão no conclave, que por um tempo trabalhou a seu favor. Nosso Senhor se apossou de um terreno mais elevado e mais nobre, e não se inclinou para converter a insensatez deles em algo que o beneficiaria; contudo, estando eles conscientes de suas dissensões internas, evitaram cautelosamente esses pontos sobre os quais não estavam em harmonia. Eles poderiam apresentar sua antiga queixa de que o Senhor Jesus não observava o sábado à maneira deles; mas, então, se tornaria mais público o fato de que havia curado enfermos no dia de sábado. Não os ajudaria em nada publicar este fato, pois, quem pensaria em matar uma pessoa por ter ela aberto os olhos a um cego de nascença, ou por ter restaurado uma mão seca em um sábado? Esse tipo de testemunho foi, portanto, descartado.

Mas, não poderiam ter encontrado algumas testemunhas que jurassem que Ele havia falado sobre um reino que estava estabelecendo? Não poderia isto, ter sido imediatamente interpretado como uma incitação à sedição e rebelião? Sim, mas essa era uma acusação que teria de ser submetida ao Tribunal Cível de Pilatos, mas a Sua acusação era em um tribunal eclesiástico. Além disso, havia herodianos no concílio que estavam muito inquietos debaixo do jugo romano, e não poderiam ter a cara de condenar alguém por ser um patriota; e, ademais, o povo que estava fora, teria simpatizado muito mais com Jesus se tivessem suposto que Ele os guiaria em uma rebelião contra César. Portanto, eles não podiam forçar esse ponto. Devem ter se sentido grandemente confundidos sem saber o que fazer; especialmente quando incluso naqueles pontos os quais decidiram apresentar às testemunhas, tão logo abriam suas bocas, se contradiziam entre si.

Por fim as tinham. Apareceram dois cuja evidência mais ou menos concordava; E estes afirmaram que numa determinada ocasião, Jesus tinha dito: “Eu derrubarei este templo, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens.” Aqui havia uma blasfêmia contra a santa e bela casa do Senhor, e isso bastaria. Agora, o Salvador tinha dito algo que era semelhante ao testemunho destas falsas testemunhas, e um mal entendido tinha feito tudo ainda mais semelhante; mais ainda assim, o que essas testemunhas falaram era uma mentira, e não era menos mentira porque havia uma sombra de verdade, pois o pior tipo de mentira é aquela produzida a partir de uma verdade: causa um dano muito maior que se fosse uma falsidade de início ao fim.

O Salvador não tinha dito: “Eu vou destruir este templo”; Ele disse: “Derribai este templo,” ou seja, “Vocês o destruirão, e podem destruí-lo.” Ele não tinha se referido ao templo de Jerusalém; Ele falou sobre o templo do Seu corpo que seria destruído. Cristo nunca disse: “Destruí este templo feito a mão, e edificarei outro feito sem mãos”: na Sua linguagem não há nenhuma alusão às mãos em absoluto. Estes refinamentos procediam da própria invenção deles, e Sua linguagem não tinha nenhum vínculo com a deles. Ele não tinha dito: “Eu edificarei outro”; Ele havia dito: “o levantarei,” que é algo muito diferente. Ele queria dizer que Seu corpo,

depois de ser destruído, seria outra vez levantado no terceiro dia. Eles tinham alterado uma palavra aqui e outra acolá, o modo de um verbo e a forma de outro, e assim colocaram palavras na boca de Jesus, que Ele nunca havia pensado. Contudo, inclusive na acusação, não concordavam. Um disse uma coisa a respeito, e outro disse outra, de tal forma que inclusive esta vil acusação não podia ser utilizada contra o Salvador. Sua falsidade remendada estava feita de um material tão podre que as peças não se sustentariam juntas. Eles estavam prontos a jurar qualquer coisa que viesse à suas mentes que cometiam perjúrio, mas não se podia conseguir que dois deles jurassem pelo mesmo testemunho.

No entanto o Senhor permanece calado; como ovelha diante de Seus tosquiadores, emudeceu, e não abriu Sua boca; e eu suponho que a razão foi em parte para cumprir a profecia, e, em parte, porque a grandiosidade de Sua alma não poderia rebaixar-se a contender com mentirosos, e sobre tudo, porque Sua inocência não necessitava nenhuma defesa. O que é culpado em alguma medida, está ávido por desculpar-se e arranjar as coisas: suas desculpas sugerem usualmente aos homens experientes a crença de que poderia haver alguma base para a acusação. O que é perfeitamente inocente não tem nenhuma pressa para responder aos seus caluniadores, pois logo eles se respondem entre si. Nosso Senhor não desejava entrar em uma pendência com eles, para não provocá-los a expressar mais falsidades. Se as palavras não podem ajudar, então, na verdade, o silêncio é sábio: quando o único resultado havia sido provocar Seus inimigos a incrementar suas iniquidades, foi uma compaixão magnânima a que conduziu o caluniado Salvador a não dizer nada.

Não devemos deixar de advertir o consolo que em alguma medida havia sido ministrado a Nosso Senhor pela acusação que foi apresentada como a melhor. Ele está ali, e sabe que estão a ponto de sentenciá-lo à morte, mas eles mesmos O lembram que o poder deles sobre Ele tem um contrato de arrendamento não maior de três dias, e ao final desse curto período, Ele será levantado de novo, e já não estará mais à sua disposição. Seus inimigos lhe deram testemunho da ressurreição. Não digo que Sua memória fosse fraca, ou que possivelmente tivesse esquecido em meio às Suas aflições, mas, contudo, nosso Senhor era humano, e algumas formas de consolo que são valiosos para nós, eram úteis para Ele.

Quando a mente é torturada com uma falsidade maliciosa, e o homem inteiro é sacudido por dores e aflições, é bom que nos lembrem das consolações de Deus. Lemos sobre alguns que foram “atormentados, não aceitando o resgate,” e foi a esperança da ressurreição o que os sustentou. Nosso Senhor sabia que Sua alma não seria deixada nas moradas da morte, e que Sua carne não veria corrupção, e as falsas testemunhas trouxeram isto vividamente diante de Sua mente. Agora, na verdade, nosso Redentor podia dizer: “Derribai este templo, e em três dias o levantarei.” Estes corvos trouxeram ao Salvador pão e carne. Nestes leões mortos nosso glorioso Sansão encontrou mel. Sustentado pelo gozo colocado diante Dele, despreza a

vergonha. Estranho é que das bocas daqueles que buscavam Seu sangue, veio o memorial de uma de Suas maiores glórias.

Agora, irmãos, até aqui aprendemos outra vez a mesma lição, ou seja, crescamos em mansidão, e a demonstremos guardando silêncio. A eloquência é difícil de adquirir, mas o silêncio é muito mais difícil de praticar. Um homem pode aprender mais rápido a falar bem que a não falar de tudo. Temos tanta pressa por reivindicar nossa própria causa que a estragamos com uma linguagem irrefletida: se fôssemos calmos, benevolentes, tranquilos, pacientes como foi o Salvador, nosso caminho para a vitória seria muito mais fácil.

Observem, ademais, a armadura que cobria Cristo: vejam o escudo invulnerável de Sua santidade. Sua vida era tal que a calúnia não podia armar uma acusação contra Ele que durasse o suficiente para poder ser repetida. As acusações eram tão frágeis, que, como borbulhas, se desvaneciam tão rapidamente como viam a luz. Os inimigos de nosso Senhor estavam totalmente desconcertados. Eles lançavam seus dardos contra Ele, e como se caíssem sobre um escudo de ardente diamante, cada flecha era quebrada e consumida.

Aprendamos também esta outra lição: que seremos distorcidos. Podemos contar que, para ouvidos hostis, nossas palavras terão outros significados que aquele que nos propúnhamos dar; podemos esperar que quando ensinamos uma coisa que é verdadeira, eles inventarão que expressamos outra coisa que é falsa; mas não devemos temer esta prova de fogo como se fosse algo estranho. Nosso Senhor e Mestre a suportou e os servos não escaparão dela. Portanto, suportem a aspereza como bons soldados de Jesus Cristo, e não tenham medo. No meio do estrépito destas mentiras e perjúrios, escuto o assobio pacífico e delicado de uma verdade sumamente preciosa, pois a semelhança de quando Jesus esteve diante do tribunal por nós, e eles não podiam confirmar alguma acusação sobre Ele, assim será quando estejamos Nele no último grande dia, lavados em Seu sangue e cobertos com Sua justiça, nós também seremos absolvidos. “Quem acusará os eleitos de Deus?” Se Satanás se apresentasse como o acusador dos irmãos, seria recebido pela voz: “O Senhor te repreenda, oh Satanás; sim, o Senhor que escolheu Jerusalém, te repreenda. Não é este um tição tirado do fogo?” Sim, amados, nós também seremos absolvidos da calúnia.

Então os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai. A gloriosa justiça Daquele, que foi falsamente acusado, livrará os santos e toda iniquidade fechará sua boca.

III. Mas não devo demorar-me demasiado em temas como estes, e, portanto, prossigo AO INTERROGATÓRIO PESSOAL que se seguiu ao fracasso de querer apresentar testemunhas. O sumo sacerdote, demasiadamente indignado para ficar sentado, se põe de pé e se inclina sobre o prisioneiro como um leão rugindo sobre

sua presa, e começa a interrogá-lo de novo. Estava fazendo algo injusto. Por acaso o juiz que tem por ofício administrar a lei, se daria ao trabalho de demonstrar a culpabilidade do prisioneiro, ou, o que é pior, trataria de extrair uma confissão do acusado que pudesse ser usada contra ele? Isto implicava uma confissão tácita de que se tinha demonstrado a inocência de Cristo até esse momento. O sumo sacerdote não teria necessidade de tirar algo do acusado se houvesse tido material suficiente contra ele por outro lado. O julgamento havia sido um completo fracasso até esse ponto, e ele o sabia, e estava roxo de raiva. Agora ele tenta intimidar o prisioneiro, para poder arrancar-lhe alguma declaração que pudesse resolver qualquer problema de conseguir testemunhas, e assim liquidar o assunto.

A pergunta foi formulada com uma solene intimação, e alcançou seu propósito, pois o Senhor Jesus de fato falou, ainda que soubesse que com isso estava proporcionando uma arma contra Si. Ele se sentiu obrigado a responder ao sumo sacerdote de Seu povo quando usou tal encantamento, apesar de que esse sumo sacerdote era um homem mau; e não podia escapar de uma acusação tão solene para que não parecesse que por Seu silêncio estava negando a verdade sobre a qual está assentada a salvação do mundo.

Assim que, quando o sumo sacerdote lhe perguntou: “És tu o Cristo, filho do Deus Bendito?”, quão clara e franca foi a resposta do Senhor. Ainda que Ele sabia que isto acarretaria a Sua morte, deu testemunho de uma boa confissão. Ele claramente disse: “Eu o sou,” e logo acrescentou à essa declaração: “e vereis o Filho do Homem”—e desta maneira expõe Sua humanidade bem como Sua deidade—“assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu.”

Que fé tão majestosa! É maravilhoso pensar que estivesse tão calmo como para confrontar aos que zombavam Dele, e reivindicar Sua glória quando se encontrava sumido nas profundezas da vergonha. Foi como se dissesse: “você estão servindo como meus juízes, mas logo Eu estarei julgando-os: pareço a vocês um insignificante camponês, mas Eu sou o Filho do Deus Bendito; vocês crêem que me esmagarão, mas nunca o farão; pois logo me sentarei à destra do poder de Deus, e virei nas nuvens do céu.” Ele falou com audácia, como era apropriado. Eu admiro a mansidão que podia estar calada, e admiro a mansidão que podia falar suavemente, mas admiro muito mais a mansidão que podia falar com valentia, mas que continuava sendo mansa.

De uma maneira ou outra, quando nós respondemos com valentia, deixamos a dureza entrar pela mesma porta, ou se deixamos de fora nossa ira, somos propensos a esquecer nossa firmeza. Jesus nunca elimina uma virtude para dar espaço à outra. Seu caráter é completo, íntegro, perfeito, de qualquer maneira em que O vejamos. E seguramente, irmãos, isto deve ter trago outro doce consolo para o coração de nosso divino Mestre. Enquanto se encolhia debaixo desse duro golpe, enquanto se retorcia sob essas imundas acusações, enquanto suportava tal contradição de pecadores

contra Ele, deve ter se sentido internamente satisfeito na consciência de Sua condição de Filho e Seu poder, e diante da perspectiva de Sua glória e triunfo. Um manancial de água brota de dentro de Sua alma por saber antecipadamente que se sentará à destra de Deus, e que julgará os vivos e os mortos, e que reivindicará os Seus redimidos.

É sábio ter estes consolos sempre à mão. O inimigo poderia não ver Seu poder consolador, mas nós sim o vemos. Para nós, de debaixo do altar procede um rio cujo suave fluir provê uma tranquila alegria a nossos espíritos. Alegria essa que as águas terrenas não podem competir. Mesmo agora ainda ouvimos o que o Pai diz: “Eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão.” Notem, antes que deixemos este ponto, que, praticamente, o julgamento e o interrogatório terminaram com a condenação de nosso Senhor, devido a ter confessado Sua deidade. Eles disseram: “Vós ouvistes a blasfêmia; que vos parece? E todos o consideraram culpado de morte.”

Eu não posso entender totalmente essas pessoas que se chamam ‘unitarianos’ e negam a deidade de nosso Senhor. Nós também somos unitarianos, pois cremos em um Deus, e em um único Deus; mas eles nos dizem que este Cristo bendito, nosso Senhor, não é Deus, e, contudo, reconhecem que Ele foi o mais excelente dos homens, o mais perfeito dos seres humanos. Eu não posso vê-lo assim. Eu pensaria que é um blasfemador, e nada mais, se não fosse Deus; e os judeus, evidentemente, sustentavam essa opinião, e o tratavam de acordo com isso. Se Ele não tivesse dito que Deus era Seu Pai, eles não estariam tão zangados com Ele. Eles o condenaram à morte devido à afirmação de Sua deidade, e a declaração de que se sentaria à destra do Poder e julgaria o mundo.

Hoje em dia, multidões estão dispostas a aceitar Cristo como um mestre, mas não o aceitarão como o Filho de Deus. Eu não tenho dúvidas de que a religião cristã poderia ser recebida em muitos lugares se a sua força fosse tosquiada, se, de fato, sua própria alma e suas entranhas fossem arrancadas, ao proclamar Jesus como um dos profetas e nada mais. Vejam como nossos sábios falam Dele como alguém de uma linha de grandes reformadores, assim como Moisés, Samuel, Elias, e com frequência adicionam a Confúcio e a Maomé. Nós abrimos espaço para isto? Não, nem por um instante. Ele verdadeiramente é o Filho do Deus Bendito. Ele é divino. A acusação de blasfêmia deveria ser lançada contra Ele, se não fosse o Filho do Altíssimo.

IV. Agora devemos continuar e nos fixar por um segundo ou dois no tema da **CONDENAÇÃO**. O condenaram por Sua própria boca: mas isto, ainda que tivesse uma aparência de justiça, era realmente injusto. Diante do tribunal, o prisioneiro afirmou que Ele é o Filho de Deus. Qual é o problema? Por acaso não pode estar dizendo a verdade? Se for verdade, Ele não deve ser condenado e sim, adorado. A justiça requer que se faça um interrogatório para verificar se é o Cristo, o Filho do Bendito, ou não. Ele reclamou ser o Messias. Muito bem, todos os que estão na

corte, estão esperando o Messias; alguns deles esperam que apareça logo. Não poderia ser este o enviado do Senhor? Que se faça um interrogatório de seus argumentos. Qual é sua linhagem? Onde nasceu? Algum dos profetas o confirmou? Fez milagres? Algumas dessas perguntas são devidas a qualquer homem cuja vida esteja em jogo.

Não podem condenar à morte justamente a um homem sem um exame que se adentre na verdade de sua defesa, pois poderia resultar que seus pronunciamentos fossem corretos. Mas não, eles não querem escutar ao homem que odeiam, e sua mera afirmação o condena; é blasfêmia, e deve morrer. Ele afirma ser o Filho de Deus. Vamos, então, Caifás e o concílio, convoquem testemunhas para a defesa. Perguntem se olhos cegos foram abertos, e se os mortos foram ressuscitados. Perguntem se Ele fez milagres tais como ninguém jamais fez no meio de Israel ao longo de todos os tempos. Por que não fazer isto? Oh, não, pela prisão e julgamento. Ele será tirado, e Sua geração, quem a contará? Quanto mais curto o interrogatório, mais fácil será condená-lo injustamente. Ele disse que é o Cristo e o Filho de Deus, portanto, é digno de morte.

Ai, quantos há que condenam a doutrina de Cristo sem fazer as devidas investigações sobre ela; e a condenam pelos argumentos mais triviais. Vêm para escutar um sermão, e talvez encontram falhas nos gestos do pregador, como se isso bastasse para negar a verdade que ele prega; ou talvez digam “isto é muito estranho; não podemos crer.” Por que não? Por acaso as coisas estranhas não são verdadeiras algumas vezes, e não são muitas verdades demasiado estranhas até que se familiarize com elas? Estes homens não querem condescender a ouvir a demonstração da confirmação de Cristo: não querem fazer nenhuma pergunta. E assim, como os sacerdotes judeus, praticamente gritam: “Morra! Morra!”

Ele é condenado à morte, e o sumo sacerdote rasga sua roupa. Eu não sei se ele usava naquele momento as roupas com as quais ministrava, mas sem dúvida levava algum traje peculiar de seu ofício sacerdotal, e este é o que rasgou. Oh, quão significativo foi isso! A casa de Aarão e a tribo de Levi rasgaram suas vestes, e o templo, em algumas horas, rasgou seu véu de cima abaixo: pois os sacerdotes e o templo foram igualmente abolidos. Eles desconheciam isso, mas tudo o que faziam tinha um significado singular: essas vestes rasgadas eram um índice do fato que agora o sacerdócio Aarônico havia sido rasgado para sempre, e o grandioso sacerdócio de Melquisedeque havia entrado, pois o verdadeiro Melquisedeque, nesse instante e nesse lugar, estava diante deles em toda a majestade de Sua paciência.

Observem que todos concordavam; não havia dissidentes; eles tinham tomado o cuidado, não tenho dúvidas, de não deixar que Nicodemos e José de Arimatéia soubessem algo sobre esta reunião. A convocaram durante a noite, e somente a ensaiaram muito cedo pela manhã, com o objetivo de guardar sua antiga lei rabínica

que estabelecia que deviam julgar os prisioneiros quando houvesse a luz do dia. Eles apressaram o julgamento, e qualquer que pudesse falar contra a sentença sedenta de sangue, foi mantido fora do caminho.

A assembleia foi unânime. Ai da unanimidade dos corações ímpios contra Cristo! É surpreendente que haja tais discussões entre os amigos de Cristo, e tal unidade entre Seus inimigos, quando o ponto é sentenciá-lo à morte. Eu nunca ouvi de discussões entre os demônios, e também nunca li de divisões no inferno: todos eles são um no seu ódio contra Cristo e contra Deus. Mas aqui estamos divididos em seções e partidos, e com frequência, estamos em guerra uns com os outros. Óh Senhor de amor, nos perdoa: Rei da harmonia, vem e reina sobre nós, e nos conduz a uma perfeita unidade a Teu redor.

A sentença foi: “morte.” Não digo nada dela exceto isto: a morte era a sentença que eu merecia, a sentença que vocês mereciam, e eles a impuseram sobre nosso Substituto. “Digno de morte”—disseram—todos eles. Todas as mãos foram levantadas; todas as vozes disseram: “Sim, sim” ao veredicto. Contudo, não havia delito Nele. Antes, digamos que toda excelência era encontrada Nele. Quando ouço que Jesus é condenado a morrer, minha alma cai a Seus pés e clama: “Bendito Senhor, agora assumiste minha condenação; não há, portanto, nenhuma condenação para mim. Agora tomaste meu cálice de morte para sorvê-lo, e a partir deste momento, está seco para mim. Glória seja dada a Teu bendito nome, desde agora e para sempre.”

V. Quase sinto prazer que o tempo tenha corrido tanto, pois devo necessariamente colocar diante de vocês a quinta e mais dolorosa cena. Assim que estes malvados homens do Sinédrio O declaram culpado de morte, os servos, os guardas, e aqueles que custodiavam o salão onde se encontravam os principais sacerdotes, ávidos de agradar a seus senhores, e todos eles tocados pelo mesmo espírito brutal que morava neles, imediatamente começaram a ultrajar a infinita majestade de nosso Senhor.

Considerem O ULTRAJE. Permitam-me ler as palavras: “E alguns começaram a cuspir nele.” “Começaram a cuspir NELE!” Assim expressaram mais contundentemente o menosprezo que por meio de palavras. Fiquem atordoados, ó céus, e sintam um medo horrível. Sua face é a luz do universo, Sua pessoa é a glória do céu, e eles “começaram a cuspir nele!” Ai, meu Deus, que o homem seja tão vil! Alguns foram mais longe, e “começaram...a cobrir-lhe o rosto.”

É um costume oriental cobrir o rosto dos condenados, como se não fossem aptos a ver a luz, nem aptos para contemplar seus semelhantes. Eu não sei se foi por esta razão, ou como simples chacota, que cobriram Seu rosto para que não pudessem vê-lo, e para que Ele não pudesse vê-los. Como podiam desta maneira apagar o sol e tapar a bem-aventurança? Logo, quando tudo era escuridão para Ele, começaram a

dizer: “Profetiza-nos Cristo, quem é o que te bateu?” Então outro fez o mesmo, e muitos foram as cruéis bofetadas que aplicaram a Seu bendito rosto.

Os escritores medievais se deleitavam em falar sobre os dentes que foram quebrados, das feridas em sua face, do sangue que escorria, da carne que foi golpeada e ferida; mas nós não nos atrevemos a imaginar isto. A Escritura se espalhou como um véu, e deixemos que fique aí. Contudo, deve ter sido um horrível espetáculo ver o Senhor da glória com Seu rosto todo manchado com a maldita saliva deles e ferido por seus punhos cruéis. Aqui o insulto e a crueldade tinham se combinado: o ridículo de Seus títulos proféticos e a desonra de Sua divina pessoa. Nada foi considerado suficientemente mau. Inventaram toda a vergonha e o escárnio que puderam, e Ele permaneceu ali, paciente, ainda que um só piscar de Seus olhos os teria consumido a todos em um átimo.

Irmãos, irmãs, isto é o que o nosso pecado merecia. Algo vergonhoso és tu, ó pecado! Tu mereces que te cuscam! Isto é o que o pecado está fazendo constantemente a Cristo. Sempre que vocês e eu pecamos, por assim dizer, cuspiamos em Seu rosto: também tapamos Seus olhos tratando de esquecer que Ele nos vê; e também o golpeamos sempre que transgredimos e afligimos Seu Espírito. Não falemos dos cruéis judeus: pensemos em nós, e seremos humilhados por esse pensamento. Isto é o que o mundo ímpio está fazendo constantemente a nosso bendito Senhor. Eles também pretendem tapar Seus olhos que são a luz do mundo: eles também desprezam Seu Evangelho, e O cospem como algo totalmente desgastado e sem valor: eles também desprezam aos membros de Seu corpo através de Seus pobres santos afligidos que têm de aguentar calúnias e ultrajes por Sua amada causa.

E, contudo, por sobre tudo isto, me parece ver uma luz sumamente bendita. Cristo deve ser cuspidos, pois Ele tomou nosso pecado: Cristo deve ser torturado, pois Ele está ocupando nosso lugar. Quem haverá de ser o carrasco de toda esta dor? Quem assumirá a tarefa de envergonhar a Cristo? Nossa redenção foi trabalhada desta maneira, mas quem será o escravo que executará esse miserável trabalho? Joguem os cachos mais bonitos das uvas de Escol; os joguem, mas quem os pisará e extrairá laboriosamente o vinho, o generoso suco que agrada a Deus e ao homem? Os pés serão os pés dispostos dos próprios inimigos de Cristo: eles extrairão Dele o que nos redimirá e destruirá todo o mal. Eu me regozijo de ver Satanás vencido na sua astúcia, e sua malícia convertida no instrumento de seu próprio transtorno. Ele pensa destruir a Cristo, e mediante esse ato, se destrói a si mesmo. Ele atrai o mal sobre sua própria cabeça e cai no buraco que cavou. Assim, todo mal trabalhará sempre para o bem do povo do Senhor; sim, seu maior bem muito frequentemente procederá daqueles que ameaçavam com sua ruína, e que os provocavam à maior angústia.

Três dias há de sofrer o Cristo e morrer e permanecer no sepulcro; mas depois disso, Ele deve pisar a cabeça da serpente e levar cativo o cativo, e isso, através do

próprio sofrimento e vergonha que Ele agora está suportando; de igual maneira ocorrerá a Seu corpo místico, e Satanás será pisado debaixo de nossos pés dentro em pouco.

Deixo este tema, esperando que vocês o continuem em suas meditações. Aqui há três observações. A primeira é: quão prontos estamos a suportar a calúnia e o ridículo pela causa de Jesus. Não te encolerizes, nem penses que seja algo duro e que estamos debochando de ti. Quem és tu, querido amigo? Quem és tu? Quem poderia passar a ser quando comparado a Cristo? Se cuspiram Nele, por que não cuspiriam em ti? Se o esbofetearam, por que não te esbofeteariam a ti? Por acaso o Senhor terá de suportar toda a dureza? Ele terá de ter toda a amargura, e tu toda a doçura? Belo soldado és tu, que desejas uma melhor sorte que teu Capitão!

Continuando, quão sinceramente devemos honrar ao nosso amado Senhor. Se os homens estavam tão ávidos por envergonhá-lo, nós devemos estar dez vezes mais empenhados em dar-lhe glória. Há algo que poderíamos fazer hoje, pelo meio do qual Ele pudesse ser honrado? Executemos. Podemos fazer algum sacrifício? Podemos realizar alguma tarefa difícil que O glorifique? Não devemos deliberar, mas sim fazer esta tarefa de imediato com toda nossa força. Temos de ser criativos na forma de glorificar ao Senhor, assim como Seus algozes foram engenhosos nos métodos para O envergonhar.

Finalmente, quão seguramente e quão docemente podem, todos os crêem Nele, vir e descansar suas almas em Suas mãos. Certamente eu sei que quem sofreu isto, posto que era verdadeiramente o Filho do Bendito, tem a capacidade de nos salvar. Tais aflições hão de ser uma plena expiação por nossas transgressões. Glória seja dada a Deus, porque essa saliva em Seu rosto significa um rosto limpo e resplandecente para mim. Essas falsas acusações contra Seu caráter significam que não há condenação para mim. Essa sentença de morte para Ele, demonstra a certeza do nosso texto que vimos no domingo passado pela manhã:

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem vida eterna.” Descansemos docemente em Jesus, e se nossa fé se vê agitada em algum momento, vamos à sala da casa de Caifás, e vejamos ao Justo estando no lugar dos injustos, ao Imaculado suportando a condenação pelos pecadores. Julguemos e condenemos cada pecado e cada dúvida na sala do sumo sacerdote, e saiamos gloriando-nos porque o Cristo venceu por nós, e agora esperamos Sua aparição com deleite. Que Deus os abençoe, irmãos, por Cristo nosso Senhor. Amém.

Porções da Escritura lidas antes do sermão: João 18:12-24, Marcos 14:53-65 e Lucas 22:66-71.

A Primeira Aparição de Nosso Senhor perante Pilatos

Nº 1644

Sermão pregado na manhã de domingo de 12 de Fevereiro de 1882

Por Charles Haddon Spurgeon,

No Tabernáculo Metropolitano, Newington.

***“[Pilatos] tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum.”
João 18:38b***

Se Deus nos permitir, gostaria de apresentar a vocês nos domingos de manhã a história completa dos sofrimentos de nosso Senhor. Começamos no domingo passado e fomos com Ele até a casa de Caifás, e foi um momento tristemente solene quando contemplamos o Príncipe da Paz na qualidade de prisioneiro, quando ouvimos Jesus ser acusado e injustamente condenado e quando O vimos ultrajado a tal ponto que serventes e homens vis cuspiam em Seu rosto e escarneciam dEle. Espero que vocês não estejam saturados desse assunto. Se assim for, seria culpa do pregador, pelo que esse tema é sempre inesgotável e fresco. Se a culpa não for do pregador, é algo relacionado com os ouvintes. Caso tenhamos crescido cansados da história da Cruz de Cristo, se trata de um triste indicativo de uma secreta doença da alma e será bom observar o sintoma e pedir ajuda ao Médico para a cura.

Para os santos que gozam de uma boa condição, não há lugar mais atrativo que o da paixão de nosso Senhor, onde Ele completou o glorioso trabalho de nossa redenção. Eles amam caminhar por essa Via Dolorosa que conduz desde o Getsêmani ao Gólgota – vamos seguir seus passos! Quando eu paro e contemplo meu Senhor, como a sarça no Horebe, queimando, porém não consumido, eu ouço uma Voz me dizendo: “O lugar que você pisa é santo”. Nada é mais santo que a Pessoa de nosso Divino Mestre! É muito bom, portanto, estar com Ele. A angústia que Ele experimentou quando se entregou como sacrifício por nós é santa e, por isso, também é bom estar com Ele em Seus sofrimentos. Suas aflições têm uma influência sumamente santificante sobre todos os que as consideram com amor.

Estou persuadido de que se vivêssemos mais a atmosfera da Cruz, o pecado perderia seu poder e toda Graça floresceria. Quando chegamos bem perto de Jesus e temos comunhão com Ele em Seus sofrimentos, ligamos o alarme contra o pecado que o matou e resolvemos nos vingar dele afastando-nos do pecado, lutando contra ele não importando se o vemos nos outros. A Cruz é esse santo implemento com que fazemos guerra com o pecado até ele ser completamente destruído. Bem-aventurados e santos,

portanto, são os pensamentos que são gerados por nosso grandioso sacrifício. Não sendo só isso, mas a medicina que nos traz saúde é, em si mesma, uma alegria –

***“Doces são os momentos, ricos em bênçãos,
Que passo diante da Cruz
Recebendo vida, saúde e paz
Do moribundo Amigo do pecador”***

Aqui não há o barulho como o dos que se divertem com o vinho, não há gritos de quem triunfa, não há canto dos que festejam – mas aqui há uma grave e doce melodia de corações que encontraram descanso. Na Cruz encontramos um regozijo substancial, uma satisfação inimaginável, “a Paz de Deus, que excede todo entendimento”. Aqui está para vocês, inquietos, a cura para sua inquietação! Aqui você dirá: “Oh, Deus, meu coração está pronto, ele está disposto. Eu cantarei e louvarei a Ti”. Portanto, não darei nenhuma desculpa, já que nas semanas que estão por vir eu os conduzirei ao lugar de dragões onde o Senhor foi penosamente quebrantado, e os ajudarei a beber de Seu copo e a ser batizados com Seu Batismo. Que o Espírito de Deus venha e abra nossos olhos para lermos o sagrado coração Daquele cujas aflições são incomparáveis, as quais foram suportadas por amor a nós!

Vamos de imediato e com amorosa e humilde diligência à narração. Nosso Senhor foi condenado pelos principais sacerdotes por blasfêmia porque Ele declarou ser o Filho de Deus e por dizer que eles O veriam vindo das nuvens do Céu para ser seu Juiz. Rasgando suas vestimentas, o sumo sacerdote disse: “De que mais testemunho necessitamos? pois nós mesmos o ouvimos da sua boca”. Quando a luz do dia despontou, fizeram como se o tivessem condenado formalmente durante uma cerimônia matinal, sendo que já haviam condenado Jesus à noite, conduzindo-o a Pilatos.

De acordo com a tradição, Ele foi conduzido a Pilatos com uma corda em seu pescoço e com Suas mãos amarradas. E eu acredito piamente na tradição quando me lembro das palavras de Isaías – “como um cordeiro foi levado ao matadouro”. Era uma procissão extremamente triste que acontecia em Jerusalém um pouco depois das 6 horas da manhã. Os homens do Sinédrio, com toda sua pompa e seu poder, rodeavam essa pobre Vítima, a qual eles estavam para entregar aos gentios com a única intenção Dele ser entregue à morte!

Quando chegaram à casa do governador romano, eles não quiseram passar pelas portas. Dizem que era um dos muitos magníficos palácios que Herodes, o Grande, construiu para si. A arquitetura era suntuosa, os pisos eram de mármore e todas as câmaras eram ricamente recobertas de ouro, mobiliadas com esplendor Oriental. Estes hipócritas escrupulosos não quiseram entrar no grandioso salão porque não queriam contaminar-se, de nenhuma maneira, por tocar em um gentio, pois já haviam

começado a guardar a Páscoa. Portanto, eles aguardaram no pátio e Pilatos condescendeu em vir a eles e inteirar-se do assunto que os havia levado lá tão cedo.

O governador romano era orgulhoso, cruel e aborrecia os judeus. Porém ainda assim, conhecendo seu fanatismo e sua facilidade em causar alvoroço popular em tempos de Páscoa, ele ficou à porta de seu palácio, escutando suas necessidades. Em breve ele descobriria que lhe trouxeram um prisioneiro que era, evidentemente, um homem pobre, e enfraquecido em Sua aparência, sofredor e também cansado. Em torno dele havia uma dignidade misteriosa, combinada com uma singular gentileza e Pilatos, por essas e outras razões, ficou interessado Nele. Fixando seu olhar, primeiramente, no extraordinário Prisioneiro, voltou-se aos irados sacerdotes e perguntou: “Que acusações trazem contra esse Homem?”.

O único objetivo dos sacerdotes em trazer Jesus até Pilatos era condená-Lo à morte, pelo que quando Pilatos mandou que fossem e julgassem Jesus de acordo com as suas leis, eles disseram que certamente fariam isso, mas que o poder da morte e da vida os fora tirado e que nada, senão a morte dEle, os conteria. Eles estavam, nesse estágio, bastante ansiosos por obterem tal poder sobre os Romanos; o medo do povo ainda estava neles, e se podiam obter Sua morte de Pilatos, eles poderiam, mais tarde, protestar que simplesmente eles O tinham entregado ao governador e não sabiam que Jesus seria tratado com tanta brutalidade.

Eles ainda não haviam subornado a população para gritar “Crucifica-O” e queriam estar no lado seguro caso o povo se revoltasse por Sua causa. Humanamente falando, eles mesmos poderiam tê-Lo condenado à morte, já que Jesus estava inteiramente em seu poder e já que os sacerdotes esqueciam várias vezes das leis romanas, matando homens com fúria desenfreada, como fizeram a Estevão. Frequentemente tentaram fazer o mesmo a nosso Senhor, visto que não se preocupavam tanto com as leis romanas! Eles podiam ter acabado com a vida Dele nessa ocasião, mas foram conduzidos por um misterioso impulso a colocar a responsabilidade sobre Pilatos.

Mais adiante, estavam dispostos a unir-se à volúvel população para dividir a culpa do sangue de Jesus, todavia neste ponto queriam veementemente lançar a culpa sobre outros. Durante seus festivais, se tomavam sangue inocente, sua hipocrisia os conduzia a desejar fazê-lo de acordo com as prescrições de suas leis e por mãos de terceiros. Para fazer isso, tinham que trazer uma acusação – pelo que nenhum romano condenaria um homem sem uma acusação ser feita.

Essa manhã, consideraremos as duas acusações que eles trouxeram, e depois disso, ouviremos o veredicto de absolvição que Pilatos pronunciou na linguagem do texto: “Não acho nele crime algum”.

I. A primeira acusação, que se vê no capítulo 18, versículo 30, era que Ele era UM MALFEITOR. “Responderam, e disseram-lhe: Se este não fosse malfeitor, não to

entregaríamos”. Diziam que ele era um malfeitor, aquele que faz o que é mal – uma pessoa que levava uma vida tão maligna que não merecia viver. Sobre isso vemos, primeiro, que era uma nova acusação! Ela tinha acabado se sair de suas mentes, pelo que quando estava perante Caifás nada foi dito de nenhum mal que Jesus tinha feito, mas sim do mal que tinha falado. Eles o acusavam por ter dito isso e aquilo, mas não de ter feito algum mal. Tal acusação não havia surtido efeito e, logo, não se aventuravam em usá-la de novo, pois sabiam muito bem que Pilatos não ligava para o que o homem tinha dito – o que o importava era uma real infração da lei por meio de algum ato feito.

Os romanos eram um povo prático, tanto que quando Pilatos levou Jesus à câmara de audiência, perguntou “O que fizeste?” e não, “O que disseste ou pregaste?”. Ele perguntou: “O que fizeste?”. Por essa razão, os sacerdotes trouxeram sua nova e totalmente infunda acusação de que ele era um malfeitor, que poderia significar muito ou pouco, segundo como o ouvinte decidir interpretar – raramente a malícia depende de cargos. A acusação de que era um malfeitor brotou de sua inveja, e não de qualquer ação da vida perfeita de Jesus. É surpreendente como o ódio seja tão cego para atacar Sua perfeição! Independentemente de alguns considerarem nosso Senhor como um mestre, como professor, a franqueza exige que eles admirem Seu exemplo e outorguem a Ele o mais excelso tributo de honra.

Observe que os sacerdotes trouxeram uma acusação contra nosso Senhor que não pretendiam sustentar. Quão astutamente eles se esquivaram de fornecer provas! Não trouxeram nenhuma testemunha, e seus maus perjuros foram esquecidos. Eles inclusive se esquivaram de dar acusações específicas, mas a acusação geral de que Jesus era um malfeitor era sustentada somente por sua reputação. “Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos”, que era como dizer: “Tens que dá-Lo por culpado, pois pelo contrário, não o diríamos. Aqui está nosso Sumo Sacerdote – poderia supor-se que este indivíduo, que é uma verdadeira jóia, traria uma acusação falsa? Nos também somos os principais sacerdotes e os escribas e os mestres de Israel – seria possível que pessoas de nossa posição e santidade trouxessem alguém inocente diante de ti para ser condenada?”.

Já escutei esse tipo de argumento ainda em nossos dias – espera-se que desistamos de nossa fé porque cientistas a condenam, e como são pessoas tão eminentes, temos que aceitar seus comentários sem mais demora! Eu confesso que não estou preparado para aceitar a infalibilidade deles mais do que a que vem de Roma! O governador de Roma não era para ser anulado pelos sacerdotes, nem nós devemos ser levados a fingir que somos homens do saber. “Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos”. Oh, que hipocrisia em sua fala! Tentaram até trazer uma testemunha, mas não encontraram ninguém. Eles contrataram falsas testemunhas, mas diferiram tanto em seus depoimentos, que tudo veio abaixo. Portanto, tentando virar o jogo, colocam seus nomes em apoio à denúncia, como se fosse o suficiente e a investigação não precisasse prosseguir. Parece que vejo o olhar de desprezo de Pilatos no momento em

que pediu que os sacerdotes julgassem, se esse era seu estilo de justiça. Quanto a ele, deveria ouvir uma acusação ou pedir que se fossem e fizessem como quisessem a Jesus. Pilatos sabia que aqueles homens haviam trazido Jesus por inveja e ele odiava esses hipócritas ao momento de ouvir as infelizes sílabas pronunciadas por suas bocas!

Os judeus não poderiam sustentar sua acusação, e assim, foram espertos em não tentar o impossível. Eles talvez fossem audaciosos em corromper as palavras de Jesus, mas hesitaram antes de atacar Seus atos. Ante Sua terrível santidade, eles estavam, no momento, fora de si e não sabiam que calúnia inventar. Oh, Senhor, nos assombramos que um homem possa ter encontrado alguma falta em Ti, pelo que Tu és amável e não há em Ti nenhuma mancha para falsidade mostrar!

Porém quero chamar sua atenção para esse fato extraordinário, que apesar dessa acusação de ser um malfeitor tenha sido grave, falsa e infundada por nenhuma evidência, ela nunca foi negada por nosso Senhor Jesus Cristo! Era inútil negá-la diante dos sacerdotes. Ele já os havia desafiado para encontrar algum delito em Sua vida, dizendo: “Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde os judeus sempre se ajuntam, e nada disse em oculto. Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito. [Jo 18:20,21]”. Seu apelo foi infrutífero como é inútil que um cordeiro entre em uma discussão com um monte de lobos ávidos por devorá-lo. Entretanto deve ter tido alguma utilidade, alguém pensa, na Sua resposta a Pilatos, pois ele estava mui favoravelmente impressionado com seu Prisioneiro – e se o Salvador tivesse se dignado a dar um relato completo de Sua vida e demonstrar que ao invés de malfeitor, havia Ele andado para fazer o bem – Ele não teria escapado?

A resposta é essa: nosso Senhor veio à Terra com o propósito de ser o Substituto dos homens culpados e mesmo quando Ele foi chamado de malfeitor, embora isso não tenha sido verdade, pacientemente suportou Sua vergonha, como está escrito: “E com os malfeitores foi contado.” [Mc 15:28; Is 53:12]. Ele estava disposto a ficar no lugar dos transgressores e quando O colocaram lá, Ele não se mexeu para sair de lá. “como a ovelha muda (...), assim ele não abriu a sua boca [Is 53:7]”. Ele não dizia nada porque Nele não havia pecado, mas Ele havia tomado sobre Si nosso pecado! A pergunta que Pilatos fez – ‘O que você fez?’ – era uma pergunta que Jesus poderia ter graciosamente respondido: “O que eu fiz? Alimentei os pobres, sarei enfermos, levantei os caídos e ressuscitei os mortos. O que eu fiz? Vivi uma vida de abnegação, levando nada para Mim mesmo ou para Minha honra. Fui o justificador de Deus e o amigo do homem. O que eu fiz? Certamente nada pelo que pudessem Me condenar à morte, mas tudo para que me aceitassem como seu Líder e Salvador”. Nós não ouvimos uma só palavra disso. A justificação teria sido completa, mas não foi pronunciada. Ele poderia ter desconcertado seus inimigos, como anteriormente havia vencido aqueles que foram para pegá-lo, pelo que os homens voltaram dizendo: “Nunca um homem falou como Ele”. Ele podia ter se justificado diante do procurador

romano e, saindo triunfante, teria podido escapar de seus dentes. Mas porque Ele quis estar em nosso lugar, ainda que homens pensavam coisas perversas contra Ele, Ele foi surdo e mudo, não abrindo Sua boca; Vamos adorá-lo e bendizê-lo por Sua graciosa condescendência, Sua inigualável Graça em tomar o nosso lugar!

Nosso Senhor, ao ser tido como transgressor por Pilatos, deveria morrer a morte destinada aos malfeitores pela lei Romana. Se os judeus condenaram Jesus à morte por blasfêmia, a pena teria sido o apedrejamento, porém em nenhuma das profecias que foram ditas anteriormente falou-se que Ele morreria por pedras. A pena destinada a Cristo era a crucificação. João diz no capítulo 18, versículo 32: “Para que se cumprisse a palavra que Jesus tinha dito, significando de que morte havia de morrer”. Qual foi essa profecia? Acaso não é a palavra expressada no capítulo 12, versículos 32 e 33 do mesmo livro, que diz: “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. E dizia isto, significando de que morte havia de morrer.”? Ser levantado da terra numa Cruz era uma morte que só poderia vir dos Romanos. Os judeus, como eu já falei antes, costumavam matar culpados por apedrejamento; portanto, Ele deveria ser condenado pelos romanos para que Suas palavras fossem cumpridas. Ele falou mais expressivamente sobre isso na passagem gravada por Mateus, no capítulo 20, versículos 17 ao 19, onde Ele declarou como morreria. “E, subindo Jesus a Jerusalém, chamou de parte os seus doze discípulos, e no caminho disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte. E o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará”. A fim de que a Palavra de nosso Senhor se cumprisse, nosso Bendito Mestre recusou argumentar qualquer coisa ante Pilatos, para a pergunta: “Que fizeste?”. Jesus permanece como transgressor para morrer a morte de um transgressor! Portanto, bendito seja Seu adorável nome para sempre por Sua voluntária aceitação do castigo por nossa causa!

Quando penso na palavra ‘malfeitor’ outra palavra salti diretamente aos meus lábios. Não o chamem de malfeitor, mas sim, BENFEITOR! Quão grande benfeitor é aquele que se permite chamar de malfeitor, para nos beneficiar! Somente pensem naquele que nesse momento se assenta no meio de anjos que O adoram e foi chamado de ‘malfeitor’; pensem que daquele cuja inextinguível provisão de bondade todos os santos na terra e nos céus são alimentados, foi chamado de malfeitor; que aquele que não pensou em fazer mal aos homens, mas que é totalmente amor, aquele cujas todas as palavras e pensamentos foram de bondade para com esta terra caída, Ele foi chamado de malfeitor! Oh, Terra, como pudeste suportar uma mentira tão grande contra a infinita bondade do Filho de Deus! E sem dúvida, seja sempre bendito Seu nome, pois Ele não lança a acusação contra nós, pelo que isso teria nos arruinado. Ele, mansamente, suporta o escândalo por nossos pecados.

Acaso isso não deveria adoçar cada título de reprovação que poderia nos poderia atacar? Pouco importa se nos chamem de nomes ruins! Se eles chamaram o Mestre de ‘malfeitor’, podem nos chamar de coisa pior? Buscaremos a honra ali onde nosso

Capitão não encontrou nada, senão, vergonha? Por essa razão deixemos que nossa glória seja reprovação e vergonha por amor a Jesus!

II. Em segundo lugar, quando os sacerdotes e os escribas descobriram que não bastava somente chamar-Lhe de malfeitor, estes homens vis mudaram sua tática e, de acordo com Lucas, o acusaram de se auto-proclamar REI. Disseram que Ele planejava sedição, que proibia pagamento de tributos a César e que se instituía Rei. Essas eram três grandes mentiras, pois Jesus havia pregado a paz, e não a sedição; Seu exemplo era de submissão, não de rebelião; Seu espírito era de um servo, não o de um líder turbulento de um partido. Ele nunca havia dito para os homens não pagarem o tributo a César, pelo contrário, havia dito: “Dai a César o que é de César” e se submetia a toda ordenança das autoridades. Ele nunca havia se declarado rei no modo que eles pensavam; se tivesse feito isso, muitos dos que eram seus acusadores poderiam ter sido seus partidários.

A acusação contra Jesus de querer se levantar como um rei, no sentido que eles desejavam que Pilatos entendesse, era completamente falsa, pois quando a multidão foi alimentada, queriam levá-Lo e fazê-Lo rei, mas Ele se escondeu. E mais, estava longe de Jesus desejar ser um rei, quando alguém da multidão disse a Ele: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança”. Mas Ele lhe disse: “Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?”. Ele pôs de lado qualquer chance de interferir nos poderes reinantes. Seus acusadores devem ter sabido que se Ele tivesse esse desejo, tinha o poder para poder sustentar suas exigências, como Ele disse a Pilatos que, se Ele fosse um rei de domínio mundano, Seus servos teriam lutado por Ele. Seus seguidores haviam sido valorosos, valentes e entusiasmados e, sem dúvida, teriam dado trabalho tanto para Judeus, como para Romanos se seu Líder tivesse se declarado um soberano.

Porém, nosso Líder mandou que Pedro guardasse sua espada e curou a ferida que Pedro havia provocado. A longo de Sua vida havia pregado o amor e a paz e um reino de justiça e paz. Jesus não era um rival de César, e eles sabiam disso. E, por favor, notem que esta acusação de que Cristo era rei não provinha do poder governante. Quando Pilatos perguntou a nosso Senhor: “És Tu o Rei dos judeus?”, nosso Senhor respondeu sabiamente: “Tu o dizes sobre mim”.

Pilatos, não achando absolutamente nada contra Ele e, na verdade, escarnecendo da ideia de que soubera algo acerca do povo judeu – a quem ele detestava – replicou arrogantemente: “Porventura sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim”. Um grande ponto foi ganho quando Pilatos disse isso – ficou claro que a acusação era uma mera invenção, posto que o olho de águia do procurador romano não via a menor desculpa para a acusação. De maneira bem visível, era uma frívola acusação. Como poderia ser um perigo para César esse homem inofensivo e desamparado? O que os romanos tinham que temer desse

solitário ser sofedor? Ele era manso e puro demais para criar uma guerra e contenda contra o império de Tibério! Olhem para Ele e percebam o absurdo da situação!

Além disso, pareceria algo estranho que o povo judeu levasse diante do governador romano a seu próprio rei. Seria essa a maneira que os súditos tratam seu monarca? Se tivesse sido um líder de uma rebelião, não teria tido êxito com Seus compatriotas, pois os cabeças do povo estão buscando Sua morte. Não havia nenhuma oportunidade de perigo ou rebelião de nenhum tipo, que foi sumariamente abatida pelos próprios judeus. Se eles não estivessem tão enlouquecidos com sua raiva, eles mesmos teriam se retratado de uma posição tão absurda.

Porém, ainda quero que vocês notem muito cuidadosamente que nosso Senhor nunca negou essa acusação da maneira que Ele entendia como verdadeira. Primeiro Ele explicou o que quis dizer como sendo um Rei. Tendo explicado isso, confessou abertamente que era precisamente isso. Ele disse: “Meu Reino”, e Pilatos logo respondeu: “Você é um rei, então?”. Jesus respondeu: “Tu o dizes sobre mim”. Ele era, então, um rei verdadeiro e manifestou isso sem reservas. Nos é dito constantemente que o Reino de Cristo é espiritual, e essa fala é verdadeira. Mas quero que se cuidem para não façam Seu reino sumir como se ele fosse um sonho piedoso. Espiritual ou não, o Reino de Cristo na Terra é real e poderoso. Não é menos real, porém mais real por poder ser chamado, adequadamente, espiritual.

Jesus é, atualmente, um rei. Ele disse: “Eu sou Rei”. Alguns dizem que esse reino ainda não está estabelecido, pois é reservado para o fim dos tempos, porém declaro que Ele é o rei hoje e inclusive agora, Jeová o erigiu como rei sobre o santo monte de Sião. Eu bendigo a Deus porque nos trasladou “ao reino de Seu amado Filho”. “Tu és o Rei da Glória, oh Cristo”. Quando digo: “Que venha o Teu reino”, não significa que ele vai começar a ser estabelecido na terra, mas que continue se estabelecendo em novos lugares, que se extenda e cresça, pois Jesus – nesse preciso momento – tem um reino sobre a Terra e aqueles que conhecem a verdade pertencem a Ele e O reconhecem como real testemunha por quem o Reino da Verdade foi fundado e é mantido.

Vocês se recordam do notável comentário que é atribuído a Napoleão Bonaparte em seus últimos anos em Santa Helena? “Eu fundei um reino pela força, e isso passou; porém Jesus fundou Seu império sobre o amor e, por isso, permanecerá para sempre”. Certamente, o que Napoleão falou é verdade: Jesus é, hoje, o Mestre de um incontável número de corações! O mundo não o conhece, porém ainda assim, Ele tem um reino no mundo que, antes que se passe muito tempo, destruirá todos os outros reinos! Corações verdadeiros e leais se encontram entre os filhos dos homens e neles, Seu nome desperta entusiasmo, de tal maneira que estão preparados para viver e morrer por Ele. Nosso Senhor é o Rei! Ele tem o Seu Trono de Graça, tem Seu cetro de Verdade, Seus oficiais que, como Ele mesmo, dão testemunho da Verdade e Seus exércitos de guerreiros que lutam, não contra carne ou sangue e que não usam armas

carnais, e que todavia saem vencendo. Nosso Senhor tem Seu palácio onde habita, Sua carruagem em que viaja, Seus tesouros – ainda que não sejam tesouros de ouro e prata – Seus decretos, que são Lei em Sua Igreja. Seu poder afeta o destino do mundo nesse momento presente, muito mais que os conselheiros das cinco grande potências: pela pregação da verdade, Seus servos modelam as eras e estabelecem e derrubam tronos da terra. Não há nenhum príncipe tão poderoso quanto Jesus, e não há império tão forte como o Reino dos Céus.

Nosso Senhor também disse que Seu reino não vem deste mundo, pelo que, entendo eu, é a tradução correta da passagem: “O meu reino não é deste mundo”. Não vem deste mundo! É um reino substancial, porém não brotou das mesmas fontes dos reinos do mundo, nem tão pouco, é apoiado, mantido ou incrementado pelo mesmo poder de que dependem os reinos do mundo.

O reino de Cristo não depende da força das armas: Ele deseja que seus seguidores não usem essas armas. O Reino de Cristo não depende, como geralmente os reinos terrenos dependem, da astúcia, da política e da duplicidade. Dizia-se que um embaixador era um cavaleiro que era enviado ao exterior para mentir para o bem do seu país, e temo que isso poderia descrever, com muita propriedade, alguns embaixadores. O que é a ciência da diplomacia, senão, a arte do engano? Quando os estadistas são inteiramente honestos e guiados por princípios geralmente são suspeitos – e um protesto se levanta em favor dos interesses do país, que estariam sendo sacrificados! Porém não há nenhuma diplomacia no governo de Cristo – tudo que se assemelha a uma política distorcida é do demônio, e não de Cristo. Ele veio para dar testemunho da verdade, e não é pela força nem por astúcia que Seu trono é estabelecido entre os filhos dos homens, portanto, não é desse mundo.

Ser um rei, na verdade, é muito pouco errado aos olhos de Jesus, já que esse era seu último propósito em Sua vinda à terra. Ele veio para salvar o homem, certo? Sim, mas Ele ainda diz: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade”, o que é uma outra maneira de dizer: “Para ser Rei”. Esse é Seu ultimato! Cristo é o Mestre para ser Rei; Cristo é um Modelo para ser Rei! Cristo é Salvador para ser Rei. Este é o grande propósito e objetivo que tem em Sua vida, Sua morte, em Sua ressurreição e em Sua segunda vinda: estabelecer um reino entre os filhos dos homens para a Glória de Deus! Oh, que esse grandioso propósito de Sua missão seja promovido em nosso tempo e consumado rapidamente na idade do ouro, prometido há muito tempo!

O Mestre nos diz que a principal força e poder de Seu reino vêm da Verdade de Deus. Ele veio para ser Rei, porém onde está Seu cetro? É a Verdade! Onde está Sua espada? Ela sai de Sua boca: Ele dá testemunho da Verdade. Onde estão Seus soldados? São homens da verdade. Jesus Cristo conduz um grupo de homens de quem diz: “Vós sois minhas testemunhas”. Seu reino consiste em testemunhar a Verdade de Deus e quem são os que se convertem em Seus súditos? São aqueles que,

ouvindo a Verdade, conhecem o alegre som e O aceitam e sentem Seu poder. Queridos ouvintes, cada um de nós deve fazer a pergunta: “Eu pertenço a esse Reino? Quero que esse homem reine sobre mim? Desejo desprender-me de tudo que não seja verdadeiro? Estou ansiando por deixar de lado tudo que é falso e perverso?”

“Será que quero cumprir as Leis de Deus, porque serem a Verdade? Eu desejo divulgar os princípios do amor e da bondade, porque são a Verdade? Estou disposto a aprender e, assim, tornar-me um discípulo do mais grandioso de todos os Mestres e, então, estarei disposto a dar testemunho do que tenho aprendido e, assim, difundir o império da Verdade?” Se sim, eu sou de Seu Reino. Eu sei que me dirijo a muitos que desejam, hoje, que Cristo e Sua Verdade triunfem e que se preocupam pouco com o que possa acontecer a eles. O Evangelho de Cristo há de ser divulgado e os princípios da justiça hão de prevalecer! E quanto a nós, se vivermos ou morrermos, será um assunto de pouca preocupação! Oh, Rei, vive para sempre e nós encontraremos nossa vida em Tua vida e glória promovendo a Tua Glória! Tal espírito é o da Verdade, podemos assegurar a nós mesmos que Jesus é nosso Rei.

Nosso Senhor, havendo explicado seu significado, confessou que era Rei. Isso é ao que Paulo se refere quando disse: “...Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão”. Ele não voltou atrás, dizendo: “Não sou Rei”. Pilatos podia tê-Lo liberado, então. Porém Jesus falou bravamente com relação a Seu bendito, misterioso e maravilhoso Reino e, por essa razão, não era possível que Ele fosse liberto. Isso, na verdade, foi Sua acusação escrita sobre Sua cruz: “ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS”. Pobre Pilatos, ele não entendeu a nosso Senhor, como tampouco, os homens desse mundo conseguiram entendê-Lo. Pilatos perguntou a Jesus: “O que é a Verdade?” e, sem esperar por uma resposta, saiu para ter com os judeus.

Ah, irmãos e irmãs, nunca neguemos que Jesus é o Rei – porém nós negaremos isso se não vivermos de acordo com Seus preceitos. Oh, vós que dizem ser de Cristo, entretanto não vivem de acordo com Suas Leis, praticamente negam que Cristo é o Rei! Eu temo os homens que dizem: “Nós cremos e, por essa razão, somos salvos” e, assim, não vivem em santidade, pois dividem os ofícios de nosso Senhor, defendendo Seu sacerdócio e negando Seu reino! Metade de Cristo não é Cristo - um Cristo que é sacerdote, mas nunca é um rei, não é o Cristo de Deus. Oh, irmãos, vivam como aqueles que sentem que cada palavra de Jesus é Lei e que devem fazer o que lhes é ordenado, do jeito que se ordena e porque Ele nos ordena – assim, todos irão saber que, para vocês, Jesus é Senhor e Deus.

III. Eu concluo percebendo A ABSOLVIÇÃO que Pilatos deu a nosso Senhor Jesus. Ele havia escutado a acusação de que Jesus era um malfeitor, pelo que o Prisioneiro não argumentou nada; ele ouviu a acusação de que Jesus dizia ser um rei, cargo que o prisioneiro havia explicado de maneira sumamente satisfatória. E agora Pilatos, saindo ao povo, disse: “Não acho nele crime algum”. Pilatos falou bem. Seu

veredicto é o veredicto típico de todos que tenham examinado a Cristo. Alguns o examinaram com um olho hostil, mas na proporção em que eles foram íntegros na observação de Seus feitos, se surpreenderam por Sua vida e espírito. É algo muito raro ouvir que até o infiel fale mal do caráter de Jesus. De fato, alguns dos mais importantes cétricos se viram notavelmente impressionados com os ensinamentos do Senhor e sentiram certa admiração por Sua vida.

Não se pode ver na História nenhum caráter como o de Jesus, nem mesmo em alguma novela. Se alguém diz que os quatro Evangelhos são falsificações, que trate de escrever um quinto evangelho que seja como os outros quatro. Pois bem, não é possível acrescentar um incidente à vida de Cristo! Seus detalhes são únicos – nossa imaginação não consegue conceber um incidente fresco que possa ser agregado com segurança ao que tenha sido registrado. Todos os crísticos clamariam: “Isso não é genuíno”. A vida de Jesus é um rolo de tela de ouro, de cuja arte não se tem a menor ideia. Seu caráter imaculado permanece só e único e todos os verdadeiros críticos se veem forçados a dizer que não encontram nenhum delito nEle.

Permitam-me acrescentar aque esse veredicto de Pilatos é o veredicto do todos que tenhm se associado alguma vez a Cristo. Um discípulo que andou com Jesus O traiu, porém não disse uma palavra. E mais, o último testemunho de Judas antes de se enforcar foi: “Pequei, traindo o sangue inocente”. Se houvesse alguma falta em Jesus, o traidor a teria detectado – sua inquieta consciência haveria se alegrado muito se tivesse encontrado ali um sedativo – porém ele foi compelido a dizer: “Pequei, traindo o sangue inocente”. “Quem dentre vós Me convence de pecado?” é o desafio de Jesus, ao que não há resposta. Alguns de nós temos vivido com Cristo espiritualmente. No curso de Sua Providência, Ele aproximou a alguns de nós por meio da doença, ou pela morte de algum ente querido ou pela perda. Todos os salvos por nosso Senhor passaram pela disciplina de Sua casa, “Porque o Senhor corrige o que ama, E açoita a qualquer que recebe por filho”.

Agora, qual é o veredicto de todos os aqui presentes que conhecem a Jesus, nosso Rei? Da minha parte, não encontro nenhum delito nele. Ele é tudo que é amável. Ele é minha salvação e tudo que desejo. Vocês creem que de todos os cristãos que têm vivido esperando em Cristo, algum poderia dizer que Ele decepçiona Seu povo? Dentre tantos crentes que habitam com Ele, nenhum diria, na hora de sua morte, que Jesus não é o que Ele professava ser! Alguém diria “Ah, eu confiei em Cristo, mas Ele não me libertou; tudo é um engano”? Seguramente, das muitas pessoas que temos visto partir, teríamos encontrado um ou outro que teria falado isso e teriam acrescentado: “Ele é um enganador! Ele não pode salvar, não pode ajudar, não pode libertar”. Mas nunca nenhum crente moribundo, através das eras, falou tal maldade dEle! Todos disseram: “nós não encontramos falta alguma nEle”.

Olhem que esse será o veredicto de vocês. Se alguém rejeita a Cristo, estando em Seu tribunal para ser condenado porque não crê nEle, quando a embaraçosa palavra

“Apatai-vos de mim, malditos” o conduz à sua porção eterna, você será, então, obrigado a dizer: “Eu não encontrei nEle falta alguma. Não houve nenhuma falha em Seu sangue – a falha estava na minha falta de fé! Não houve falha em Seu Espírito – a falha estava na minha vontade obstinada! Não houve nenhuma falha em Sua promessa – a falha estava na minha não-aceitação dEle! De modo algum houve falta nEle! Ele nunca me desdenhou. Ele nunca se recusou a ouvir minha orações. Se meus domingos foram desperdiçados, não foi Sua culpa; se eu desafiei o Evangelho, não foi Sua culpa. Se pereci, meu sangue está à minha própria porta. Eu não encontro nEle delito algum!”. De todas as parte da Criação se alcançará uma testificação em Sua perfeição. O céu, e a terra, e o inferno se unirão, todos eles, em um consenso: “nós não encontramos nEle delito algum”.

Vou despedí-los depois de dar-lhe as palavras práticas para que pensem nelas. A primeira é: cuidem-se de um religião externa, pois os homens que chamaram Jesus de malfeitor e falsamente O acusaram eram pessoas rigorosamente religiosas e não quiseram entrar no pátio de Pilatos por medo de se contaminarem! Eles eram rigorosos em rituais, mas fracos na moral. Não há pessoas mais inveteradas contra os princípios do Evangelho que aquelas cuja religião consiste em formas e cerimônias, porém não têm seus corações transformados. Siga a Jesus espiritualmente! Siga Jesus de todo seu coração; Eu exorto vocês a rasgarem seus corações e não suas vestimentas, para que não haja hipocrisia.

A próxima coisa que os exorto, queridos amigos, e exorto a mim mesmo também, a evitar todo tipo de mundanismo como o de Pilatos. Pilatos tratou todo o assunto sem seriedade – ele é um romano orgulhoso e arrogante – odeia o povo que governa e, ainda que tenha uma consciência – e, a princípio, mostra certa delicadeza para com o prisioneiro - sua finalidade era conservar seu posto e sua fortuna. Para isso, sangue inocente deveria ser derramado. Ele tinha que agradar aos judeus, mesmo que tivesse que assassinar o Justo. Esse comportamento egoísta em que um homem converte seu ouro e a ele mesmo em seu deus, sempre trata a religião com desprezo. O homem se preocupa e pergunta de forma rude: “Que é a verdade?” Ele sabe o que dinheiro e poder são, mas o que é a verdade? É um sonho, uma estupidez para ele e ele despreza isso.

Há pessoas aqui entre nós agora, habilidosos homens que são servidores do tempo, com grandiosas noções de suas habilidades e que, para eles, Jesus e Seu Evangelho são assuntos para idosas, serventes e chamam esse grupo de Puritanas. Tais tópicos não são para cavalheiros intelectuais, com seus elevados e poderosos egos. “Que é a verdade?”, eles dizem. Estão inclinados mais favoravelmente à religião, ou seja, não a perseguem, porém a desprezam, o que em alguns aspectos é pior. Dizem: “Somos agnósticos! Não temos pontos de vista particular. Temos um grande coração e deixamos cada pessoa pensar do jeito que ela quiser, mas ainda assim não há nada em tudo isso – é tudo questão de opinião. Um homem diz que uma coisa é a verdade,

vem outro e diz que outra coisa é verdade – como havemos de saber? O fato é que não há nada fixado como verdade absoluta”

***“Para diferentes credos,
deixe que seus fanáticos seguidores briguem.
Não poderia estar mal
quem vive uma vida reta.”***

Essa é a conclusão desse grande homem sobre esse assunto e, sem dúvida, mostra que sua vida não é totalmente reta e, portanto, por sua própria evidência não tem muito gozo de sua preciosa rima. Penso vê-lo se virar com a pergunta “Que é a verdade?”. Que essa seja uma advertência para vocês! Não fiquem tão perto de tal arrogante frivolidade. Sempre serás suficientemente nécio para julgar francamente. Esteja pouco certo de sua infalibilidade que, ao menos, ouça as razões, e inquiria se as coisas são mesmo assim. Ai, eu temo que por meio da altivez mundana muitos ouçam sobre eles o que foi dito de Pilatos – “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos”. Oh, quantas vezes Jesus padeceu sob o poder de pessoas como Pilatos?!

Por último, que possamos ser submissos ao nosso Rei, Jesus! Desfalecido, despido, magro e quebrantado, com Seu rosto mais desfigurado que de qualquer outro homem, ainda assim, devemos nos prostrar diante dEle e dizer: “Salve, Rei dos Judeus. Tu és nosso Rei para sempre e sempre!”. Se estivermos dispostos a reconhecê-lo como nosso Rei em Sua vergonha e humilhação, Ele prontamente nos honrará quando vier a Glória do Deus Pai, acompanhado de todos os Seus anjos. Então será visto que Ele nos fez, os que os seguem, para sermos reis e sacerdotes para Deus, e reinaremos com Ele pelos séculos dos séculos! Amém.

Porções da Escrituras lidas antes do sermão: João 18:28-40 e Salmo 2

Nosso Senhor Jesus perante Herodes

No. 1645

Um sermão pregado na manhã de domingo, 19 de fevereiro de 1882

Por Charles Haddon Spurgeon

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito; porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal. E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia. (Lucas 23:8-9 ACF)

Depois que Pilatos declarou aos principais sacerdotes e aos escribas que não achará nenhum delito em Jesus, esses temeram que sua vítima escapasse, e por isso suas fúrias se levantaram a um nível tão extremo, que persistiram com maior insistência contra Ele. No curso de seus gritos, fizeram menção da palavra “Galiléia”, esforçando-se excessivamente, ao que me parece, para introduzir à força essa palavra: *“alvoroça o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui. (Lucas 23:5)”*

A Galiléia era uma região tida com grande desprezo, e mencionaram esse nome com a intenção de denegrir nosso Senhor, como se tratasse de um rude camponês que pertencia aos seres comuns da Galiléia. Eles pensavam que, para Pilatos, a menção deste nome faria às vezes, talvez, da proverbial capa vermelha com a que se provoca um touro enfurecido, pois mantinham a impressão de que Pilatos tinha sido inquietado por pessoas sediciosos provenientes daquela província. Todos nós recordamos que aqueles cujo sangue Pilatos havia mesclado com os próprios sacrifícios eram galileus. Os galileus tinham a reputação de serem indivíduos ignorantes, inclinados ao desvio seguindo impostores, e eram tão entusiastas, que arriscavam suas vidas contra os romanos. Os sacerdotes não somente queriam lançar menosprezo sobre Jesus, a quem costumavam chamar de “o galileu”, mas também queriam avivar os prejuízos de Pilatos, para que esse o condenasse a morte, já que pertencia a um ninho de rebeldes.

No entanto, estavam equivocados nas consequências de seu plano, pois a atenção de Pilatos foi captada diretamente pela palavra “Galiléia”. Essa província não estava diretamente sob sua autoridade – estava sob domínio do tetrarca Herodes Antipas, portanto, pensou consigo: “posso matar dois coelhos com um tiro só: posso desembaraçar-me desse problemático assunto, se eu enviar esse prisioneiro para Herodes, e também posso agradar muitíssimo ao rei mostrando-lhe essa deferência.”

Pilatos tinha disputado com Herodes, e agora, guiado por um propósito egoísta, resolveu re-estabelecer a amizade, pretendendo uma grande deferência para com os poderes soberanos de Herodes, mostrada ao enviar-lhe um de seus súditos para que fosse julgado por ele. Pilatos, portanto, perguntou: “*é esse homem um Galileu?*”, e quando lhe disseram afirmativamente – pois era Galileu segundo a opinião comum, já que Seu nascimento em Belém tinha sido intencionalmente ignorado - então, Pilatos ordenou imediatamente que fosse enviado a Herodes, já que esse se encontrava em seu palácio em Jerusalém, assistindo ao festival da Páscoa.

Vejam, então, meus irmãos, nosso divino Mestre sendo levado através de Jerusalém em Sua terceira marcha de aflição. Primeiro, foi levado do jardim do Getsemani para a casa de Anás; depois, foi conduzido pelas ruas, desde a casa de Caifás ao petrório de Pilatos; e agora, por ordens deste último, é levado pela terceira vez pela turba irada de sacerdotes, pelas ruas de novo, até o palácio de Herodes, para aguardar lá seu quarto interrogatório.

Alguns dos antigos escritores se agradam em sinalizar que como houve quatro evangelistas para honrar ao Senhor, assim também houve quatro juízes para envergonhá-lo: Anás e Caifás, Pilatos e Herodes. Pisamos em terreno mais firme quando observamos, com a Igreja Primitiva, a coalizão dos pagãos com os judeus: “*porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer.*”(Atos 4:27-28)

Nessa manhã me esforçarei para expor essa porção deste triste relato, sob os subtítulos: *Herodes diante de Jesus*, e *Jesus diante de Herodes*

I. Primeiro quero chamar sua atenção para: **HERODES DIANTE DE JESUS**, porque devem saber algo de seu caráter e algo do significado de suas perguntas, antes que possam entender corretamente a aflição que provocaram a Jesus, nosso Senhor e Mestre

Esse Herodes Antipas era filho do velho Herodes, o Grande, que tinha ordenado a matança dos meninos de Belém¹, esperando assim destruir ao Rei dos Judeus. Ele era um lasca do velho tronco, porem, era ainda muitos níveis mais perverso que seu progenitor. Não tinha nele nada da grandeza de seu pai: havia sim a mesma má disposição, porem, sem o valor e a decisão. Em algumas coisas não superava Herodes o Grande, mas em certos pontos era uma pessoa muito desprezível. Herodes o Grande pôde ser chamado um leão, mas nosso Senhor, muito minucioso, chamou esse Herodes inferior de raposa, dizendo: “*Ide, e dizei àquela raposa*”

¹ Mateus 2:13

(Lucas 13:32). Ele era um homem de dissolutos hábitos e mente frívola – estava em grande medida debaixo da influência de uma perversa mulher, que destruiu qualquer escasso bem que pudera ter existido nele – era um amante do prazer, um amante de si mesmo, depravado, frágil e frívolo em alto estágio. Estou quase reticente em chamar-lhe homem, pelo que só o chamaremos: tetrarca².

Esse desprezível tetrarca tinha sido exposto a influxos religiosos. Todos esses Herodes tinham sentido em algumas épocas a influência da religião em maior ou menos grau, ainda que de nenhuma forma eles foram beneficiados por ela. As impressões provocadas por João na consciência de Herodes não duraram muito tempo. A princípio, foram poderosas e práticas, pois nos é informado que: “Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo; e guardava-o com segurança, e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa mente o ouvia.” (Marcos 6:20)

Eu suponho que Herodes reformou muitos assuntos de seu reino, e se desprende, talvez, de alguns de seus piores vícios – porem, quando ao fim João começou a denunciá-lo por ter tomado a mulher de seu irmão³ para que fosse sua amante – quando essa ainda vivia com seu irmão – lançou aquele que o repreendia em prisão⁴, e depois, vocês lembram como, mesmo aflito, Herodes degolou João na prisão para agradar sua amante Herodias.

Fixem-se nisto: provavelmente não exista uma personagem vivente mais perigosa do que um homem que tenha estado sujeito a influências religiosas, ao ponto de ser materialmente afetado por elas, e que, no entanto, escapou e rejeitou todo temor de Deus. Desprezou sua consciência tão violentamente, que a partir de então conhece poucos escrúpulos. Em um homem assim, se cumpre o dito pelo nosso Senhor: “Quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Tornarei para minha casa, de onde saí. E, chegando, acha-a varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.” (Lucas 11:24-26)

² **Tetrarca** é o governante de um quarto de território: depois da morte de Ao morrer em 4 a.C., Herodes, o Grande deixou disposto em testamento a divisão do reino da Judéia entre seus filhos: a Herodes Antipas, o envolvido no julgamento de Jesus, foi designada a tetrarquia da Galiléia (incluindo a Pereia) (FONTE: Wikipédia)

³ **Herodias** (ou *Herodíade*) foi neta de Herodes, o Grande e irmã de Herodes Agripa I, rei da Judeia. Era filha de Berenice e de Aristóbulo IV (filho de Herodes). Teve como primeiro marido o seu meio-tio por parte de pai Herodes Filipe, com o qual teve uma filha, Salomé. Contudo, Herodias separou-se deste marido para casar com outro meio-tio, Herodes Antipas; este para poder casar com Herodias, teve que se divorciar da sua primeira esposa, Fasaelia, filha do rei nabateu Aretas IV. A união foi condenada por João Batista e gerou animosidade entre o povo, que acusou o casal de incesto. (FONTE: Wikipédia)

⁴ (Mateus 14:3-4)

A mente de Herodes Antipas esteve na condição do aposento que havia sido varrido e adornado, pois sua vida foi de alguma maneira reformada, mas o espírito imundo, com os outros terríveis sete espíritos, voltou a sua velha guarida, e agora era muitíssimo pior do que alguma vez foi antes. O cão voltou a seu vômito, e a porca lavada a revolver-se no lodo.

Esse Herodes era um idumeu, quer dizer, era um dos descendentes de Esaú⁵; um edomita, e ainda que publicamente houvesse se convertido em judeu, o velho sangue permanecia nele, segundo está escrito concernente a Edom, “porque perseguiu a seu irmão à espada, e aniquilou as suas misericórdias” (Amós 1:11) O verdadeiro Jacó estava diante de um tertraca que era da semente de Esaú, profano e mundano como seu ancestral, e pouca foi a compaixão que recebeu. Esaú descendia de Abraão segundo a carne, mas com Jacó foi a aliança segundo o espírito: não é pressagio de nenhum bem para a semente espiritual quando fica, ainda a que seja por um instante, debaixo do poder da semente carnal. Vemos como o filho da carne dedica-se a burlar-se, enquanto que o filho segundo a promessa é chamado a praticar a paciência.

Herodes encontrava-se em tal estado mental, que me proporciona um caráter típico que posso usar para instrução e admoestação de todos vocês. É um tipo de alguns que vêm frequentemente a este Tabernáculo, e que vão ocasionalmente a outros lugares de adoração – pessoas que, uma vez se encontraram sob impressões religiosas, e não podem esquecer que assim estavam, mas que nunca estarão debaixo de nenhuma influência religiosa outra vez. Agora foram endurecidos a uma vã curiosidade: desejam saber sobre tudo o que ocorre na igreja e no reino de Cristo, mas estão extremamente longe de se preocuparem por formar parte e ser porção deles. Estão possuídos de uma vã curiosidade que quer levantar a tampa de ouro da arca, e deslizar-se detrás do véu. Querem compilar todas as absurdas histórias que são contadas acerca dos ministros e repassar todos os singulares comentários feitos algumas vezes pelos pregadores ao largo dos séculos. Eles, com certeza, conhecem todas as fofocas das igrejas, pois se alimentam dos pecados do povo de Deus, da mesma forma que comem do pão. Não é provável que seu conhecimento das coisas religiosas seja de alguma utilidade para eles, mas sempre as buscam com avidez: a igreja de Deus é seu salão, e o serviço divino é seu teatro; para eles os ministros são como atores, e o próprio Evangelho é algo assim como uma parte do cenário teatral. São uma espécie de atenienses religiosos, que passam seu tempo entregues a ouvir algo novo⁶: esperando que talvez ouçam algum especial e inesperado sermão, que possam repassar ao varejo nas seguintes reuniões com seus amigos para despertar

⁵ **Idumeu**, povo da Iduméia, forma latina do nome Edom, pais localizado no Deserto de Negev e do vale de Arabá do qual é hoje o sul do Mar Morto e vizinho ao Jordão, onde estabeleceram-se os descendentes de Esaú. Herodes o Grande era idumeu (Wikipédia)

⁶ Atos 17:21

uma gargalhada. Para eles, toda a pregação é uma farsa, que inchada com umas quantas falsidades de sua própria colheita, convertem-se em uma diversão para eles, e os leva a serem considerados como sujeitos muito divertidos. Que vejam a Herodes e vejam nele seu líder, o arquétipo do que realmente são e do que prontamente serão.

Primeiro vejamos a vã curiosidade em sua melhor atuação. Olhem aqui, senhores, e depois vejam a si mesmo em um espelho e detectem a semelhança.

Para começar, encontramos que a curiosidade de Herodes havia sido estimulada porque tinha ouvido coisas concernentes a Jesus: como chegou a ouvir acerca Dele? Suas grandíssimas obras eram matéria de conversas entre o povo: toda Jerusalém ressoava com as notícias de Seus milagres e de Suas potentes palavras. Herodes, um convertido à fé judaica, como de fato o era, interessava-se em qualquer coisa que passará entre os judeus, e com maior razão se tinha relação com seu reino, pois a suspeita que despertou a ira de seu pai não estava de todo ausente de seu filho.

Sem dúvida, também tinha escutado sobre Cristo por parte de João. João Batista não pregaria muito a Herodes sem que usasse seu grandioso texto “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” (João 1:29) Estou certo de que, ainda que João era um pregador de justiça, não teria deixado de ser um arauto do Salvador que vinha, e assim, dos severos lábios do grande Batista, Herodes teria ouvido acerca do Rei dos Judeus, e algo relativo a Seu reino.

Quando João morreu, Herodes escutou ainda mais sobre Cristo, de tal forma que, maravilhado pelos feitos que estavam sucedendo, disse: “Este é João o Batista; ressuscitou dos mortos” (Mateus 14:2) Jesus se converteu em uma espécie de pesadelo para sua consciência: estava perturbado e alarmado pelo que ouvia do que o profeta de Nazaré estava fazendo.

Além disso, havia uma pessoa em sua casa que sem dúvida conhecia muito do Salvador – pois na corte de Herodes estava o esposo de uma mulher que servia de seus bens ao Senhor. O nome da dama era Joana, e seu esposo Cuza, o procurador de Herodes⁷: suponho que era o mordomo e administrador de sua casa. Cuza pode ter proporcionado-lhe notícias frescas relativas a Jesus, e podemos estar certos de que ampliou suas averiguações, pois o temor do grande profeta estava sobre ele. Dessa maneira, a curiosidade de Herodes tinha sido estimulada quanto a nosso Senhor Jesus Cristo durante um considerável tempo, e desejava vê-lo.

Eu não lamento quando isso ocorre a algum de meus leitores: alegro-me muito de que ouçam algo sobre o Senhor por parte de seus amigos, algo acerca Dele por parte de Seus ministros, e por parte daqueles de nós cuja maior glória é, ainda a que não

⁷ Lucas 8:3

somos dignos de desatar a correia de sua sandália, todo nosso ofício aqui embaixo é clamar: “Eis aqui o Cordeiro de Deus!” Assim, esses rumores, essa prática, essas admoestações tinha gerado o desejo da mente de Herodes de que seus olhos pousassem em Jesus; até aqui tudo ia bem.

Com frequência há homens nesses tempos que vêm à casa de oração para ouvir o pregador – não porque querem ser convertidos, não porque tenham alguma ideia de converterem-se alguma vez em seguidores de Jesus, mas sim porque ouviram algo sobre a verdadeira religião que provoca sua curiosidade, e quiseram saber de que se trata tudo isso – são aficionados nas curiosidades da literatura, também querem estudar as curiosidades da religião, as raridades da oratória, e coisas notáveis de tipo teológicas.

É dito de Herodes, como consequência dessa curiosidade, que se alegrou de ver Jesus. Diz que “alegrou-se muito.” Como é esperançoso encontrar-se nesse estado! Por acaso não poderíamos esperar grandes coisas quando um homem vê a Jesus e se alegra muito? Quando lia essa passagem em privado, pensei: “ora, essa linguagem poderia muito bem descrever a um filho de Deus - nosso texto poderia ser expresso adequadamente em referência a nós” - permitam-me lê-lo linha por linha e comentar-lhe:

“Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito” – de igual maneira se alegraram os apóstolos quando Jesus se manifestou a ele, pois está escrito, “os discípulos se alegraram, vendo o Senhor. (João 20:20)” Que outra visão pode proporcionar tal gozo a um verdadeiro crente?

“Porque desejava vê-lo” – Será que nós não estamos desejosos? Não está todo Seu povo ansiando essa bendita visão que constituirá seu céu ao longo de toda eternidade?

“Porque havia muito que desejava vê-lo” – Isso também é verdade quanto a nós: nossos corações estão cansados de vigiar, e nossos olhos desfalecidos por estarem anelantes da visão de Seu rosto. “Por quê demora?”, clamamos, “vem depressa, amado meu, e faze-te semelhante ao gamo ou ao filho dos veados sobre os montes dos aromas.” (Cânticos 8:14)

“Por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal.” Essa, também, é nossa esperança: queremos ver e sentir algum milagre da graça: seja sobre nossos olhos, para que sejam abertos; ou sobre nossas mãos, para que possamos ter maior poder na obra do Senhor; ou sobre nossos pés, para que corramos nos caminhos da obediência; e especialmente, sobre nossos corações, para que sempre sejamos benévolos e amorosos, puros e agraciados, para sentir a mente de Deus.

Sim, essas palavras soam muito bonitas, verdadeiramente – mas, no entanto, vocês podem ver que o significado não era o espiritual e elevado que uns lhes assinalariam, mas antes, o baixo e rasteiro que era tudo o que Herodes podia alcançar.

Herodes “alegrou-se muito” – porem tratava-se de uma frívola alegria, porque esperava que agora sua curiosidade fosse satisfeita. Tinha a Jesus em seu poder e agora esperava ouvir algo da oratória do profeta de quem os homens diziam: “Nunca homem algum falou assim como este homem.” (João 7:46) Esperava ver realizar algum milagre Daquele de quem o testemunho era: “Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e talar os mudos.” (Marcos 7:37) Por acaso não poderia o grande profeta ser induzido a multiplicar os pães e os peixes? Talvez não poderia persuadir a Ele que curasse a algum mendigo cego, ou fazer algum coxo saltar como um coelho? Um milagre não proporcionaria um raro júbilo para o palácio de Herodes, e não causaria uma nova sensação no desgastado libertino? Sim, por exemplo, um cadáver fosse desenterrado, e Jesus o restaurasse a vida, seria algo digno de se comentar quando o rei desfrutasse da seguinte bebedeira com Herodias e a gente de sua laia. Quando cada um estivera tratando de superar a outro no relato de estranhas histórias, Herodes superaria a todos!

Nesse estilo, muita gente vem a ouvir o evangelho. Querem ter uma anedota sobre um notório pregador, e se não enxergam algo ridículo ou se não ouvem algo impactante, inventarão uma história, e jurarão que a ouviram e a viram, ainda que a mentira pudesse estrangulá-los. Atuam assim por que eles vêm só para nutrir sua faminta curiosidade. Ninguém leva isso a tal ponto como aqueles que uma vez sentiram uma medida do poder da palavra de Deus, mas a lançaram fora com uma sacudida. Esses são os burladores cujas ataduras apertam-se mais – esses são os preguiçosos que convertem até mesmo o testemunho do Senhor em alimento para sua diversão. No entanto, a primeira vista, há algo que parece muito esperançoso acerca deles, e nos agrada que exibam tal gozo quando Cristo é exposto diante deles.

Um sinal negativo quanto a Herodes Antipas foi o fato de que sua consciência havia adormecido depois de ter-lhe remoído por um tempo. Por um breve tempo, Herodes esteve temeroso de Jesus, e o temia por medo de que João houvesse ressuscitado dos mortos – porem, o medo tinha sido aplacado e a superstição cedido diante de seu saduceu ceticismo. Esperava que Jesus fizesse algo maravilhoso em sua presença – mas havia perdido todo medo do Justo e Santo.

Herodes era um homem de mente vã: mandou matar no dia seguinte ao homem que no dia anterior temeu; e ao que receberá com alegria, despedia com escárnio. Não restava a Herodes nenhum sentimento para com Jesus exceto a sede de ver algo novo, e o desejo de ser assombrado, e a ânsia de ser entretido.

Parece que lhe vejo agora sentado em seu trono, esperando presenciar prodígios como um bom frívolo que era. “Agora veremos” dizia para si “agora veremos o que veremos! Talvez se liberte usando a pura força – se ele caminhou sobre o mar, provavelmente voará pelo ar. Talvez ficará invisível, e assim passará em meio dos principais sacerdotes. Ouvi que muitas vezes, quando queriam apedrejá-lo, ou lançar-lhe do despenhadeiro de um monte, Ele se distanciava passando pelo meio deles, talvez faça o mesmo essa manhã.” Ali está ele sentado, o astuto príncipe, imaginando qual iriam ser os poderosos feitos, considerando até mesmo as manifestações do poder divino como meros truques de um artista do espetáculo, ou ilusões de um mago.

Quando Jesus foi apresentado diante dele, começou a fazer-lhe perguntas: “E interrogava-o com muitas palavras.” Alegro-me que as perguntas não estejam registradas: não nos teriam feito nenhum bem – e, além, nossos modernos Herodes são grandes mestres dessa arte em nossos dias, e não precisam que ninguém lhes ensine. Não necessitamos que nos proporcionassem velhas perguntas e velhas astúcias, pois a provisão corresponde a nossos requerimentos. Os néscios podem fazer mais perguntas em dez minutos do que os sábios são capazes de responder em cinquenta anos. Eu digo que não precisamos de velhas perguntas, porém, atrevo-me a dizer que seriam perguntas desse tipo: “És tu esse Rei dos Judeus a quem meu pai intentou matar? Como chegou a ser um nazareno? Foi um milagreiro, ou tudo isso é, mais bem, ilusionismo ou nigromancia?”⁸ João falou-me de Ti; o enganaste ou é verdade? Ressuscitaste aos mortos? Podes sarar os enfermos?” Procurando provocá-lo a realizar um milagre ao longo de todo esse processo, expôs dúvidas e disputou desmembrando volatilmente os termos da lógica, pois o texto menciona sugestivamente ‘muitas palavras’.

Os curiosos em matéria de religião geralmente são muito propensos a fazer perguntas – não que precisem de Cristo, não que necessitem do céu, que precisem do perdão do pecado, não que precisem de nada bom – mas ainda assim, queriam saber tudo aquilo que seja escuro e misterioso teologicamente – queriam ter uma relação das dificuldades da fé, um catálogo das curiosidades da experiência espiritual. Alguns homens colecionam samambaias, outros são especialistas em besouros, mas essas pessoas bisbilhotam a vida da igreja, em suas doutrinas, em seus empenhos, metas, debilidades, e especialmente essas últimas. Poderiam escrever um livro sobre a Inglaterra ortodoxa e a Inglaterra heterodoxa, e refletir com unção sobre extravagâncias mentais. Proporciona-lhes algo novo e incrementa sua coleção de informações, e por isso não poupam perguntas bisbilhoteiras, pois eles querem, se possível, analisar o maná do céu, e destilar as lágrimas de Cristo:

⁸ **Nigromancia** : Arte da adivinhação através da consulta aos mortos. Na Antiguidade esse modo de adivinhar se chamava necromancia. Na Idade Média a Igreja Católica, diabolizando as adivinhações, transformou-o em *nigromancia*, ou seja, modo de adivinhação através da consulta aos demônios. (Fonte: Wikcionário)

nada é sagrado para eles – colocam as Escrituras no cavalo do tormento, e sofismam sobre as palavras do Espírito Santo.

Desta forma, apresentei a vã curiosidade em sua melhor atuação. Agora prossigamos e vejamos como Jesus tratou essa curiosidade, considerando-a sob o título: A VÃ CURIOSIDADE DECEPCIONADA. “E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia!” Se Herodes houvesse possuído um coração quebrantado, Jesus teria se apressado a tapar-lhe com ternas palavras – se Herodes tivesse sido um genuíno buscador, se suas dúvidas tivessem sido sinceras e verdadeiras, a Testemunha fiel e verdadeira, o Príncipe dos reis da terra, teria ficado encantado de falar com ele.

Mas Jesus sabia que Herodes não queria crer Nele e que não tomaria sua cruz nem o seguiria – e, portanto, não desperdiçaria palavras em um libertino sem alma e sem coração. Não havia dito a Seus próprios discípulos: “Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas?” (Mateus 7:6) Ele via nesse homem um ser tão ruim, astuto, covarde e cruel, que o catálogo como uma raposa que tinha de ser deixada tranquila antes que uma ovelha perdida que deveria ser buscada. Ele era uma árvore duas vezes morta e desgarrada. Tudo o que o Mestre fez foi guardar um silêncio absoluto em sua presença – e sem importar o que perguntará “Ele nada lhe respondeu.”

Observem meus irmãos, que nosso Senhor Jesus Cristo não veio a esse mundo para ser um ator: não deixou Sua glória para ganhar a surpreendida aprovação dos homens: e posto que Herodes o considerava como um mero fazedor de milagres, e queria converter sua corte em um teatro no qual Jesus fosse o ator principal, nosso Senhor, sabiamente, guardou silêncio e não fez nada.

E algumas vezes Seus ministros seriam sábios se guardassem silêncio também. Se souberem que os homens não possuem desejos de aprender, que não têm nenhum anelo ou aspiração espiritual, eu digo que seriam sábios se ficassem completamente calados.

Algumas vezes admirei a George Fox⁹, que em certa ocasião, quando a multidão se reuniu a seu redor, esperando que pregasse algum sermão ardoroso, ficou calado por espaço de duas horas, enquanto a multidão clamava pedindo-lhe que falará. Não conseguiram nem uma palavra dele. Disse que queria que passassem fome de palavras, pois palavras eram o único que queriam, e não o poder do Espírito. Provavelmente, lembraram-se de seu silêncio melhor do que teriam recordado seu mais veemente sermão. Algumas vezes, o silêncio é tudo o que os homens merecem,

⁹ **George Fox** (1624–1691) foi um dissidente inglês e o fundador da Sociedade dos Amigos, conhecida geralmente como os Quakers. (Fonte: Wikipédia)

e o único com que com alguma probabilidade os comoveria. Como o Senhor Jesus não era um ator, não agradou Herodes, e não lhe respondeu nem uma só palavra.

Ademais, vocês deverão de lembrar que Herodes já havia calado à Voz, e não se surpreenderão de que não pudesse ouvir a Palavra. Pois, que era João? Ele disse: “Eu sou a voz do que clama no deserto.” (João 1:23) O que Jesus era senão a Palavra? Para aquele que silencia a Voz, muito bem pode ser indeferida a Palavra. A alma superficial de Antipas não tinha sido comovida - estou a ponto de dizer até as suas profundezas – as profundezas que houvera? Não havia sido admoestado por um dos maiores dos filhos dos homens? Pois, entre os nascidos de mulher, não havia se levantado um maior que João o Batista. Não tinha brilhado em seus olhos uma luz ardente e resplandecente? E se ele recusou ouvir ao maior dos nascidos de mulher, e recusou em ver a luz mais brilhante que Deus ascendeu então, não era correto que o Salvador lhe negará inclusive um raio de luz, e deixasse que perecesse nas trevas que ele mesmo havia fabricado?

Ah, senhores, vocês não podem desdenhar as impressões religiosas impunemente. Deus não o considera uma trivialidade. Algum que tenha sido alguma vez comovido em sua alma e tenha rejeitado a palavra celestial, muito bem pode temer que lhe seja dito: “Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem” (Genesis 6:3) “Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o.” (Oséias 4:17)

Alguma consciência aqui presente não deveria – se tivesse ainda que fosse um pouco de visão – ser alarmada pela lembrança de seus rechaços anteriores do Evangelho, de seus frequentes abafamentos do Espírito, de seus repetidos pisões sobre o sangue de Jesus: Se Deus não lhe fala outra vez pela via da misericórdia, não têm nenhum direito de esperar que o faça: e se desde esse dia até o dia do Juízo, o Senhor não lhe dera outra obra palavra de misericórdia, quem poderia dizer que foi tratado duramente? Não mereceu de Sua mão tal como mereceu Herodes?

Mais ainda, lembrem que Herodes teria tido oportunidade de ouvir a Cristo anteriormente centenas de vezes, se houvesse querido fazê-lo. Jesus podia ser encontrado sempre por aqueles que desejavam escutá-lo. Ele não se movia esgueirando na Galiléia, nem sustentava confabulações secretas e encobertas. Sempre falava nas sinagogas e Herodes poderia ter ido lá – Ele falava nas ruas ou nas praias, nas encostas dos montes, e Herodes teria tido possibilidade de ir lá. Jesus estava valorosamente diante do povo, e Seu ensino era público e livre – se Herodes houvera desejado ouvi-lo, teria conseguido ter feito incontáveis vezes: portanto, tendo desprezado todas aquelas oportunidades, o Salvador não lhe proporcionaria outra agora, e trataria da mesma maneira. Ele não lhe responde nada, e ao fazer isso, lhe responde terrivelmente.

Tenham cuidado de não desperdiçar as oportunidades. Queridos leitores, tenham cuidado de como desperdiçam os domingos. Poderia chegar um dia quando

desejarão dar mil mundos por outro domingo, mas lhes será negado. Poderia chegar um dia quando estariam dispostos a entregar toda sua riqueza para terem outra chamada para vir a Cristo, mas lhes será negada: pois deverão morrer, e a voz da misericórdia não ressoará outras vez a seus ouvidos. Aqueles que não querem quando podem, não poderão quando queiram. Muitos tocarão depois de que o Senhor da casa tiver se levantado, e houver cerrado a porta – mas quando Ele fecha, nenhum homem abre. A porta foi fechada para Herodes.

Observem que nosso Senhor tinha uma boa razão para recusar falar com Herodes essa vez, em acréscimo às razões já mencionadas – e consistia em que Ele não queria que se cogitasse que tinha cedido à pompa e à dignidade dos homens. Jesus nunca recusou uma resposta à pergunta de um mendigo – mas não agradaria a curiosidade de um rei. Herodes sonha que têm o direito de fazer quantas perguntas impertinentes lhe ocorra inventar – mas Jesus não sabe nada dos direitos dos homens em uma matéria assim: para Ele conta somente a graça, e para Ele o príncipe sobre o trono não é uma polegada melhor que o campesino em sua cabana, e assim, quando Herodes, em todo seu orgulho e glória, está completamente seguro de que Cristo lhe renderá deferência e, talvez, o adule para ganhar seu favor, Jesus não lhe faz caso. Ele não quer nada com o assassino de João Batista. Se Herodes tivera sido o mais pobre e mais desprezível leproso de toda Judéia – o mais humilde mendigo da rua, que fora coxo ou cego, sua voz teria sido ouvida imediatamente pelo Senhor de misericórdia – mas Ele não ia responder ao príncipe que esperava uma homenagem de Suas mãos, nem alimentaria os vão desejos de um réprobo manhoso. Que favor Ele iria querer das mãos de Herodes? Ele não tinha vindo para ser libertado – Ele veio para morrer, e por isso colocou Seu rosto como uma rocha, e com um valor heróico, não lhe respondeu uma palavra sequer.

Agora, então, já viram à insignificante curiosidade em seu ponto de maior brilho, e a viram decepcionada, como geralmente está até o dia de hoje. Se as pessoas vem para ouvir o Evangelho motivadas por essa vã curiosidade, geralmente se retiram dizendo: “realmente não vejo nada nele. Não temos escutado nada eloquente, nada profundo, nada extravagante.” Assim mesmo é – não há nada no Evangelho para agradar aos sensuais, ainda que tenha tudo para abençoar aos pobres. Jesus não respondeu nada para Herodes, e não lhes responderá nada a vocês que são da mesma laia desse tetrarca. A sentença para os frívolos é que não recebam nenhuma resposta do Evangelho: nem as Escrituras, nem o ministério, nem o Espírito de Deus, nem o Senhor Jesus falarão com eles.

Qual foi o resultado dessa desilusão de Herodes? A vã curiosidade se condensa e se torna escárnio. Pensa que o homem é um tolo, se não é que um idiota, e se o diz, e começa a burlar-se dele. Com seus soldados começa a mofar-se dele, e a “menosprezar-lhe,” que significa abatê-lo a nada. Chama a seus soldados e lhes diz: “olhem para essa criatura: Ele não responde uma só palavra ao que lhe digo: está privado de seus sentidos? Despertem-lhe e vejam.” Então, eles mofam, riem, burlam

e menosprezam-lhe. “Tenho uma ideia” – diz Herodes – “Ele diz que é um rei! Tragam minha reluzente roupa e ponham nele: o vestiremos de rei.” E assim o cobriram com essa roupa, e outra vez se a golpearam sobre Ele, ultrajando-o.

Não foi estranho que o vestiram com um esplêndido manto de um branco deslumbrante? Os escritores medievais se agradavam em refletir sobre o fato de que Herodes vestiu de branco a nosso Senhor, e depois Pilatos o vestiu de púrpura. Ele não é o Lírio do vale e a Rosa de Sarón? Acaso não é incomparavelmente branco por Sua inocência, e também gloriosamente vermelho em Seu sangue expiatório?

Assim, em seu próprio escárnio, ele nos expõe inconscientemente tanto Sua santidade imaculada como Sua majestosa realeza. Quando lhe insultaram até a se satisfazerem, o enviaram de regresso a Pilatos, chutando-lhe a seu capricho dos pés à cabeça, como se fosse uma bola de futebol para sua diversão. Então, nosso Senhor completou Sua quarta procissão dolorosa através das ruas da cidade pela que havia chorado.

Isso é o que, largamente, os ociosos fazem com Cristo – em sua desilusão se cansam Dele e de Seu Evangelho, e clamam: “fora com Ele; não existe nada Nele, nada do que buscávamos nada que satisfaça a curiosidade, nada sensacional; leve ele.” E Jesus se afasta para não voltar jamais: e esse é o fim de Herodes, e é o fim de muitíssimas pessoas más.

II. Meu tempo quase se esgotou; porem sejam indulgentes para comigo enquanto ainda por uns quantos minutos procuro expor a JESUS NA PRESCENÇA DE HERODES. Ainda que não se registre golpes, eu questiono seriamente se nosso Divino Mestre sofreu em alguma outra parte mais do que sofreu no palácio de Herodes. Vocês e eu, talvez, captemos mais facilmente a dor dos sofrimentos mais notórios quando lhe açoitaram e quando teceram a coroa de espinhas e a puseram sobre Sua cabeça, mas a mente delicada e sensível de nosso Senhor, possivelmente, foi mais afetada pelo que sofreu no palácio de Herodes do que pela tortura mais despiédosa.

Primeiro, aqui está um homem totalmente entregue à salvação de nossas almas, e em meio de Sua dolorosa paixão, é considerado como um charlatão e um simples ator, de quem se espera que faça um milagre para diversão de uma ímpia corte. Como se fere um homem sincero no mais íntimo quando descobre que, sem importar o que esse tente, as pessoas não simpatizam com ele sinceramente, mas sim criticam friamente seu estilo, imitam seus modos, ou admiram suas expressões como assuntos de gosto literário.

Quebranta seu coração quando seu ardor lhe faz esquecer o seu ego, só para descobrir que outros estão fixando-se em bagatelas, convertendo seus esforços em uma espécie de espetáculo. O Cristo deve de ter-se sentido ferido em Sua própria

alma quando foi tratado como um mero ator, como se houvesse deixado o seio do Pai e estivesse a ponto de entregar-se à morte, e, no entanto, estivera tratando de divertir e de espantar.

Eu sei como entristece aos servos de meu Senhor quando pregam dando seu coração para levar aos homens ao arrependimento, e o único resultado é provocar o comentário de que “seus argumentos foram surpreendentes, essa patética peça foi muito boa.” Há um espinho em tais palavras gélidas, que penetram mais profundamente que a coroa de espinhos: a horrível indiferença golpeia como o látego romano.

Logo pensar que nosso Senhor é interrogado por um torpe como Herodes! Um homem de uma alma sincera e intensa, vivendo unicamente para uma coisa que era a redenção da humanidade, está aqui sendo afligido pelas néscias perguntas de um home do mundo. Encontraram-se alguma vez em uma agonia de dor corporal, e receberam a visita de alguma pessoa frívola que começa a torturar-lhes com as maiores sandices e contradições? Por acaso não sentiram que suas verborréias eram piores que a dor?

Deve de ter sucedido o mesmo com Jesus. Quando o ridículo interroga ao sublime, o resultado é a calamidade. Com o suor sangrento ainda úmido sobre Sua fronte, e com a maldita saliva ainda enfeando Seu bendito rosto, o Varão de dores deve ser torturado pela estupidez de um ocioso sem coração. Com Seu coração pressionado por um sentido da terrível pena do pecado, o grandioso Substituto dos pecadores deve ser molestado pela mesquinha abundância de palavras e as impudicas burlas de dois do piores seres da humanidade. Resolvendo eternos conflitos, e edificando um templo eterno para o Deus vivente, Ele deve ser vituperado por um orgulhoso tetrarca, atormentado e torturado por néscias perguntas somente inadequadas para serem feitas a um charlatão. Nós cremos que a própria cruz não foi um pior instrumento de tortura que a língua altiva desse corrompido monarca.

Então, o cinismo de todo esse assunto deve de ter torturado nosso Senhor. Todos eles se amontoaram em Seu redor com sua risada rouca e suas profanas burlas. Converteu-se em refrão e motivo de gozação para eles. Quando vocês estão contentes, podem desfrutar de seu júbilo; mas quando o coração está triste, a risada é repugnante, discordial e agrava a vossa dor. Agora esse ri e logo aquele se burla, enquanto que um terceiro saca sua língua e todos eles estão estrepitosamente joviais. Harmoniosamente todos eles estão menosprezando, ainda que, com terrível determinação, Ele está levantando ao mundo fora do pântano do desalento, e colocando em seu lugar entre as estrelas da glória novamente. Jesus estava executando tarefas mais que hércules¹⁰, e esses seres insignificantes, como tantos

¹⁰ Referência aos trabalhos de Hercules, na mitologia Grega: enormes

mosquitos e varejeiras, lhe estavam picando. As coisas pequenas são grandes instrumentos de tortura, e esses seres indignos fizeram o mais que puderam para atormentar nosso Senhor. Oh, a tortura do espírito do Senhor!

Lembrem que não foi uma aflição pequena para nosso Senhor permanecer calado. Vocês me dirão que se mostra majestoso em Seu silêncio. Isso é correto – mas a dor dele foi aguda. Podes falar bem? Encanta-te falar para o bem de teus semelhantes, e saber que quando fala muito frequente tuas palavras são espírito e são vida para aqueles que te escutam? Seria muito duro sentir-se obrigado a recusar-lhes uma boa palavra. Não se imaginem que o Senhor desprezava a Herodes como Herodes desprezava ao Senhor. Ah, não! A piedade de Sua alma se esbanjava até essa pobre criatura frívola que necessitava divertir-se com os sofrimentos do Salvador, e tratar ao Filho do Altíssimo como se fosse um bobo da corte que deve atuar em sua frente. O infinito amor do Salvador lhe estava quebrantando o coração, pois Ele anelava falar a Seu perseguidor, mas, no entanto, não deve falar nem expressar nenhuma palavra de advertência. Certamente que havia pouca necessidade de palavras, pois só Sua presença era um sermão que devia ter derretido a um coração de pedra – mas, no entanto, lhe custou ao Salvador um portentoso esforço manter fechadas as portas das águas, e reter as torrentes de Seu santo discurso, que teriam fluído em argumentações compassivas. Ele devia estar calado – mas a angústia disso dificilmente a posso expor.

Algumas vezes, que seja permitido a algum falar uma palavra é o maior consolo que se poderia receber. Nunca se encontram em tal estado que se pudessem clamar, isso teria sido um alívio para vocês? Que angustias, então, se ver forçado a ser como um mudo! Que aflição se ver forçado a estar quieto com todos esses burladores a Sua volta, e, no entanto, ter compaixão de todos eles! Como um homem que sente compaixão de uma mariposa noturna que voa acima da chama de uma vela e não quer ser libertada, assim nosso Senhor teria compaixão dessas criaturas. Que triste que podiam se divertir com sua própria condenação, e lançar a salvação de Deus ao chão, e rolar ela como os porcos rolam suas alfaborras. Oh, isso afligia ao coração do Senhor: Comovia-lhe até ao centro de Sua alma!

Pensem no supremo desprezo que foi lançado sobre Ele. Eu não julgo que esta tenha sido a mais amarga de Suas aflições, pois Seu desprezo era uma honra para Ele – no entanto, era um ingrediente de Sua copa mesclada de vinagre e fel, que o desprezaram tanto ao ponto de lhe cobrirem de um manto branco, e escarnecerem de Sua dignidade real, quando dessa dignidade real pendia sua única esperança.

Então Herodes com seus soldados “lhe menosprezou,” quer dizer, o rebaixou a nada, e se burlaram e riram Dele, e assim não havia nada mesmo acerca de Sua condição de homem que poderiam respeitar, inventaram formas pelas quais poderiam derrama escárnio sobre Ele.

Lucas é o Evangelho do homem – se querem ler sobre Jesus em Sua humanidade, leiam a Lucas – ali observarão como Sua própria humanidade foi jogada na lama por essas criaturas inumanas, que encontravam seu deleite em desprezá-Lo.

Vejam, então, a vosso Senhor e Mestre, e permitam-me fazer-lhes duas ou três perguntas. Vocês acaso não pensam que esse silêncio peculiar de Jesus era uma parte de Sua angústia, na qual Ele estava suportando o castigo pelos seus pecados da língua? Vamos, vamos! Redimidos do Senhor, como frequentemente abusaram de sua linguagem pelo uso de palavras licenciosas! Qual frequentemente temos expressado palavras murmuradores, altivas, falsas, desprezos às coisas santas; e agora nossos pecados de língua estejam todos caindo sobre Ele, e Ele deve se manter calado ali e suportar nosso castigo.

E não é possível que quando lhe colocaram a esplendida roupa, não estava carregando Ele com seus pecados de vaidade, seus pecados de moda e do orgulho, quando vocês se fizeram gloriosos, e se cobriram com roupas magníficas e vestidos deslumbrantes? Não sabem que essas coisas são sua vergonha? Pois assim se não tivessem tido nenhum pecado, não teriam necessitado desses pobres farrapos; e Cristo não poderia, vestido de branco e púrpura estar carregando com seus pecados de insensatez?, E, não pensam que quando estava reduzindo-lo a nada e escarnecendo-o, estava então levando nossos pecados quando, talvez, em nossos dias de impiedade, nós também nos divertimos com as coisas santas e nos burlamos da palavra de Deus? Vamos, eu creio que assim foi, e eu lhes peço que o olhem, e digam ao vê-lo assim ali: “depois de tudo não é Herodes; é minha língua, minha vaidade, meu jogo com as coisas santas, ou que lhe causou essa sutil tortura. Senhor Jesus, seja meu substituto, faz que todas essas transgressões minhas sejam retiradas de uma vez por todas por Tua meritória paixão.”

Finalmente, lemos que Herodes e Pilatos se fizeram amigos a partir daquele dia¹¹, e eu verdadeiramente espero que se hajam algumas pessoas aqui que sejam cristãos de sincero coração, e que se tenham tido qualquer tipo de inimizade de uns para com outros, que considerem uma grande vergonha que Herodes e Pilatos sejam amigos, e que dois dos seguidores de Jesus não sejam amigos frente ao espetáculo do Senhor sofrendo. Enquanto a essas duas raposas, Pilatos e Herodes, foram colocados juntos, cauda a cauda, por nosso grandioso Sansão.

Nosso Senhor foi com frequência um ponto de união para homens perversos, não por Sua intenção e propósito, mas devido que se uniram com objetivo de se oporem a Ele. Frequentemente sorrio em meu coração ao ver como a superstição e o ceticismo marcham juntos quando estão ansiosos de se oporem ao Evangelho. Então, o saduceu disse: “Dá-me tua mão, querido fariseu; temos um interesse

¹¹ Lucas 23:12

comum aqui, pois esse quer transtornar a nós todos.” O Evangelho é o inimigo mortal tanto do cético saduceu como do supersticioso fariseu, e assim deixam de lado as diferenças para lançarem-se contra Ele. Agora, se os malvados se unem diante de nosso Senhor Jesus quando Ele está vestido com o manto branco, não deveria Seu povo estar mais unido, especialmente lembrando-se que Ele disse: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros.” (João 13:34)

Eu os exorto por sua reverência para com Ele, a quem chamam de Mestre e Senhor, que se por acaso possuem alguma diferença de qualquer tipo com algum irmão cristão, que não permitam que sol se ponha enquanto não houverem dado fim a isso por um sincero amor a Jesus. Que seja visto que Cristo é o grandioso unificador de todos aqueles que estão Nele. Ele quer que nos amemos uns aos outros como Ele nos tem amado, e Sua oração é que sejamos um. Que o Senhor ouça essa oração, e nos faça um em Cristo Jesus. Amém.

O Sonho da Mulher de Pilatos

No. 1647

Sermão pregado na manhã de domingo, 26 de fevereiro de 1882

Por Charles Haddon Spurgeon

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele.” Mateus 27:19

Eu desejava sinceramente continuar com a história dos sofrimentos de nosso Salvador antes de Sua crucificação, mas quando me sentei para estudar o tema, descobri-me absolutamente incapaz desse exercício. “Quando pensava em entender isto, foi para mim muito doloroso (Salmos 73:16).” Minhas emoções se tornaram tão fortes, e meu sentido da dor de nosso Senhor voltou-se tão extremamente vivido, que senti que deveria adiar o tema por um tempo. Mas, ainda que não pudesse vigiar com Ele outra hora, não podia também abandonar a sagrada cena.

Portanto, foi para mim um alívio encontrar-me com o episódio da mulher de Pilatos¹² e seu sonho: permite-me continuar com a linha de minha narrativa, e no caso, relaxar da extrema tensão dos sentimentos causados por uma visão próxima da dor e vergonha do Senhor.

Meu espírito curvou-se diante desse terrível espetáculo. Pareceu-me ter visto ao Senhor quando O levavam de volta da entrevista com Herodes, onde os soldados haviam menosprezado Dele. Segui-Lhe de novo ao longo das ruas, enquanto os cruéis sacerdotes abriam espaço em meio da multidão e o levavam apressadamente ao pretório¹³ de Pilatos. Pareceu-me também ouvi-los nas ruas dizendo que Bárrabas, o ladrão, fosse libertado em lugar de Jesus, o Salvador, e detectei o primeiro surto daquele terrível alarido: “Crucifica, crucifica!” que lançavam por suas gargantas sedentas de sangue: e ali estava Ele, que me amou e se entregou por mim, como uma ovelha no meio dos lobos, sem ninguém que se apiedasse Dele e nem que Lhe ajudasse.

¹² **A mulher de Pilatos:** segundo a tradição, chamava-se Cláudia Prócula; teria sido parenta do imperador Tibério; é citada em homilias de Orígenes, no século II, é esse nome é citado nos Atos de Pilatos, documento anexo ao apócrifo Evangelho de Nicodemos, datado de IV D.C

¹³ **Pretório** (em latim, Praetorium), era originalmente o nome da tenda ou residência do comandante nas fortificações da Roma antiga, uma castra ou castellum. Posteriormente, *praetorium* passou a designar a residência do procurador romano (governador) de uma província romana, e logo, a a sala da audiência para administração da justiça. No caso, o Pretório citado era situado na Fortaleza Antônia, construção da época de Herodes o Grande, que era situada ao noroeste do Templo, usada por Pilatos como residência em Jerusalém

A visão me oprimiu, especialmente quando soube que a seguinte etapa seria a que Pilatos, que o havia inocentado ao declarar: “não acho nele crime algum.” (João 19: 4), o entregaria aos torturadores para que o açoitassem, e os mercenários soldados o coroariam de espinhas e o insultariam sem misericórdia, e para que fosse levado ao povo e apresentado diante deles com aquelas palavras que afligem a alma: “Eis aqui o homem!” Houve alguma vez dor como Sua dor?

Em vez de falar sobre isso hoje, sinto-me inclinado a atuar como os amigos de Jó, de quem está escrito que ao olhá-lo, “levantaram a sua voz e choraram, ... e assentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, porque viam que a dor era muito grande.” (Jó 2: 12-13)

Deixamos momentaneamente ao Senhor para considerar esse sonho da mulher de Pilatos, de quem se fala só uma vez na Escrituras, e quem o faz é Mateus. Eu não sei por que esse evangelista foi o único comissionado para registrar esse sonho – talvez ele foi o único que ouviu sobre ele – mas esse único registro basta para nossa fé, e contêm suficiente material para nos ministrar alimento para meditação. Nós recebemos a história como certificada pelo Espírito Santo.

Enquanto desempenhou seu cargo, Pilatos comportou-se extremadamente mal. Tinha sido injusto e inescrupuloso governante dos judeus. Tanto os galileus¹⁴ como os samaritanos tinha sentido o terror de suas armas, pois não duvidou em massacrá-los diante do mais leve sinal de subversão¹⁵ – e entre os próprios judeus, havia enviado homens com punhais em meio as multidões nas grandes reuniões, para eliminar os que lhe eram odiosos¹⁶. A ganância era seu objetivo, e a altivez governava seu espírito. No tempo em que Jesus de Nazaré foi levado diante dele, encaminhava-se uma queixa feita contra ele ao imperador Tibério, e temia ser chamado a render contas por suas opressões, extorsões e assassinatos¹⁷. Seus

¹⁴ Lucas 13:1

¹⁵ Possível referência ao levante ocorrido na Samaria, quando uma multidão, seguindo a um profeta messiânico, se reuniram armados no monte Gezarim, e Pilatos, temendo rebelião, massacrou violentamente a turba. Spurgeon a cita como antes da crucificação de Jesus, mas provavelmente ocorreu depois, em 35.Dc

¹⁶ Segundo Flávio Josefo, Pilatos mandou construir um aqueduto para levar água das imediações de Belém até Jerusalém. Porém, devido ao alto custo do projeto, resolveu então tomar o dinheiro do tesouro do Templo chamado Korbonan. Este fato deu origem a uma grande rebelião e, para reprimi-la, o governador usou de um cruel stratagem. Mandou que vários de seus soldados fossem à Jerusalém, disfarçados como peregrinos, sem espadas, munidos apenas de um pequeno bastão escondido por entre a roupa. E, quando já se encontravam misturados no meio do povo, todos a uma só vez começaram a golpear os revoltosos. Muitos daqueles que conseguiram escapar das mãos dos soldados, acabaram por morrer pisoteados pela multidão que fugia assustada.

¹⁷ Segundo Josefo, “quando esse tumulto (Na Samaria) foi acalmado, o senado samaritano enviou uma embaixada a Vitélio, o qual tinha sido cônsul, e que era agora o governador da Síria, e acusou Pilatos de assassinato; pois eles não foram a Tirathaba a fim de se revoltar contra os romanos, mas para escapar da violência de Pilatos. Então, Vitélio ... ordenou que Pilatos fosse a Roma, para responder perante o imperador pela acusação dos judeus. Assim, Pilatos, quando tinha completado dez anos na Judéia, apressou-se para Roma, e isso em obediência às ordens de Vitélio, que ele não ousou contradizer; mas antes que pudesse chegar a Roma, Tibério havia morrido.” (*Antiquities of the Jews*, livro 18, capítulo 4, artigo 2, em *The Works of Josephus, Complete and Unabridged*, p. 482) Com a ascensão de Calígula como imperador, Pilatos foi acusado, destituído de seu posto e exilado para Gália

pecados naquele momento estavam começando a castigá-lo: como nos Salmos diz “quando me cercar a iniquidade dos que me armam ciladas”

Uma terrível porção do castigo do pecado é seu poder para forçar a um homem cometer maiores iniquidades. As transgressões de Pilatos agora estavam uivando a sua volta como uma manada de lobos – não podia se enfrentá-las, e não contava com a graça para fugir ao único grande refugio – seu temos antes o conduziu a fugir diante delas, e não havia nenhum caminho aberto para ele, senão aquele que o conduziu as mais profundas abominações. Ele sabia que Jesus era inteiramente sem mancha. No entanto, posto que os judeus clamavam pedindo Sua morte, sentiu que deveria ceder a suas demandas, pois, do contrário levariam outra acusação contra ele, isso é, que não era leal a soberania do Cesar, tendo permitido que escapasse um que havia se declarado rei. Se ele tivesse se comportado com justiça, não teria temido os principais sacerdotes e escribas. A inocência é valente, mas a culpa é covarde. Os velhos pecados de Pilatos o encontraram e o debilitaram diante da presença da infame turba, que de outra forma teria sido deixada fora do pretório. Pilatos tinha o poder necessário para ter-lhes silenciado, mas carecia da suficiente decisão de caráter para acabar com a disputa: o poder havia abandonado sua mente porque ele sabia que sua conduta não suportaria um inquérito, e temia perder seu cargo¹⁸, que sustentava somente olhando para seus próprios fins.

Vejam lá, lamentavelmente essa depreciativa, porem vacilante criatura, titubeando na presença de homens que eram mais perversos que ele mesmo e mais decididos em seu propósito. A feroz determinação dos malvados sacerdotes provocou que, por uma política indecisa, Pilatos se acorvasse em sua presença, e fosse levado a fazer o que satisfatoriamente teria evitado.

O comportamento e as palavras de Jesus tinham impressionado a Pilatos. Digo o comportamento de Jesus, pois sua mansidão sem par deve ter impactado o governador como algo muito incomum em um prisioneiro. Ele havia visto em muitos judeus capturados o feroz valor do fanatismo; mas em Cristo não existia nenhum fanatismo. Pilatos tinha visto também em muitos prisioneiros a baixeza que diria qualquer coisa para escarpar da morte – mas não viu nada disso em nosso Senhor. Viu nele uma docilidade e humildade incomuns, combinadas com uma dignidade majestosa. Contemplou uma submissão misturada com a inocência. Isso fez com que Pilatos sentisse qual terrível era a bondade.

Pilatos estava impressionado – não podia evitar estar impressionado – com esse singular ser sofredor. Além disso, nosso Senhor tinha dado o testemunho de uma boa confissão diante de Pilatos – vocês lembram como a consideramos noutro dia – e ainda que Pilatos tenha desprezado esse testemunho com a petulante pergunta “o que é a verdade?”, e tenha regressado ao pretório, restou uma flecha cravada em seu

¹⁸ Como realmente ocorreu conforme citação anterior

interior que não podia extirpar. Poderia ter sido principalmente uma superstição – mas sentia um temor por alguém de quem suspeitava medianamente que se tratava de uma extraordinária personagem. Pilatos sentia que ele mesmo estava posto em uma incomum posição, ao pedirem que condenasse alguém a quem sabia perfeitamente que era inocente. Seu dever era muito claro - não poderia abrigar nenhuma dúvida a respeito – mas o dever não era nada para Pilatos comparado com seus próprios interesses. Ele perdoaria a vida do Justo se tivesse possibilidade de fazer sem comprometer-se, mas seus covardes temores o rebaixaram a derramar sangue inocente.

No preciso momento em que estava vacilando, quando havia proposto aos judeus que escolhessem entre Barrabás ou Jesus de Nazaré, nessa mesma hora, repito, quando tomou seu lugar no tribunal, e esperava a decisão, lhe chegou a advertência providencial da mão de Deus, uma advertência que ia deixar claro para sempre que, se condenasse a Jesus, o faria voluntariamente com suas mãos culpadas. Jesus tinha que morrer pelo determinado conselho e antecipado conhecimento de Deus¹⁹, e, no entanto, deveria ser por mãos iníquas que ele fosse crucificado e imolado; e, por isso, Pilatos não devia pecar na ignorância. Veio a Pilatos uma advertência proveniente de sua própria esposa, relativa a um sonho matutino, uma visão de mistério e terror, advertindo-lhe que não tivesse nada que ver com esse justo; “porque” – disse ela – “hoje sofri muito em sonho por causa dele.”

Há momentos nas vidas da maioria dos homens nos quais ainda estiverem errados, se não estão demasiadamente assentados na maldade, fazem uma pausa e deliberam quanto a seu caminho – então, Deus, em Sua grande misericórdia, lhes envia um aviso, e coloca um sinal de perigo, ordenando-lhes que se detenham em sua louca disparada antes que se afundem finalmente na ruína irreparável. O tema de nossa presente mensagem explora esse aviso. Oh, que o Espírito de Deus a faça útil para muitas pessoas.

I. Primeiro, peço-lhes sua atenção À COOPERAÇÃO DA PROVIDÊNCIA COM A OBRA DE DEUS. Eu digo que é uma obra de Deus advertir os homens contra o pecado, e lhes peço que vejam à Providência trabalhando com essa obra, para induzir as mentes dos homens enxergarem as prevenções e as advertências da divina misericórdia.

Então, em primeiro lugar, observem à providência de Deus que envia esse sonho. Se algo debaixo da Lua pudesse ser considerado isento da lei, e vir a ser uma criatura do puro azar, certamente essa tal coisa seria um sonho. É certo que houve sonhos nos tempos antigos nos quais Deus falou aos homens profeticamente; porem, ordinariamente, os sonhos são o carnaval do pensamento, um labirinto de estados

¹⁹ Atos 4:28

mentais, uma dança de desordens. Os sonhos que viriam naturalmente à esposa de um governador romano não tenderiam a conter muita ternura nem consciência, e com toda probabilidade, por si mesmos, não teriam que ver com a misericórdia.

Normalmente, os sonhos são os fenômenos mais desordenados, porém, pareceria ser que são ordenados pelo Senhor. Posso entender muito bem cada gota de espuma do mar que salta pela onda quando se choca com o farol tem sua orbita já fixa tão certamente como as estrelas do céu – porém, os pensamentos dos homens pareceriam ser completamente sem lei, especialmente quando o sono profundo cai sobre eles. É tão impossível predizer o vôo de um pássaro como o curso de um sonho. Essas extravagantes fantasias parecem ser indomáveis e ingovernáveis. Muitas coisas operam naturalmente para modelar um sonho. Os sonhos dependem frequentemente da condição do estômago, e dos alimentos e bebidas ingeridas pelo sonhador antes de se retirar ao descanso. Com frequência devem sua forma ao estado do corpo ou da agitação da mente. Sem dúvida, os sonhos podem ser causados pelo que ar que transpira no aposento da casa: um pequeno movimento da cama provocado pelas rodas que passam, ou o ruído das pisadas de um grupo de homens, ou talvez o passo de uma empregada doméstica através do piso, ou até mesmo as corridas de um rato atrás da coluna da parede poderiam sugerir ou moldar um sonho. Qualquer leve assunto que afete os sentidos nesse momento pode fazer surgir na mente adormecida um turbilhão de idéias estranhas.

No entanto, qualquer que fosse a causa que operou no caso dessa dama, a mão da providência estava em tudo nela, e sumamente, ainda que era livre como o vento, não perambulou à deriva, mas sim justamente de acordo com a vontade de Deus, para efetuar o propósito divino. Tinha que sonhar justamente com isso, e nada mais do que isso, e esse sonho deveria ser de tal ordem, e de nenhuma outra. Inclusive, no país dos sonhos não se conhece outro deus que não Deus, e ainda mesmo os fantasmas e as sombras vem e vão segundo Suas instruções, e nem as imagens de uma visão noturna podem escapar da suprema autoridade do Altíssimo.

Vejam a providencia de Deus no fato de que o sonho da mulher de Pilatos, independente de sua causa, foi de tal forma e chegou a um momento como esses. Alguns antigos escritores atribuem seu sonho ao demônio, que dessa forma, esperava prevenir a morte do Senhor e impedir nossa redenção²⁰. Não estou de acordo com essa ideia – mas ainda que assim fosse admiraria mais ainda a providência, que invalida até mesmo os ardis de Satanás para cumprir os propósitos da sabedoria. Pilatos devia ser advertido para que sua sentença fosse seu próprio ato e sua própria ação, e essa advertência lhe é dada por meio do sonho de sua esposa. Assim trabalha a Providência.

²⁰Entre esses, Santo Inácio e Beda, o Venerável, (fonte: Padre. Divino Antônio Lopes FP, em http://www.filhosdapaixao.org.br/escritos/comentarios/paixao/paixao_cristo_022.htm, site não recomendado pelo Projeto Spurgeon)

Continuando, observem a providência de Deus ao dispor que com esse sonho, houvesse um grande sofrimento mental. “Padeci muito em sonhos por causa dele!” Eu não poderia saber que visão passou por diante dos olhos de sua mente, mas foi algo que lhe causou uma terrível agonia.

Um artista moderno pintou um quadro do que ele se imaginava o que era o sonho²¹, mas eu não vou tentar seguir esse grande homem no exercício de sua fantasia. A mulher de Pilatos pode ter contemplado em seu sonho o terrível espetáculo da coroa de espinhas e dos açoites, ou inclusive a crucificação e a agonia da morte – e, em verdade, não conheço nada que consiga fazer sofrer ao coração muitas das coisas concernente ao Senhor Jesus, do que um olhar à sua morte. Em volta da cruz reuni-se suficiente dor para provocar várias noites de insônia, se a alma resta uma ponta de ternura.

Ou quem sabe seu sonho pode ter sido de um tipo muito diferente. Poderia ter visto em visão o Justo vindo nas nuvens do céu. Sua mente pode ter visto o Senhor sobre o grande trono branco, e tratava-se do mesmo homem a quem seu esposo estava prestes a condenar a morte. Poder ter visto seu esposo quando era levado a juízo, sendo um prisioneiro que deveria ser julgado pelo Justo que ele tinha acusado no passado. Poderia ter despertado aflita pelo grito de seu esposo quando esse submergiu no abismo que não conhece fundo.

Qualquer coisa que tenha sido, ela tinha experimentado repetidas e dolorosas emoções no sonho, e despertou aflita e atônita. O terror da noite se apoderou dela, e ameaçava converter-se em um terror para ela pelo resto de seus dias; portanto, ela se apressou em deter a mão de seu esposo.

Agora, nisso está a mão de Deus, e a simples história serve para provar que os errantes ciganos²² dos pais dos sonhos seguem debaixo de Seu controle, e pode fazer que produzam turbacão e angustia, se algum grande fim há de conseguir por eles.

É igualmente notável que ela enviasse a mensagem a seu marido: “Não tenhas nada que ver com esse justo.” Nós esquecemos a maioria dos sonhos – mencionamos como notáveis alguns, e somente de vez em quando nos grava um de tal forma que o lembramos durante anos. Dificilmente algum de vocês tenha tido algum sonho que

²¹ Spurgeon pode estar se referido a gravura “O sonho da esposa de Pilatos” (em francês, *Le Rêve de la femme de Pilate*), de Paul Gustave Doré (Estrasburgo, 6 de janeiro de 1832 — Paris, 23 de janeiro de 1883) que foi pintor, desenhista e o mais produtivo e bem-sucedido ilustrador francês de livros de meados do século XIX. Ilustro várias cenas Bíblicas e centenas de outras obras, como as de Dante, Edgar Allan Poe e Miguel de Cervantes; em 1869, ilustrou o livro *Londres Um peregrinação*, e foi um sucesso literário (fonte: Wikipédia)

²² Spurgeon usa a expressão: *wandering Zingari* que se traduz como errantes zingaros, o seja, ciganos, particularmente da Europa Central (Nota do tradutor ao espanhol Allan Román)

os tivesse conduzido a enviar uma mensagem ao magistrado em seu tribunal. Esse recurso seria utilizado somente em um caso urgente. Ainda que o juiz fosse seu próprio marido, a senhora duvidaria muito antes de preocupá-lo com seus sonhos, enquanto ele estava ocupado com importantes assuntos públicos. Geralmente, um sonho pode esperar até que o trabalho termine.

Porem, a impressão era tão profunda que permanecia na mente dessa dama romana, que não espera até que seu marido regresse para casa, mas antes, lhe envia uma mensagem imediatamente. Seu conselho é urgente: “Não tenhas nada a ver com esse Justo.” Ela tem que adverti-lo agora, antes que ele dê um golpe, e com maior razão, antes que ensanguente suas mãos com Seu sangue. Não lhe enviou a dizer: “faz algo leve com Ele, e açoite-lhe e deixá-lo em liberdade”, mas sim, “Não tenhas nada a ver com Ele. Não digas nem uma só palavra áspera, nem lhe faças nenhum dano! Libertá-lo de Seus adversários! Se há de morrer, que seja por outra mão, e não pela sua! Meu marido, esposo meu, esposo meu, lhe suplico, não tenhas nada a ver com esse justo! Deixá-lo em paz, lhe rogo!”

Ela formula sua mensagem muito enfática. “Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele. Pense em sua mulher! Pense em você mesmo! Meus sofrimentos por causa desse Santo devem de servir de advertência para ti. Eu lhe rogo que o deixe em paz!” E, no entanto, sabem, sua mensagem soa mais bem autoritária a meus ouvidos, sendo a mensagem de uma mulher a seu marido, sendo ele um juiz! Contêm um tom que não está normalmente presente nas comunicações das esposas com seus esposos. “Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele.”

Assim, mostra uma maravilhosa providência de Deus que essa dama tivesse sido levada a enviar uma mensagem tão forte a seu obstinado marido, para instar com ele, para impetrar com ele, para implorar-lhe, quase que exigindo dele que deixasse ir a esse justo. Oh, Providência, quão poderosamente pode trabalhar! Oh, Senhor, o serafim te obedece, porem Tu encontras um servidor igualmente disposto em uma esposa que, a Teu mandato, se interpõem entre seu esposo e um crime.

Ademais, quero que notem sobre essa providência o tempo peculiar na que chegou essa advertência. Era evidentemente um sonho da manhã: “porque num sonho muito sofri.” O dia mal havia despontado: ainda era cedo de manhã. Os romanos criam na superstição de que os sonhos matutinos são verdadeiros. Suponho que ela teve esse sonho depois de que seu esposo saiu. Se me permitisse que não assinalasse um fato, mas sim só fazer uma conjectura que me parece sumamente provável, ela era uma mulher muito amada, porem enferma, pelo que precisava descansar até mais tarde que seu esposo; e quando ele abandonou seu leito, ela teve ainda outro sonho, e sendo uma pessoa sensível, e mais propensa a sonhar, despertou-se de seu sonho matutino oprimida por um terror do qual não podia se livrar.

Pilatos havia ido, e a ela foi dito que ele se encontrava no pretório. Ela perguntou a seus assistentes por que Pilatos tinha ido para lá tão cedo, e eles responderam que tinha ocorrido um incomum clamor no pátio²³, pois os principais sacerdotes e uma multidão de judeus tinha estado lá, e o governador havia saído a vê-los. Possivelmente também lhe disseram que Jesus de Nazaré tinha sido levado prisioneiro ali, e os sacerdotes estavam exigindo de Pilatos que O matasse, ainda que tivessem ouvido que o governador dizia que não encontrava delito algum Nele.

“Anda” – disse a sua serva – “chama a um dos guardas, e pede-lhe que vá de imediato a meu esposo, e lhe comente o que eu te lhe falarei. Pede-lhe que fale alto, para que alguns dos cruéis judeus possam ouvi-lo, e desistam de seu atroz propósito: que diga que eu lhe imploro a meu marido que não tenha nada que ver com esse justo, por que sofri muito em sonhos por causa dele.”

Vocês vêem que precisamente no momento em que se sentou no tribunal, lhe cegou a advertência. Quando houve uma pequena pausa, e Pilatos estava ansioso de absolver a seu prisioneiro, nesse preciso instante de tempo que era mais esperançoso, esse peso foi lançado no lado direito da balança, introduzido de uma maneira sumamente sábia e misericordiosa, para evitar que Pilatos cometesse esse horrível pecado. A advertência chegou ao momento exato, como dizemos, ainda que, ai, chegou em vão!

Admirem a pontualidade da Providência. Deus nunca se adiante; e nunca se atrasa. Será visto no que concerne a todo o que faz que o mesmíssimo dia estabelecido pela profecia chega o cumprimento. Minha alma teme enquanto canta a glória de seu Deus, cuja providência é sublime como as rodas de Ezequiel: porem, as rodas estão cheias de olhos, e ao girar, todos os ao redor são observados e atendidos de tal forma que não há equívocos nem inadvertências, nem acidentes nem demoras. A operação do Senhor é pontual e eficaz.

Com isso concluído em relativo à Providência, penso que todos estão de acordo em que meu ponto está demonstrado: que a Providência está sempre trabalhando conjuntamente com a graça de Deus. Um grande escritor que não sabe muito sobre as coisas divinas, nos disse, no entanto, que ele percebe um poder no mundo que trabalha para justiça. Isso é exatamente assim! Falou muito bem, pois esse é o principal dos poderes.

Quando vocês e eu saímos a advertir aos homens do pecado, não estamos sós, toda a Providência nos apóia. Quando pregamos a Cristo crucificado, somos obreiros conjuntamente com Deus; Deus está trabalhando conosco, como também por nós.

²³ Da Fortaleza Antônio, diante do Petrório, provavelmente (N.T)

Tudo o que ocorre está conduzindo até o fim para o que trabalhamos, quando buscamos convencer aos homens do pecado e de justiça.

Sim, e os assuntos doméstico, tais como a morte dos filhos, a enfermidade das esposas, os prejuízos do trabalho, a pobreza da família, e milhares de outras coisas estão trabalhando, trabalhando e trabalhando para o melhoramento dos homens; e vocês e eu, ao prestar nossa própria debilidade para cooperar com Deus, estamos marchando com todas as forças do universo. Então, recebam consolo disso. Oh, trabalhadores de Jesus que sofrem muitas coisas por Ele, tenham muito ânimo, pois as estrelas em seus cursos lutam pelos servos do Deus vivo, e as pedras do campo estão em aliança com vocês.

II. Em segundo lugar, eu deduzo dessa história A ACESSIBILIDADE DA CONSCIÊNCIA PARA COM DEUS. Como devemos de ter acesso a Pilatos? Como o advertiremos? Pilatos rejeitou a voz de Jesus e a presença de Jesus. Não poderiam ir a ele por Pedro para que contendesse com ele? Ai, Pedro negou a seu Mestre! Não poderiam então trazer João? Inclusive ele abandonou ao Senhor. Onde se poderia encontrar algum mensageiro? Será achado em um sonho. Deus chega aos corações dos homens, apesar de tão endurecidos que possam estar. Nunca os dêem por perdidos – nunca percam as esperanças de despertá-los.

Se meu ministério, seu ministério, ou o ministério do bendito Livro parecessem todos como nada, Deus pode alcançar a consciência por meio de um sonho. Se a espada não pode alcançar, então o que pareceria ser uma flecha perdida proveniente de um arco disparado ao acaso encontrará a juntura da armadura. Creremos em Deus enquanto aos homens malvados, e jamais dizer deles: “é impossível que sejam convertidos.” O Senhor pode ferir ao leviatã, pois Suas armas são muitas e adequadas contra o inimigo.

Eu não creio que um sonho teria um efeito sobre minha mente para convencer-me – porem, certas mentes estão abertas nessa direção, e para elas um sonho pode ser um grande poder. Deus pode usar até mesmo a superstição para efetuar Seus benéficos propósitos.

Melhor ainda, Pilatos era acessível através do sonho de sua mulher. Henry Melvill²⁴ tem um maravilhoso discurso sobre esse tópico, no qual tenta mostrar que provavelmente, se Pilatos houvesse sonhado ele mesmo esse sonho, não teria sido tão eficaz para ele como que sua mulher o houvesse sonhado. Ele toma como suposição – que ninguém pode negar – que Pilatos tinha uma mulher muito afetuosa e terna, e que era muito amada por ele. A única breve narração que possuímos dela dá certamente essa impressão; é evidente que ela amava ternamente a seu marido, e

²⁴ **Henry Melvill (1798-1871)** foi um sacerdote da Igreja da Inglaterra, e diretor do *East India Company College* 1844-1858. Posteriormente, atuou como cônego e pregador da Catedral de S. Paulo, Londres.

por isso queria impedir que ele atuasse injustamente com Jesus. Enviar uma advertência por meio dela era alcançar a consciência de Pilatos através de seus afetos. Se sua amada esposa estava turbada, era certo que isso pesaria grandemente em seu animo: pois ele não queria que ela se perturbasse. Pilatos ansiava proteger sua amada de qualquer brisa do vento e dá a ela perfeito consolo, e quando ela lhe pede algo, ele deleita-se em conceder-lo: não é, portanto, um pequeno problema para ele que ela esteja sofrendo, e sofrendo tanto como para enviar-lhe uma mensagem, sofrendo por causa de um que merece sua boa opinião, um que ele mesmo sabe que não há cometido nenhum delito.

Se essa dama era certamente a esposa de Pilatos desde sua juventude, terna e muito amada, e se estava enfermando gradualmente diante de seus olhos, seu pálido rosto se ergueria ante seu amoroso olhar, e as palavras suaves teriam um poder ilimitado sobre ele quando lhe disse: “Sofri muito em sonho.” Oh, Claudia Prócula, se esse era seu nome, fez bem o Senhor de misericórdia confiar Sua mensagem a seus lábios persuasivos, pois de ti brotaria com uma influência dez vezes maior.

A tradição declara que essa dama era cristã, e a igreja grega a colocou em seu calendário como uma santa. Para isso não contamos com nenhuma evidência; todo o que sabemos é que era a esposa de Pilatos, e que usou de sua influência de esposa para tratar de impedir que cometesse esse crime. Qual frequente uma terna mulher, sofrida e amorosa, exerceu um grande poder sobre um homem tosco e rude! O infinitamente Sábio está certo, e por isso frequentemente lhes fala aos pecadores mediante essa agência influente. Ele converte a uma pessoa da família para que seja Sua missionária para os demais membros. Dessa forma Ele fala com algo melhor do que as línguas dos homens e dos anjos, pois usa ao amor mesmo para que seja Seu orador. O afeto possui mais potência do que a eloquência.

Por isso, meu amigo, Deus lhe enviou durante breve tempo a essa amada menina que conversava contigo acerca do Salvador. Ela se foi ao céu agora, porem a musica de seus pequenos hinos ressoa em seu ouvido até mesmo nesse momento, e sua conversa sobre Jesus e os anjos permanece ainda contigo. Ela foi chamada para casa – porem Deus a enviou para você por uma estação de tempo para lhe chamar atenção e lhe ganhar para o reto caminho. Dessa forma Ele lhe pediu que abandonasse o pecado e viesse a Cristo.

E sua amada mãe, que agora está diante do trono, lembra o que lhe disse quando ela agonizava? Você escutou-me muitíssimas vezes, mas não tinha escutado jamais nenhum sermão de minha parte como essa mensagem que veio de seu leito de moribunda. Você não poderia esquecê-la, nem ficar livre de seu poder. Cuida que não a trate descuidadamente. Para Pilatos, a mensagem de sua mulher era o ultimato de Deus; já não voltou a advertir-lhe nunca mais, e mesmo Jesus ficou calado diante dele.

Oh meu amigo, para você poderia ser que sua filha, ou sua mãe, ou sua afetuosa esposa fora a ultimo mensageiro de Deus, o esforço final do anjo admoestador para lhe conduzir a uma mente renovada. Um amoroso parente suplicando com lagrimas é frequentemente a remota esperança da misericórdia. Um ataque planejado tão habilmente e conduzido tão sabiamente pode ser considerado o último assalto do amor sobre um espírito obstinado, e depois disso será abandonado a seus próprios artifícios.

A seleção da esposa foi feita sem dúvida pela infinita sabedoria e ternura, pois se fosse possível que Pilatos fosse detido em sua carreira de crime e fosse fortalecido para concluir um ato de justiça por meio da qual teria evitado o mais terrível dos crimes.

Assim que, então, podemos concluir com segurança que o Senhor tem Seus missionários ali onde o missionário urbano não pode entrar. Ele envia as criancinhas a cantar e orar lá onde o pregador jamais é ouvido. Ele move a piedosa mulher a proclamar o Evangelho com sua boca e com sua vida onde a Bíblia não é lida. Ele envia a uma doce menina para que cresça e ganhe a um irmão ou a um pai onde nenhuma outra voz seria permitida falar de Jesus e de Seu amor. Damos graças a Deus que assim seja – proporciona esperança para os lugares dessa cidade atéia – nos dá esperança mesmo por aqueles pelos quais o alarme do domingo toca em vão. Eles ouvirão, eles devem ouvir esses pregadores do lar, a esses mensageiros que lutam com seus corações.

Ai! E permitam-me agregar que onde Deus não usa um sonho, nem usa uma esposa, Ele pode acessar as consciências dos homens sem usar meios visíveis, antes, por pensamentos que chegam ser serem convidados e que permanecem na alma. Verdades enterradas por longo tempo subitamente se levantam, e quando o homem está no próprio ato do pecado, é detido no caminho, como Balaão foi detido quando o anjo encontrou-se com ele. Frequentemente, tem acontecido que a consciência esbarra com um homem culpado no mesmo momento em que ele tinha a intenção do prazer comprado com agravo, como Elias se encontrou com Acabe á porta das vinhas de Nabot! Que susto o rei tomou quando avistava o profeta: teria preferido ver o próprio demônio antes que Elias. Furiosamente grita: “Me achaste, meu inimigo?” Ainda que, realmente, Elias era seu melhor amigo, se o tivesse tido conhecimento. Muitas vezes a consciência bruscamente ataca a um homem quando o requintado manjar do pecado foi saboreado em sua língua e está apenas sentando-se para desfrutá-lo: a visita da consciência converte o mel roubado em amargura, e o gozo proibido em angustia. A consciência com frequência espregueada na selva como um leão, e quando o pecador via passando pelo largo caminho, salta sobre ele, e durante um momento se vê em sérios apuros.

O homem mal é comparável ao leviatã, de quem lemos que a glória de seu vestido são escudos fortes, amarrados fortemente entre si – de tal forma que a espada que

seja lançada sobre ele não pode resistir, nem a lança, nem o dardo nem o dardo – e, no entanto, o Senhor tem a maneira de chegar a ele e de ferir-lhe gravemente. Portanto, devemos esperar e orar em relação ao piores homens.

Irmãos e irmãs, usem para o bem dos homens qualquer coisa que se interponha em seus caminhos. Usem não somente o sóbrio argumento e a sã doutrina, mas até mesmo se um sonho tocou seu coração, não duvidem de reparti-lo onde possa causar efeito. Qualquer arma pode ser usada nessa guerra. Porem, assegurem-se de buscar efetivamente as almas dos homens, todos vocês. Vocês que são esposas, sejam movidas especialmente a realizar essa sagrada obra. Lembrem-se da mulher de Pilatos, e pensam nela no momento que entregam afetuosamente a advertência a seu esposo, e vão e façam o mesmo. Nunca deixem de dar a um esposo ímpio a palavra que poderia convertê-lo do erro de seus caminhos. E vocês, amados filhos, vocês irmãs, vocês que são do tipo mais gentil, não duvidem, em suas própria maneira tranquila, em serem os arautos de Jesus no lugar que lhes houver correspondido.

Enquanto a todos nós, estejamos atentos para aproveitar cada ocasião para reprimir o pecado e promover a santidade. Devemos advertir os ímpios imediatamente – pois o homem também a quem somos enviados não cometeu ainda o ato fatal. Precisamos nos colocar na fresta enquanto ainda haja espaço para o arrependimento. Pilatos está agora mesmo sentado no tribunal. O tempo é precioso. Rápido! Rápido! Antes que cometa o feito de sangue! Enviem-lhe o mensageiro! Detenham-lhe antes que o ato seja consumado – ainda que ele se queixe por sua interferência! Digam a ele: “Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele, e lhe rogo que não faças nada contra ele.”

Esse é nosso segundo ponto. Que Deus o abençoe – ainda que eu não possa pregar sobre ele como eu quisera, o Espírito Santo pode infundir-lhe poder.

III. Em terceiro lugar, temos agora a lamentável tarefa de observar O FREQUENTE FRACASSO MESMO DOS MELHORES MEIOS. Aventuro-me a dizer que, humanamente falando, o melhor instrumento para tocar a consciência de Pilatos era que sua mulher fosse conduzida a censurar-lhe. Ele somente escutaria a alguns quantos aqui e ali, porem, a ela sim escutaria com certeza – e, no entanto, mesmo a advertência de Prócula foi em vão. Qual foi a razão?

Primeiro, o interesse próprio estava envolvido no assunto, e esse é um fator poderoso. Pilatos temia perder seu cargo de governador. Os judeus se irariam se não obedecia suas cruéis exigências – poderiam se queixar com Tibério e perderia sua lucrativa posição.

Ai, coisas semelhantes a essas estão mantendo cativos a alguns de vocês nesse momento. Não podem se permitir serem sinceros ou retos, pois isso custaria muito. Conhecem a vontade do Senhor – vocês conhecem o que é reto – porem, renunciam

a Cristo fazendo de desentendidos dele, e ao perseverarem nos caminhos do pecado para ganhar seu lucro. Temem que ao serem verdadeiros cristãos, implicar-lhes-ia a perda da boa vontade de um amigo, ou o patrocínio de um ímpio, ou a aprovação de um influente mundano, e isso vocês não podem tolerar. Contam o custo, e calculam que é demasiadamente alto. Resolvem ganhar ao mundo, ainda que percam suas almas! O que passa então? Irão ricos para o inferno! Esse é um triste resultado! Acaso enxergam algo desejável em um sucesso tal? Oh, que considerem seus caminhos e escutem a voz da sabedoria!

A seguinte razão que explica o porquê que a petição de sua mulher foi ineficaz foi o fato de que Pilatos era um covarde. Ele era um homem com legiões que o respaldavam, mas, no entanto, estava temente de uma turba judia, temeroso de libertar um pobre prisioneiro que ele sabia ser inocente – temeroso porque sabia que sua conduta não toleraria uma inspeção! Pilatos era, moralmente, um covarde! Multidões de pessoas vão ao inferno por que não tem o valor de lutar para abrir caminho para o céu. “Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos ... a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte.” (Apocalipse 21:8) Assim diz a palavra de Deus. Elas têm medo de trombar com a risada do néscio, e assim se apressam ao menosprezo eterno. Não poderiam tolerar serem arrancados de seus antigos companheiros, e provocar comentários e o sarcasmo dos ímpios ingênuos, e assim conservam seus companheiros, e perecem com eles. Não possuem a firmeza de dizer “Não,” e nadar contra a corrente – são criaturas tão covardes que preferem perderem-se eternamente antes que enfrentar um pequeno escárnio.

No entanto, ainda que houvesse covardia em Pilatos, havia também presunção. Aquele que tinha medo do homem e tinha medo de fazer o que era correto, atrevia-se em incorrer na culpa de derramar sangue inocente. Oh, a covardia de Pilatos de tomar água e lavar as mãos, como se pudesse eliminar o sangue com água – e logo dizer: “Estou inocente do sangue deste justo” – o que constituía uma mentira – “Considerai isso.” Mediante essas últimas palavras colocou culpa de sangue sobre si, pois entregou seu prisioneiro às crueldades dos judeus, os quais não teriam tipo possibilidade de colocar suas mãos sobre Ele, a menos que Pilatos houvesse permitido.

Oh, que atrevimento de Pilatos cometer o assassinato aos olhos de Deus e negá-lo! Existe uma estranha mescla de covardia e valor em torno de muitos homens – têm medo de um homem, mas não temem ao Deus eterno que pode destruir a alma e o corpo no inferno. Essa é a causa de que os homens não são salvos, ainda mesmo quando os melhores meios sejam utilizados, porque são presunçosos, e se atrevem a desafiar ao Senhor.

Ainda mais disso, Pilatos era de duplo ânimo: tinha um coração e outro coração. Tinha um coração que buscava o que era reto, pois intentou soltar a Jesus – mas tinha outro coração que perseguia as ganâncias, pois não correria o risco de perder

seu posto incorrendo no desfavor dos judeus. Contamos com muitas pessoas a nosso redor que são de duplo ânimo. Os tais estão presentes aqui essa manhã – mas onde estarão à noite? Vocês serão tocados pelo sermão de hoje! Como serão afetados amanhã por uma impudica conversa ou uma leviana canção? Muitos homens correm em duas direções – pareceriam ser sinceros quanto para com suas almas, mas estão muito mais ávidos da ganância ou do prazer. É estranha a perversidade do homem, que chega ao ponto de se dividir em dois.

Temos ouvido histórias de tiranos que atam homens a cavalos selvagens, e que esses os despedaçam, arrastando-lhes – porem existe pessoas fazem isso consigo mesmas. Possuem demasiada consciência para não descuidar do domingo, e para não deixar de ir à casa de oração – demasiada consciência para não chegar a ser completamente irreligiosas, ou para não ser honestamente infiéis – e ao mesmo tempo, não possuem a suficiente consciência para não serem hipócritas. Permitem que o “não me atrevo” seja o servente do “quisera eu.” Quiseram atuar justamente, mas isso seria muito custoso. Não se atrevem a correr riscos, entretanto, correm o terrível risco de serem deixadas fora para sempre da presença de Deus para irem ao lugar onde a esperança jamais pode alcançar.

Oh, que minhas palavras fossem disparadas como que por um canhão antigo! Oh, que lançassem uma bala contra a indecisão! Oh, que eu pudesse falar como o próprio estrondo de Deus, que faz as corças parirem e quebra as penhas: de igual maneira quisera eu advertir os homens contra esses desesperados males que frustram os esforços da misericórdia, de tal forma que, mesmo quando a própria mulher do homem, com o amor mais terno, lhe pede que escape da ira vindoura, ele ainda escolhe sua própria destruição.

IV. Por último, temos um ponto que é anda mais terrível: A ESMAGADORA CONDENAÇÃO DAQUELES QUE TRANSGRIDEM ASSIM. Pilatos era culpável mais além de toda escusa. Ele, deliberadamente e por sua própria e espontânea vontade, condenou ao justo Filho de Deus, e sabendo, tanto por seu exame, como por sua esposa, que Ele era um “justo”.

Observem que a mensagem que Pilatos recebeu era claríssima. Foi sugerida por um sonho – mas não há nada delirante nele. Contêm toda a clareza que pode ser expressa em palavras: “Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele.” Pilatos condenou ao Senhor com seus olhos abertos, e essa é uma terrível maneira de pecar.

Oh, meus queridos amigos, estou dirigindo-me a alguns aqui que tem o propósito de fazer algo muito pecaminoso, mas ultimamente receberam uma advertência de Deus? Quisera eu agregar uma admoestação a mais. Eu lhes rogo pelo Deus bendito, e pelo sangrante Salvador que, como da forma que se amam a si mesmos, e como amam a sua companheira pela que lhes veio a advertência, que parem e detenham

sua mão! Não façam essa abominável coisa! Vocês saberão. A advertência não é feita de alguma maneira misteriosa e oculta – mas antes, chega a vocês de maneira muito direta e em termos inconfundíveis. Deus enviou-lhes à consciência, e tem iluminado essa consciência, de tal maneira que fala convosco em um português bem claro. O sermão desse dia os intercepta na estrada do pecado, coloca uma pistola em seus ouvidos, e lhes exige “a bolsa ou a vida.” Se vocês se mexem um centímetro, seria por conta e risco de suas próprias almas. Estão escutando-me? Haverão de considerar essa demanda repreensiva enviada do céu? Oh, que ficassem quietos um instante e ouvissem o que Deus lhes fala enquanto pede que se entreguem a Cristo hoje.

Poderia ser agora ou nunca enquanto a vocês, como sucedeu com Pilatos naquele dia. Para Pilatos, o mal que estava a ponto de cometer foi descrito plenamente, portanto, caso seguisse adiante, sua presunção seria muito grande. Sua esposa não tinha dito: “Não entres na questão desse homem,” mas sim “desse justo,” e essa palavra ressoou em seus ouvidos, e repetiu-se uma e outra vez até que ele mesmo também a repetiu. Leiam o versículo vinte e quatro. Quando estava lavando suas perversas mãos, disse: “Estou inocente do sangue deste justo,” o próprio nome que sua mulher tinha dado a nosso Senhor. As flechas cravaram-se nele! Não podia tirar elas de cima de si! Como uma besta selvagem, tinha o punhal cravado em suas costas, e ainda que se apressou ao bosque de seu pecado, estava evidentemente encravado nele; as palavras : “esse justo” lhe causaram obsessão.

Algumas vezes Deus faz que um homem veja o pecado como pecado, e lhe faz ver sua negridão – e se logo persevera no pecado, se volta duplamente culpado, e atrai sobre si uma intolerável condenação que passa a de Sodoma de outrora.

Alem disso, Pilatos estava pecando não só depois de uma clara advertência e uma advertência que destacava a escuridão do pecado, mas antes estava pecando depois de que sua consciência tinha sido tocada e comovida através de suas afeições. É algo terrível pecar contra a oração de uma mãe. Ela se coloca em seu caminho – ela estende seus braços e com lágrimas declara que obstruirá seu caminho à perdição. Acaso forçará seu passo até a ruína sobre seu corpo prostrado? Ela se ajoelha! Agarra-se a seus joelhos, e lhe roga que você não se perca. Por acaso você é tão brutal como para desprezar seu amor? Sua filhinha suplica a ti, não atenderá as lágrimas dela? Ai, lhe pertencia, mas a morte a arrebatou, e antes de partir suplicou a você que a seguisse ao céu, e cantou seu pequeno hino:

“Sim, nos reuniremos no rio.”

Será que lanças de lado a seu bebê como se fosse outro Herodes que quer assassinar aos inocentes, e tudo com o objetivo de que possas condenar a ti mesmo para sempre e ser seu próprio destruidor? É duro para eu lhe falar dessa maneira. Se alguns de vocês se dão por relacionados, será duro para vocês ouvirem isso – em

verdade eu espero que tão duro que ao final digam: “irei ceder ao amor que me assedia com rogos tão ternos.”

Não seria um resto de pura imaginação se concebera que no último grande dia, quando Jesus se sente no tribunal, e Pilatos esteja ali para ser julgado pelas ações feitas no corpo, que sua esposa seja uma testemunha disposta contra ele para condená-lo. Eu posso imaginar que no último grande dia haverá muitas cenas parecidas, nas que aqueles que nos amaram mais, produzirão as moas válidas evidências contra nós, se ainda estamos em nossos pecados.

Eu sei como me afetou sendo um adolescente, quando minha mãe, depois de expor diante de seus filhos o caminho de salvação, nos disse: “se rejeitarem a Cristo e perecerem, não poderia eu interceder em favor de vocês e dizer que eram ignorantes. Não, mas sim que terei de dizer Amém a sua condenação” Eu não podia suportar isso! Haveria de minha mãe dizer “amém” para minha condenação? E, no entanto, você que é a esposa de Pilatos, que outra coisa poderia fazer? Quando todos terão que dizer a verdade, que você poderia dizer senão que seu esposo foi terno e sinceramente advertido por ti e apesar disso, entregou o Salvador a seus inimigos?

Oh, leitores ímpios, minha alma se comove por vocês; “Convertei-vos, convertei-vos... Por que razões morrerão?” Por que haveriam de pecar contra o Salvador? Que Deus lhes conceda que não rechacem sua própria salvação, mas sim que se voltem a Cristo e encontre redenção eterna nele. “Todo aquele que nele crê... têm a vida eterna.”

Porção da Escritura lida antes do sermão: Romanos 3

Pilatos e Nós, Culpados da Morte do Salvador

NO. 1648

Sermão pregado na manhã de 5 de março de 1882,
Por Charles Haddon Spurgeon,
No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres

“Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso. E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.” Mateus 27:24-25

A crucificação de Cristo marcou a altura do pecado cometido por nossa raça. Em Sua morte encontramos todos os pecados da humanidade unidos em uma conspiração execrável. A inveja, o orgulho e o ódio estão lá, juntamente com a ambição, a falsidade, e a blasfêmia, todos ávidos por projetar-se na crueldade, vingança e homicídio. O diabo agitou as iniquidades de todos nós em torno da semente da mulher: todas essas iniquidades circundaram ao Senhor, sim, o rodearam como abelhas. Todas as maldades dos corações humanos de todas as épocas marcaram encontro ao redor da cruz: assim como todos os rios vão para o mar, e como todas as nuvens se descarregam sobre a terra, assim se congregaram todos os crimes do homem para causar a morte do Filho de Deus. Foi como se o inferno tivesse enviado uma convocação, e todas as várias formas de pecado tivessem chegado a tropel - legião pós legião apertaram o passo à batalha. Assim como os abutres se precipitam sobre a carniça, assim correram os bandos de pecados para converter o Senhor em sua presa. E uma vez congregadas as tropas de pecados, consumaram o crime mais atroz que o sol jamais havia presenciado. Mãos iníquas crucificaram e mataram o Salvador do mundo.

Acabamos de cantar dois hinos em que assumimos nossa porção de culpa pela morte de nosso Senhor. Cantamos—

*“Oh, os agudos tormentos de extrema dor
Que suportou meu amado Redentor,
Quando chicotes nodosos e grossos espinhos
Dilaceraram Seu corpo sagrado.*

*Mas em vão acuso
Aos chicotes nodosos e aos grossos espinhos;*

*Em vão culpo aos soldados romanos,
E aos mais desprezíveis judeus.*

*Vocês, meus pecados, meus cruéis pecados,
Foram Seus principais carrascos;
Cada um de meus crimes se converteu em um cravo,
E minha incredulidade veio a ser a lança.”*

E logo, com o mesmo espírito, cheios de tristeza fizemos uma pergunta, e cantamos uma resposta penitencial—

*"Meu Jesus, quem com cuspe vil
Profanou Teu santo rosto?
Oh, quem com um flagelo implacável
Fez brotar Teu precioso sangue?
Fui eu, que tenho sido muito ingrato
Mas, Jesus, tem misericórdia de mim!
Oh, Senhor meu, tem piedade de mim e
Perdoa-me,
Por Tua doce misericórdia! "*

Talvez alguns de vocês não compreendam bem o que acabaram de cantar; mas alguns de nós nos declaramos culpados, de maneira sincera e consciente, da morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Nós sabemos que Ele não somente sofreu para apagar nossas transgressões, mas também por causa de nossas iniquidades. Isto não é muito claro para muitos de vocês; e não lhes peço que finjam que entenderam. Não podem entender porque têm algo a ver com a morte de Jesus, e por isso não são conduzidos ao arrependimento quando falamos desse tema; certamente imitam o exemplo de Pilatos em nosso texto, quando tomou a água e lavou suas mãos diante da multidão, dizendo:

“Inocente sou do sangue deste justo.”

O propósito do nosso sermão será despertar consciências adormecidas. Sem nos metermos em perguntas metafísicas relativas a se Pilatos teve ou não real participação na ação particular pela qual morreu Jesus, vou mostrar-lhes que de muitas maneiras, os homens cometem na prática um crime semelhante, e assim demonstrarei, que têm disposições similares àqueles antigos assassinos de Cristo. Ainda que repudiem a crucificação, a repetem, se não na forma, no espírito. Ainda que Jesus não esteja aqui em carne e osso, contudo, a causa da santidade e da verdade e de Seu divino Espírito ainda estão em nosso meio. E os homens reagem diante do reino de Cristo, que está estabelecido entre eles, da mesma maneira que os judeus e os romanos agiram contra o Deus encarnado.

É certo que nem todos os homens são igualmente Seus inimigos empedernidos, pois o Senhor falou de alguns que “maior pecado tem;” e poucos são tão culpados como Judas o traidor, esse filho da perdição; mas não importando a razão, a rejeição a Cristo é um grave pecado, e vocês serão uma grandiosa bênção evangélica se arrependem-se dele à maneira do profeta que disse: “E olharão para mim, a quem traspassaram; e pranteá-lo-ão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; ”

Agora falarei sobre a história da apresentação de nosso Senhor diante de Pilatos, desde o momento em que foi enviado a Herodes até o tempo em que foi entregue aos judeus para que fosse crucificado, e vou tentar expor, mediante esta narração, várias formas na quais os homens matam a Cristo virtualmente, e por tanto, se tornam participantes da antiga transgressão que foi perpetrada em Jerusalém.

I. Primeiro, há alguns indivíduos (e são os que cometem o mais grave pecado) que são MANIFESTOS E DETERMINADOS OPOSTOS DO SENHOR JESUS. Estes são homens que estão representados pelos principais sacerdotes e os anciãos do povo judeu, que desde muito tempo pediam o sangue do Salvador, porque não podiam suportar Seus ensinamentos. Nenhuma outra coisa os satisfaria além de sua eliminação da terra, pois Ele era um protesto vivo contra seus perversos atos. Eles o odiavam porque por causa de Sua luz, suas vidas depravadas eram censuradas. Estes foram os verdadeiros assassinos de Cristo, que se gloriavam em sua vergonha e desafiavam o castigo que mereciam, gritando: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”.

Todavia temos em nosso meio, pessoas que não podem suportar o ensino de nosso Senhor Jesus. A simples menção de Seu nome excita suas piores paixões; se enfurecem com sua simples menção. Oh, as coisas atrozmente que alguns têm dito recentemente sobre o Cristo de Deus. Desconhecem a cautela quando se trata de insultá-lo. Se alguém mais houvesse sido caluniado como ele foi, a sociedade não teria tolerado essas línguas detestáveis. As acusações contra Jeová e Seu Filho pareceriam deliciosas guloseimas para os blasfemos modernos, guloseimas para comer com avidez. Minha carne se estremece quando penso nos duros comentários que os ímpios articulam contra Ele, que no dia de Sua humilhação suportou contra Si uma inarrável oposição dos pecados. Estas calúnias eram visivelmente absurdas e deveriam ter sido descartadas com o maior desprezo, se não fosse pela culpa dos homens; pois mediante estas expressões vemos que veneno de serpente há debaixo de seus lábios; sua boca está cheia de maldição e de amargura.

Não tratam da mesma maneira aos heróis de guerra, aos filósofos da antiguidade, nem sequer aos notórios flagelos da raça humana; a todos estes lhes concedem alguma benevolência, e muitas vezes lhes rendem homenagens questionáveis; mas quando se trata da pessoa e da vida de nosso bendito Senhor, a benevolência e a honestidade são descartadas; a menor intenção de entendê-lo é rejeitada, e Ele e os Seus são alvo de ridículo, de deturpação e de falsidade. Lhes concedem os mais

grosseiros epítetos, dão a pior interpretação às Suas palavras, deturpam Suas ações e lhe atribuem motivos que lhe eram completamente estranhos. E esses homens se encontram no nosso meio, reclamando o direito de serem ouvidos.

Em todos os tempos sempre houve incrédulos e escarnecedores de Jesus; Mas em nossa época a humanidade usa uma linguagem mais imunda que usualmente. Antes, a incredulidade era filosófica e precavida, e encontramos grandes nomes em suas listas; mas agora seus advogados mais vociferadores, são fanfarrões à maneira de Tom Paine²⁵, homens que parecem deleitar-se ferindo os sentimentos das pessoas piedosas e esmagando qualquer coisa sagrada debaixo de seus pés. Estes são os verdadeiros seguidores dos homens cujas bocas rugiam “Crucifica-o, crucifica-o!” Não podem suportar que Jesus seja recordado e muito menos reverenciado. Eles argumentam ser “liberais”, e ter um coração aberto para todas as religiões; mas seu desprezo pela fé em Jesus, que desconhece qualquer mitigação, é manifestado em toda ocasião possível, evidenciando que o espírito de perseguição arde dentro deles. É inútil que estes indivíduos digam que não crucificariam a Cristo, pois o crucificam até onde seu poder os permite, por seus comentários blasfemos contra Ele.

Certo número deles concentra seu ataque contra a autoridade real e o poder reinante do Senhor Jesus. Exclamam contra Ele porque se atribui uma soberania universal. Eles não objetam tanto o cristianismo como um dos vários credos; mas não querem saber nada dele quando reclama ser o credo supremo. O Senado romano estava disposto a incorporar Jesus ao Panteão²⁶, em meio de outros deuses, mas quando se deram conta que o Cristo exigia uma adoração exclusiva, lhe negaram um lugar no círculo de adoração. Como o Evangelho afirma ser verdadeiro, e julga que os outros sistemas são falsos, de imediato provoca a oposição da escola liberal. Há homens hoje em nosso meio que dizem: “sim, há algo bom no cristianismo como também o há no budismo.” Ultimamente as pessoas têm se acarinhado maravilhosamente com este precioso budismo; qualquer ídolo seria aceitável para os homens contanto que lhes permitisse desfazer-se do Deus vivo. Não gostam de um Cristo que deve ser tudo ou nada para eles. Quando Ele diz que exterminará totalmente com os ídolos, e que quebrantará a Seus inimigos com vara de ferro, lhe viram as costas, pois são claramente inimigos de Jesus Cristo se Ele é entronizado como Senhor de tudo.

E temos a outros indivíduos de um molde mais brando que, apesar disso se agregam a este grupo, pois sua oposição é a Deidade de Cristo. Estes de fato afirmam: “Nós temo suma lei, e segundo nossa lei deve morrer, porque se fez a Si mesmo Filho de

²⁵ Thomas Paine (1737-1809) foi um político britânico, além de panfleteiro, revolucionário, radical, inventor, intelectual, e um dos Pais Fundadores dos Estados Unidos.. Tornou-se notório por causa de *The Age of Reason* (1793–94), um livro advogando o Deísmo e argumentando contra a religião intitucionalizada, as doutrinas Cristãs, e promovia a razão e o livre pensar

²⁶ Panteão: templo de Roma dedicado às sete divindades planetárias, construído por Agripa em 27 a. C. Foi consagrado ao culto cristão no século VII. Era circular.

Deus.” Se indignam diante das doutrinas que os cristãos pregam sobre seu Deus e Salvador. Eles, quando muito, aceitarão que Cristo é o melhor dos homens, é o mais nobre dos profetas, é quase semelhante à Deidade, possivelmente um delegado de Deus, mas não se moverão de lá. Não lhes parece que “Todos honrem ao Filho como honram ao Pai”. Se Jesus é pregado como “Deus verdadeiro do Deus verdadeiro”, de imediato os escutamos gritando: “Fora, fora!” Quando proclamamos a Jesus como Rei sobre Sião, o santo monte de Deus, e dizemos dele “Teu trono, oh Deus, é eterno e para sempre,” eles se recusam a inclinar-se diante de Sua majestade divina. Na medida de suas possibilidades, destroem a divindade de Cristo e o reduzem a um simples ser humano. Como podem essas pessoas culpar aos judeus e aos romanos? Aqueles causaram a morte de Sua humanidade, mas estes quiseram destruir Sua Deidade. Por acaso sua culpa não é igualmente grave? Eu acuso a todos os que negam a Deidade de nosso Senhor, de serem seus assassinos, na medida do possível; pois eles atacam a Sua natureza mais nobre acometendo Seu poder divino e Sua Deidade. Que o Espírito de Deus nos acompanhe aqui para convencê-los de seu erro e os conduza a adorar a Jesus, que é exaltado pela destra de Deus.

Devo apresentar mui claramente a acusação em nome de Deus e da verdade. Os opositores declarados de Cristo, se estivessem vivos nos dias de Sua carne, teriam desejado que lhe tirassem a vida, pois, no que a eles concerne, Ele está morto para eles em Seu verdadeiro caráter, ou estão fazendo o mais que possam segundo sua própria consciência e influenciando na consciência de outros, para varrê-lo da existência. Se eles disseram que não haviam matado literalmente a Jesus na cruz, eu digo que o estão fazendo morrer de uma maneira que o rebaixe ainda mais, ou seja, a destruição de toda Sua influência na mente dos homens. Desprezando Sua expiação pelo meio do qual Ele reconcilia aos homens com Deus, voltando os corações dos homens contra Ele e influenciando-os para que rejeitem Sua salvação, estes homens fazem todo o possível para roubar-lhe a alegria que estava posta diante Dele, pelo qual sofreu a cruz, menosprezando o opróbrio. Por acaso isto não é nada? Matem-me se querem, pois eu viverei quando estiver morto pelas palavras que falei: mas consideraria um crime pior, que vocês tirassem das mentes dos homens tudo o que ensinei, e que jogassem fora todo o bem que procurei fazer. E se isto é assim com um simples mortal, muito mais o é tratando-se de Jesus: tirar Sua vida sobre uma cruz, é comparativamente menor que quando se declara: “não seremos influenciados por Ele, nem cremos nEle como Salvador e Deus, e na medida de nosso poder, vamos impedir que outros creiam nEle.”

Que propósito tão execrável para a vida de um homem, quão horrível fama para ser buscada por alguém: querer erradicar o Evangelho de Jesus. Terrível será o castigo deste pecado. Oh, opositor de Jesus, em lugar de ser menos culpado que os judeus do tempo de nosso Senhor, você é inclusive mais culpado. Você não está tirando a vida dEle de uma forma, mas a está tirando de outra, e o crime é com o mesmo espírito. Meu Senhor é cravado em uma cruz mística por suas cruéis palavras; vejo diante dos meus olhos um Calvário onde o Senhor Jesus é crucificado outra vez, e é

exposto à vergonha pública pelos infiéis sarcasmos e cétricas insinuações; O vejo escarnecido e reduzido a nada por aqueles que negam Sua Deidade e recusam-se a crer em Seu sacrifício. Basta disso!

Que a consciência esteja presente aqui, e que o Espírito de Deus esteja presente também, para que os homens não se atrevam a lavar-se as mãos em inocência, se foram antagonistas públicos de Jesus e se todavia ainda o são. Oh, que se voltassem para Ele, e se convertessem em Seus discípulos. Suas formosuras são tais que podem cativar a qualquer coração honesto: Seu ensino é tão ternamente razoável, tão cheio de doçura de luz, que é surpreendente que os homens não o recebam com alegria. Sua cruz é única: um Ser sofrendo que entrega Seu sangue, carregando com ofensas que não eram Suas, para que Seus próprios inimigos vivam! O conceito é tão estranho que nunca teria podido originar-se na mente egoísta de homem caído. Por sua própria reação, ele mesmo dá testemunho disto. Ai daqueles que lutam contra esta verdade, pois lhes custará muito caro. O que cair sobre esta pedra será quebrantado; e sobre quem ela cair, a esmiuçará. Olhem o que aconteceu ao povo judeu: eles mesmos foram crucificados por Tito em tão grande número que já não encontravam lenha suficiente para sua execução²⁷. Jerusalém destruída é a consequência de Jesus crucificado. Tenham cuidado, vocês que lutam contra Ele, pois o Pai onipotente participará na rixa, e todas as forças da criação e da providência estarão debaixo de Suas ordens, para travar combate a favor da verdade e da justiça. O Nazareno triunfou e triunfará até o fim, quando ponha todos Seus inimigos debaixo de Seus pés. Oh, vocês que O odeiam, sejam sábios oportunamente, e ponham fim a esta luta sem esperanças, na que vocês lutam principalmente contra suas próprias almas.

II. Espero que não haja muitas pessoas aqui a quem se aplique esta primeira parte do sermão; vamos prosseguir com o segundo ponto. A consciência de Pilatos o remordia e desejava ansiosamente não condenar Jesus à morte. Contudo, não via como podia evitar isso, em vista de que os judeus o ameaçaram com acusá-lo de falta de lealdade a César, e esse César era a sombra do tirano Tibério, que era implacável em sua fúria. Depois de enviar seu prisioneiro a Herodes, descobre que não tem escape por essa via, portanto se aferra a uma segunda esperança. Diz à multidão que a tradição da festa requer que se solte um prisioneiro, o que eles quisessem. Pilatos espera que escolham a Jesus de Nazaré. Na verdade era uma esperança vã! Por casualidade havia outro Jesus na prisão nesse momento, digamos, Jesus Barrabás, que era um assassino, e além do mais, era culpado tanto de sedição como de roubo. Pilatos reúne os dois, e deixa que os judeus elejam. Seria um quadro impressionante se fosse assim na realidade, como sugere um autor da Vida de Cristo, que Pilatos efetivamente enfrentou os dois indivíduos diante da multidão. Vejam ali o assassino de rosto moreno e feroz, de olhar ameaçador, com todas as marcas de fúria e de ódio em sua cara, o homem surpreendido em flagrante,

²⁷ Referência ao ocorrido da Queda de Jerusalém em 70 d.C

acostumado ao sangue, um bandido cuja específica profissão era a contenda! Ali está como um lobo, e junto a ele é colocado o manso Cordeiro de Deus. Olhem Seu rosto e verão tudo o que é bom, terno, benevolente e heróico. As encarnações do ódio e do amor estão diante deles; e Pilatos deixa que multidão decida. Sem duvidar por nenhum momento, eles gritam: “Este não, mas Barrabás. E Barrabás era ladrão.” O assassino é libertado, e Jesus, o inocente, fica para morrer.

Nisto terei que incriminar a uma segunda classe de homens: NO RELATIVO A SUA ELEIÇÃO. Muitos de nós, pela graça divina, elegemos a Jesus para que seja nosso Salvador, Rei, e Senhor. É a base da nossa esperança eterna, e o manancial de nosso gozo presente: elegemos a Cristo para que seja o guia e o líder de nossas vidas, e não nos envergonhamos da eleição. Foi feita deliberada e solenemente, e a renovamos dia após dia—

***"O alto céu que ouviu o juramento solene,
Esse voto é renovado diariamente ,
Até que nos inclinemos na última hora de vida
E abençoemos na morte um laço tão amado. "***

Temo que alguns de vocês não elegeram a Cristo; mas, o que vocês têm eleito? Permitam-me mencionar dois ou três objetos da eleição humana, dignos de identificar-se com o Barrabás dos tempos antigos. Muitos têm eleito a concupiscência para que seja seu deleite: não pintarei este monstro repugnante; não tenho as cores para fazê-lo. É uma coisa asquerosa e bestial: a face da modéstia se ruboriza diante da simples menção. Contudo, pelos prazeres desenfreados, Cristo é descartado. Pela mulher estranha muitos homens desperdiçaram suas almas, e elegeram a infâmia em lugar da glória. Desculpo pela metade aos judeus que escolheram Barrabás, quando vejo um homem obedecendo às concupiscências da carne em lugar de obedecer a Cristo; contudo, provavelmente estou dirigindo-me a indivíduos que se entregam secretamente a suas paixões mais baixas, e, portanto não se animam a converterem-se em cristãos decididos. Eles sabem que não podem ser seguidores de Cristo e ainda assim se entregarem à lascívia e à fornicção, portanto, por este vil desenfreio, não se aferram a Jesus.

Frequentemente me encontro com pessoas que elegeram outro Barrabás em lugar de Jesus. Tomando emprestado um termo do paganismo, o chamarei de Baco. A bebida é o demônio que escraviza a milhões. É um vício que degrada aos homens, que deforma a imagem de Deus neles. Na realidade insultamos as bestas quando dizemos que um bêbado afunda ao nível das bestas, pois o gado nunca chega tão baixo como o bêbado. Ai, conheci homens, ai, e mulheres também, que tem escutado o Evangelho, e em certa medida tem sentido seu poder, e contudo, por este pecado tem vendido suas almas e tem renunciado a seu Salvador. Nenhum bêbado tem a vida eterna morando nele; e, falando claramente, há cristãos que professam a fé, que merecem ser designados como bêbados. Digo que preferem o demônio da

bebida ao santo Senhor Jesus. Vocês condenam aos judeus por eleger a Barrabás: onde encontrarão um advogado que os defenda quando elegem a bebedeira? Se foi pecaminoso que eles elegessem a um assassino, que será para vocês que elejam a este vício maldito, que assassina a centenas de milhares de pessoas? Oh, este vício nacional nosso, o vício que converte esta nação em um refrão e um provérbio entre as nações da terra! Que direi dele? E o colocarão como rival de meu Senhor? Oh, é uma vergonha, uma cruel vergonha que à bebedeira se dê preferência sobre Aquele que nos amou e se entregou por nós!

“Bem, bem,” dirá alguém, “eu não caio nesse pecado.” Não, meu amigo, mas o que é que você escolhe em vez de Cristo? Pois, se não o senta no trono do seu coração, está elegendo algo mais. Por acaso não quer ser cristão porque quer escapar dos problemas e quer ser feliz e estar tranquilo desfrutando da vida? Não elege nenhum caminho em particular que seja ostensivamente vicioso. Prefere ser um pecador moderado e cuidar-se, e ser comedido em todo o pensamento e ansiedade sobre a morte, o céu e inferno. Pensa que por ter uma vida livre de preocupações é mais feliz que se te submetesses a Jesus. Está vivendo sob uma falsa premissa; mas uma coisa é clara: o “eu” é seu deus, e essa é uma deidade tão abjeta como qualquer outra. O idólatra que adora a um deus de ouro ou de prata, de pedra ou barro, não é tão degradado como o homem que adora a si mesmo. A adoração do ego é, em verdade, uma baixeza terrível. Quando eu sou o meu próprio deus, ou meu estômago é meu deus, pode haver um abismo mais profundo? Se vivo somente para desfrutar a vida de forma tranquila, e não me importa Deus, o Cristo, ou as coisas celestiais, que eleição estou fazendo. Pense nisso e envergonhe-se. Oh, vou repetir, em muitas eleições que os homens fazem enquanto ao objetivo de suas vidas, pecam precisamente como pecaram os que descartaram a Cristo e elegeram a Barrabás. Não digo mais. Que o Espírito Santo os faça compreender esta verdade que tristemente os condena.

III. Em terceiro lugar, Pilatos, vendo que não podia liberar a seu prisioneiro assim, o entrega nas mãos dos soldados que, imediatamente, começam a divertir-se com Ele e O tratam como objeto de escárnio. As palavras são cruéis, e são suficientes para provocar as lágrimas de todos os que as leem: “Pilatos, pois, tomou então a Jesus, e o açoitou. E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram sobre a cabeça, e lhe vestiram roupa de púrpura.” “Eu sou inocente disso,” clama um de meus leitores. Que! Realmente tem certeza que é livre do PECADO DE DESPREZO E DE CAUSAR DOR A JESUS? Escute um momento. Quando estive tão ocupado com os assuntos do mundo que não pudeste pensar nEle; quando estive tão ávido de ser rico que ridicularizou as verdadeiras riquezas, não se dá conta que estava tecendo uma coroa de espinhos para colocar em Sua cabeça? Sua loucura ao desprezar sua própria alma, o fere dolorosamente. Causa-lhe pena, e não pode suportar ver que os espinhos deste mundo sejam a colheita que semeies e recolhas. Se não tivesse um coração tão amoroso e tanta ternura de espírito não importaria, mas esta crueldade para contigo mesmo é crueldade para com Ele, e virtualmente

quando estiveste cheio de cuidados e ansiedades relativos ao mundo, e não tiveste cuidado e interesse sobre Ele, ou no relativo a tua própria alma, tu colocaste uma coroa de espinhos sobre Sua cabeça. Por acaso isto não é nada?

Permita-me perguntar-te: quando chegou na igreja em um domingo, como sempre o faz, e pretendeu adorá-Lo, ainda que não o ame, se dá conta do que há feito? Tu zombaste Dele quando tua adoração foi fingida e desta maneira o vestiste com um manto de púrpura. Pois esse manto de púrpura significava que o faziam rei nominal, um rei que não era de verdade, mas um simples espetáculo. Tua religião de domingo, que foi esquecida durante a semana, foi uma haste de cana, uma insígnia impotente, um simples engano. Divertiu-se e o insultou até mesmo com seus hinos e com suas orações, pois sua religião é uma pretensão, não tem coração; entregaste uma adoração que não era adoração, uma confissão que não era confissão, e uma oração que não era oração. Não é mesmo? Peço-lhes que sejam honestos com vocês mesmos. Por acaso não é assim? E logo durante a semana inteira, não preferiram qualquer pessoa em lugar de Jesus? Não preferiram qualquer livro em lugar da Bíblia? Não preferiram qualquer exercício à oração? Não preferiram qualquer diversão à comunhão com Ele? Os objetivos políticos os incitaram, mas não a glória do Senhor nem a expansão de Seu reino. Isto não é desprezar a Jesus? Não é zombar dEle?

Por acaso muitos de vocês não estão cansados do Senhor? Cansados do domingo? Cansados dos sermões sobre Jesus? Cansados do sangue da expiação? Cansados de louvar o Redentor? O que é isto senão desprezo por Ele?

Demasiadas pessoas zombam inclusive acerca das coisas mais sagradas: se não zombaram pessoalmente de Jesus, ridiculizaram Seu povo por causa Dele, e se divertiram às custas do Evangelho. Alguns fazem da religião um espantalho, e a piedade é tratada como um refrão, os escrúpulos de consciência são desprezados como coisas absurdas e fora de moda, e a devoção a Cristo é rebaixada até que se pareça com a loucura. Sabemos que é assim, inclusive entre os que ouvem o Evangelho, e creem no exterior. Há um desprezo pela vida e o poder do Evangelho: conhecem e honram seu nome, mas não valorizam a realidade da piedade vital. Algumas vezes suas consciências trovejam com força dentro deles, e então se veem forçados a desejar aquilo que outras vezes desdenharam. Menosprezam o sangue de Jesus, mas fingem ser participantes de Seu poder que perdoa.

Temo que nenhum de nós se atreverá a lavar as mãos por isto, como um pecado de nossa natureza caída. Houve um tempo quando muitos de nós que amamos a Jesus agora, e poderíamos beijar cada uma de Suas feridas, tínhamos uma opinião tão ruim a respeito Dele, que para nós qualquer coisa era melhor que Ele. A história de Seus sofrimentos era aborrecida como um conto banal; e no relativo a entregarmos a Ele, o considerávamos uma expressão fanática ou um sonho cheio de

entusiasmo. Bendito Salvador, Tu nos perdoaste: perdoa a outros que estão fazendo o mesmo.

IV. Tenho poucos minutos para dedicar a cada ponto; assim que devo falar agora de outro pecado do qual muitas pessoas são culpadas, ou seja, O PECADO DA INDIFERENÇA EM RELAÇÃO AOS SOFRIMENTOS DE NOSSO SENHOR. Pilatos pensou que tinha outra opção para deixar que o prisioneiro se fosse, e a ensaiou. Açoitou a Jesus. Não direi a vocês quão terríveis eram os açoites dos romanos. Não poderia igualar-se a nada com exceção do knut dos russos²⁸. Era a mais terrível das torturas. Muitos morriam ao serem açoitados, e quase todas as vítimas desmaiavam depois de uns quantos açoites: em consequência deles o corpo humano era reduzido a uma massa de carne machucada, sanguinolenta e abalada. Quando o Salvador era todo uma massa de feridas e machucados, Pilatos o apresentou à multidão, dizendo: “Eis aqui o homem”, apelando a algum traço de humanidade que esperava que os principais sacerdotes e anciãos porventura tivessem. “Eis aqui o homem!”, disse. “Acaso isso não é suficiente? Está esmagado e golpeado e sangrando por todas as partes, e isso não é suficiente?”, mas eles não sentiam absolutamente nada por Ele, e só gritavam: “Morra!” Se o espetáculo de dor que apresentava nosso Senhor nesta ocasião não te comove, é uma prova lamentável da dureza de teu coração. Acaso não há muitos que leem a história de Seus sofrimentos sem emoção?

Desprezado, injuriado, corado de espinhos e açoitado, nosso Senhor se destaca como o Varão de Dores, como o Monarca de misérias. Agonias incomparáveis! Dores únicas e inigualáveis! Acaso não derramarás lágrimas por Aquele de quem os soldados zombaram e a quem os judeus ridicularizaram? Não? Acaso é possível que respondas: “Não”? Acaso escutaste a história tantas vezes que já tem menos efeito que um conto ocioso? Que vergonha! Que vergonha! E o pior de tudo é que não afete os homens quando recordem que estas dores foram suportadas voluntariamente por amor, e não por necessidade nem por nenhum outro motivo egoísta. Suas dores foram suportadas por causa de Seus inimigos. Ele ordenou a Seus discípulos que comessem a pregar em Jerusalém para que os homens que cuspiram em Seu rosto soubessem que podiam contar com Sua compaixão, e que Ele havia provado a morte por aquele que transpassou seu coração. Ele morre orando por Seus assassinos. Como é possível que seja assim! Que um homem morra por seu amigo, é algo nobre e admirável; mas que um homem morra por aqueles que lhe tiram a vida é o espetáculo mais extraordinário que os anjos jamais podem contemplar.

Temos que considerar isto também, que toca da maneira mais terna aos crentes: nosso Senhor sofreu assim por nós. Em Sua morte está nossa esperança, pois do contrário estaríamos perdidos para sempre. Se não tivéssemos parte e porção nos

²⁸ **Knut:** Açoite feito de coroa rematado em bolas de metal, que se usava na Rússia para açoitar.

méritos da agonia, então não teríamos nenhuma esperança, a não ser aguardar com terror o juízo e a feroz indignação. Acaso não nos lamentamos quando vemos Jesus agonizando? Oh sentimento, tu me abandonaste e te realizaste nas bestas, e os homens perderam a razão. Certamente nossos corações serão como a rocha em Horebe. Golpeadas pela vara da cruz, de nossas almas correrão rios de dor penitencial. Mas nisto há uma maravilhosa prova de nossa culpa: temos compaixão por qualquer pessoa exceto pelo Salvador; podemos chorar por nosso cachorrinho de estimação, e contudo podemos ouvir sobre os sofrimentos de Cristo com absoluta indiferença. Existem multidões de pessoas deste tipo, e rogo ao Espírito de Deus que toque suas consciências sobre este assunto da frieza a Jesus.

Mas devo apressar-me, ainda que quisesse deter-me um pouco mais, deixando a ampliação destas acusações para suas meditações.

V. Há outro crime do qual muitos são culpados, que foi cometido pelo próprio Pilatos, e esse foi o crime DA COVARDIA. Não menos de três vezes, Pilatos disse de nosso Senhor: “Não acho culpa alguma neste homem”, contudo não O soltou. Ele mesmo reconheceu: “Não sabes tu que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar,” e, contudo, não exerceu a autoridade para soltá-lo. Por covardia não se atreveu a soltar seu prisioneiro, perfeitamente inocente. Ele sabia, mas não agiu com base em seu conhecimento. Acaso tenho pessoas diante de mim cujo conhecimento supera em muito a prática? Isto, na verdade, será um dos vermes do inferno que nunca morrem: o remorso de uma consciência instruída e negligente. Sobre a porta de sua prisão, os condenados lerão esta inscrição: você conhecia seu dever, mas não o cumpriu. O conhecimento que faz responsáveis aos homens por seus atos aumenta a responsabilidade na medida em que aumenta o conhecimento, e com ele aumenta sua culpa e seu castigo.

Além disso, Pilatos não somente conhecia seu dever, ele queria cumpri-lo à sua maneira. Podemos quase sentir pena desse covarde vacilante. Vejam como luta para soltar a Jesus de alguma maneira indireta que não lhe custe nada. Ele deseja, decide e logo volta atrás. Como um barco sacudido por ventos contrários, em um momento quase se encontra em porto seguro mas subitamente é lançado mar adentro.

Oh, a quantidade de desejos sem realizar que alguém poderia recolher neste Tabernáculo, da maneira como os homens recolhem as frutas maduras que o vento lança das árvores. Os homens desejam arrepender-se, desejam crer, querem decidir, desejam ser santos, desejam ter a paz de Deus; mas seus desejos não os levam a uma decisão prática, é assim perecem no umbral da misericórdia. Sua bondade termina em desejos vãos, que não fazem nada mais que evidenciar sua responsabilidade, e desta maneira asseguram sua condenação. Contudo, para ser justos, devemos admitir que Pilatos fez algo mais que desejar; ele falou a favor de Cristo. Mas tendo falado em favor de Jesus, não procedeu à ação, como estava obrigado a fazê-lo. É possível que um homem diga com sua língua: “não acho culpa alguma neste homem,” e que

em seguida, por meio de suas ações condene a Jesus entregando-o à morte. As palavras são uma pobre homenagem para o Salvador. Ele não salva a humanidade com palavras, e não deve ser retribuído da boca para fora.

Pilatos foi suficientemente arrojado ao falar, mas em seguida se retraiu diante dos clamores da multidão; e, contudo, Pilatos podia ser firme algumas vezes. Quando Jesus foi cravado na cruz, os sacerdotes rogaram a Pilatos que mudasse a acusação que estava escrita sobre Sua cabeça, e Pilatos não cedeu, mas replicou: “O que escrevi, escrevi”. Por que não demonstrou um pouco de firmeza quando Jesus ainda estava vivo? Pilatos não era um ser completamente frágil e afeminado como para que fosse incapaz de fazer pé firme; se o fez uma vez, podia ter feito antes, e assim poderia ter se salvado de cometer tamanha transgressão. Não há Pilatos aqui, pessoas que poderiam ter sido cristãos se houvessem possuído suficiente valentia moral? Algum companheiro louco zombaria deles se houvessem se transformado em pessoas religiosas, e isto eles não podiam suportar. Pobres covardes!

Outro dia escutei a história de um jovem que não se atreveu a orar em um quarto onde dormiam mais dois ou três sujeitos; e assim, como um pusilânime, se meteu em sua cama e sucumbiu ao medo do que diriam. Meu medo é saber que há homens que preferem ser condenados a sofrer zombaria. Outra pessoa tem um companheiro perverso, e sabe que deve terminar esta amizade se converte em um seguidor de Jesus: ele gostaria de fazê-lo, mas carece de valentia. Oh, tu, que recusas tudo o que implica servir a Cristo, por medo do que dirão, por acaso não sabes qual é a porção dos medrosos? Oh, vocês que são tão temerosos, como é possível que Jesus esteja coberto de chagas e vergonhas por vocês, e que vocês tenham vergonha Dele? A morte se aproxima velozmente a Ele, e vocês, ainda escondem seu rosto Dele? Na verdade, isto é crueldade, tanto com Cristo como com vocês mesmos. Não podem separar-se de seus inimigos? “Por isso saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; E não toqueis nada imundo,” Não abraçarás Sua causa? “Se alguém me serve, siga-me.”

Mediante esta covardia faz tudo o que está a teu alcance para tirar a vida de Cristo. “Como?”, perguntarás. Bem, suponha que todo mundo agisse como você, haveria cristianismo no mundo? Se todo mundo fosse covarde, haveria alguma igreja na terra? Por acaso não está assassinando a Cristo e está enterrando a Cristo, na medida de suas possibilidades? Não está destruindo Sua influência e debilitando Sua igreja quando se recusa a reconhecê-lo? Por acaso não é assim? Pensa nisso. Está rejeitando influenciar de alguma forma ao mundo, a favor de Jesus. Ainda que haja multidões muito ativas em desprezar a Jesus e em se opor a Ele, você não estende uma mão por Ele. Por que não sai e diz: “eu estou de Seu lado”? Por sua suposta neutralidade age como inimigo. Inimigo Dele. Você deve estar de um lado ou do outro, agora que escutou o Evangelho, pois Jesus disse: “Quem não é comigo, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.” Você está contra Ele, e está espalhando. Suponha que outros sigam seu exemplo. “Bem,” dirás, “não há nada

mau no meu exemplo, exceto que não sou cristão.” Precisamente por isso, já que sob alguns aspectos, este seu exemplo o converte em um agente com mais poder para o mal.

Eu não creio que o exemplo de um bêbado reconhecido possa influenciar aos jovens para que se entreguem à bebedeira; ao contrário, muitos são advertidos pelo deplorável espetáculo, e fogem e se entregam a uma total abstinência pelas dúvidas. Com frequência recebo jovens de ambos os sexos como membros desta igreja que são totalmente abstêmios, devido a que a bebedeira do pai fez com que os filhos fossem tão desgraçados, e seu lar tão pobre, que passaram a abominar esse vício maldito. Vejam, então, como um mau exemplo, se praticado excessivamente, pode perder seu poder maligno.

Seu caso é diferente; seu exemplo é, em alguns sentidos, admirável, e logo joga ao lado do diabo. Quanto melhor for, mais dano estará causando ao colocar-se ao lado do mal. Na medida em que é um ser moral, excelente e amigável, é precisamente o homem cuja influência Cristo deve ter a Seu lado, e se você é a causa para que ajam contra Ele, o fato é ainda mais deplorável. Se o peso de seu caráter motiva os homens a ignorar as exigências do Filho de Deus, que é isto senão tramar espiritualmente a morte de Jesus?

Por último, e, oh, que o Espírito de Deus abençoe este amargo remédio quando seja aplicado ao coração, para que sintas as dores da penitência no dia de hoje: está o pecado da HIPOCRISIA BASEADA NA JUSTIÇA PRÓPRIA. Pilatos cometeu plenamente esse pecado. Tomou água e lavou as mãos, dizendo: “Estou inocente do sangue desse justo; considerai isto.” Que contradição! Ele é inocente, mas lhes dá a permissão para ser culpados. Eles não podiam assassinar ao Senhor sem sua autorização; ele outorga a permissão necessária, e contudo, diz: “Inocente sou.” Acaso não vejo a um indivíduo da mesma laia por ali? Esse indivíduo diz: “eu não desprezo a Cristo, nem falo palavra alguma contra Ele. Sou perfeitamente inocente de qualquer má vontade em relação a Ele. Claro que se outros se opõem a Ele, podem fazê-lo, pois estamos em um país livre: que cada um faça o que quiser, mas eu estou perfeitamente livre de culpa.”

Um homem não age dessa maneira quando vê que alguém está sendo assassinado. Não fica olhando nem afirma que preferiria não interferir. Diz que não podes evitar as opiniões de outros. Por acaso não possui sua própria opinião sobre Jesus? Dizes: “não; não penso nunca nEle? Por acaso isso não é desprezo? Prefere não ter nenhuma opinião sobre Aquele que afirma ser seu Deus? Sobre aquele que tem que ser seu Salvador, e se não o é, perecerás para sempre? Não pode desviar-se dessa maneira. Agora que a rebelião está se armando, precisa tomar partido: tem que ser leal ou converter-te em traidor. O estandarte está desfraldado, e cada qual tem que tomar partido. Sua negligência em relação a Jesus contradiz sua posição neutra. Você pretende não meter-se com Ele, mas isso acaba sendo fatal. Um homem está

preso naquele aposento alto daquela casa em chamas, e você pode salvá-lo. Mas você recusa-se a envolver-se na questão, pois para você é algo indiferente, e assim, deixa tudo nas mãos dos bombeiros e de seus ajudantes. Enquanto isso, o homem perece porque recusa-se a ajudá-lo. Eu digo que não tem desculpa: o sangue desse homem jaz à tua porta. Era seu dever tê-lo resgatado. Assim, o Senhor Jesus Cristo vem aqui entre os homens e é perseguido. Você fala tranquilamente: “sem dúvida é lamentável, mas não posso evitá-lo.” Perfeito; mas por sua falta de ação, está se colocando ao lado de Seus inimigos.

Você diz que é tão justo que não necessita de um Salvador? Isso, na verdade, é esbofetear a face de Jesus. Ele vem para ser um Salvador, e você diz a Ele que é supérfluo; que você é tão bom que pode defender-se sozinho, sem necessidade de ser lavado com Seu sangue. Isto é cuspir em Seu rosto, é dizer a Ele que foi um louco ao morrer por ti. Por que haveria de derramar Seu sangue se é um inocente sem necessidade disso? De fato, acusas a Deus de insensatez por ter provido uma grandiosa propiciação quando as pessoas boas, como tu és, não necessita nada parecido. Não creio que alguém possa insultar O Filho do Deus Altíssimo, de maneira mais grosseira, na verdade, é crucificá-lo! O homem com justiça própria que diz: “eu estou limpo,” retira a glória do sacrifício de Cristo, retira o propósito de Sua vida, a dignidade de Sua pessoa, a sabedoria de Sua obra inteira. O próprio coração de Deus está posto no propósito da morte de Cristo, e apesar disto, o homem com justiça própria considera isto uma insensatez.

Vamos, amados leitores, não há espaço para que nenhum de nós acuse a seu semelhante: vamos todos aos pés de Jesus com humildes confissões, a Jesus que ressuscitou dos mortos, e digamos a Ele em coro, cheios de tristeza—

*“Estas dores pertencem a mim,
Sou eu que devo sofrer por minha perversidade,
Com os pés e as mãos amarrados com fortes correntes,
Teus açoites, teus grilhões, todo o resto
Que suportaste, minha alma deve sofrer,
Pois eu sim mereci estes tormentos.
Contudo, por minha causa Tu levaste
Sobre Ti, em amor, todas as cargas
Que esmagavam meu espírito contra o chão:
Sim; foste feito maldição por mim,
Para que eu possa ser abençoado através de Ti:
Minha saúde se encontra em Tuas feridas.”*

Passagem da Escritura lida antes do sermão: João 19:1-16.

A Morte de Cristo

N. 173

Sermão pregado na manhã de Sábado, 24 de janeiro de 1858,
por Charles Haddon Spurgeon,
No Music Hall, Royal Surren Garden.

“Contudo foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor faça da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão.”

Isaías 53:10

QUE miríades de olhos estão lançando seus olhares para o sol! Que multidão de homens levantou seus olhos e observou as órbitas estelares do Céu! Elas são constantemente observadas por milhares – mas existe uma grande transação na história do mundo a qual merece todos os dias muito mais espectadores do que aquele sol que sai como um noivo, forte para iniciar sua corrida. Há um evento que atrai, todos os dias, muito mais admiração do que o sol, a lua e as estrelas conseguem, quando marcham em seus percursos. Esse evento é a morte do nosso Senhor Jesus Cristo – a isto os olhos de todos os santos que viveram antes da era Cristã sempre estiveram direcionados – e para trás, através dos milhares de anos de história, os olhos de todos os santos olham para ela! Os anjos no Céu olham constantemente para Cristo. “Coisas que até os anjos anseiam observar,” (1 Pedro 1.12) disse o Apóstolo. Em Cristo os inumeráveis olhares dos redimidos estão fixados. E milhares de peregrinos, por esse mundo de lágrimas, não têm objeto melhor para sua fé, nem desejo melhor para sua visão do que ver Cristo enquanto ele está no Céu e em comunhão para observar a Sua Pessoa! Amados, teremos muitos conosco enquanto, nesta manhã, voltarmos a nossa face para o monte do Calvário. Não seremos espectadores solitários da temerosa tragédia da morte do nosso Salvador. Nós devemos lançar nossos olhares para o lugar que é o foco da alegria e do prazer do Céu – a Cruz do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo!

Tomando o nosso texto como guia, devemos visitar o Calvário, esperando ter a ajuda do Espírito Santo enquanto olhamos para Aquele que morreu na Cruz. Quero que vocês notem esta manhã, antes de tudo, a causa da morte de Cristo – “foi da vontade do Senhor esmagá-lo.” “Foi da vontade de Jeová esmagá-lo,” diz o original. “E fazê-lo sofrer.” Em segundo lugar, a razão da morte de Cristo – “O Senhor faça da vida dele uma oferta pela culpa.” Cristo morreu porque ele foi uma oferta pelo pecado. E depois, em terceiro lugar, os efeitos e as consequências da morte de Cristo. “Ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão.” Venha, Espírito Sagrado, enquanto nós atentamos a falar sobre estes temas incomparáveis!

I. PRIMEIRO, nós temos aqui **A ORIGEM DA MORTE DE CRISTO**. “Contudo foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer.” Aquele que lê a vida de Cristo como mera história, associa a morte de Cristo com a inimizade dos judeus e com o caráter inconstante do governador romano. Nisto ele age com justiça, pois a morte e o pecado da morte de Cristo devem bater à porta da humanidade. Essa nossa corrida torna-se um deicídio e matou o Senhor e pregou o seu Senhor em um madeiro! Mas aquele que lê a Bíblia com os olhos da fé – desejando descobrir os seus segredos – vê algo mais na morte do Salvador do que a crueldade romana ou a malícia judaica. Ele vê o decreto solene de Deus cumprido pelos homens, que foram os ignorantes, mas instrumentos culpados de sua realização! Ele olha para a lança e a haste romanas, para os insultos e zombarias dos judeus, para a Fonte Sagrada, da qual todas as coisas fluem e traçam a crucificação de Cristo ao peito da Deidade! Ele concorda com Pedro – “Este homem lhes foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz.” Não devemos imputar a Deus o pecado, mas ao mesmo tempo o fato, como todos os seus efeitos maravilhosos na redenção do mundo, de que nós devemos sempre traçar para a Fonte Sagrada do Amor Divino. Como faz o nosso Profeta. Ele disse, “foi da vontade de Jeová esmagá-lo.” Ele despreza tanto Pilatos quanto Herodes, e traça para o Pai celestial, a primeira pessoa na Divina Trindade - “Foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer.”

Agora, Amados, há muitos que pensam que o Deus Pai não é nada além de um espectador indiferente da salvação. Outros O difamam ainda mais. Olham para Ele como um Ser sem amor, severo, que não teve nenhum amor para com a humanidade e que só poderia se tornar amável através da morte e das agonias de nosso Salvador. Isso é uma difamação suja com a Graça justa e gloriosa do Deus Pai, a quem devemos sempre dar honra – pois Jesus Cristo não morreu para tornar Deus amável – Ele morreu porque Deus era amável! –

***“Não foi para fazer o amor de Jeová,
Ao redor de Seu povo arder,
Que Jesus do Trono acima,
Um homem sofredor se tornou.
Não foi a morte que Ele suportou,
Nem todas as dores que Ele suportou,
Que o amor eterno de Deus procurou,
Pois Deus era amor antes.”***

Cristo foi enviado ao mundo pelo Seu Pai com consequência da afeição do Pai pelo seu povo. Sim, Ele “amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3.16) O fato é que o Pai decretou tanto a salvação, como tanto a efetuou, e deleitou-se tanto nela quanto o fez o Deus Filho e o Deus Espírito Santo! E quando nós falamos do Salvador do mundo, devemos sempre incluir nessa palavra, se falarmos em sentido amplo, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – pois todos esses Três, como um só Deus, nos

salvam de nossos pecados! O texto tira todo o pensamento pesado sobre o Pai ao dizer que foi da vontade de Jeová esmagar Jesus Cristo. A morte de Cristo leva ao Deus Pai! Vamos tentar ver isso.

Primeiramente, ela leva a um decreto. Deus, o único Deus do Céu e da Terra, tem o Livro do Destino inteiramente em Seu poder. Neste livro não há nada escrito pelas mãos de um estranho. A caligrafia do solene Livro da Predestinação é, do começo ao fim, inteiramente Divina. –

***“Acorrentado a Seu trono está um volume,
Com todos os destinos dos homens-
Com todas as formas e tamanhos de anjos
Feitos pela pena eterna”***

Nenhuma mão inferior esboçou sequer a mínima parte da Providência. Ela foi toda, do seu Alpha, ao seu Ômega, do seu prefácio Divino, ao seu final solene, marcada, projetada, esboçada e planejada pela mente do Sábio, Onisciente Deus. Portanto, nem mesmo a morte de Cristo está isenta disso! Aquele que levanta um anjo e guia um parda; Ele que impede que os nossos cabelos caiam de nossas cabeças prematuramente, quando Ele se preocupa com coisas tão pequenas, para omitir em Seus solenes decretos a maior maravilha dos milagres da terra – a morte de Cristo! Não, a página daquele Livro manchada de sangue, a página que faz tanto o passado quanto o futuro serem gloriosos com palavras de ouro – essa página manchada de sangue, eu digo - foi mais escrita por Jeová do que por qualquer outro! Ele determinou que Cristo deveria nascer da Virgem Maria, que Ele deveria sofrer sob Pôncio Pilatos, que Ele deveria descer ao Hades, que da morte Ele deveria ressuscitar, levando cativo o cativo e em seguida reinar para sempre à direita da Majestade, nas alturas! Não, eu não sei nada além de que terei a Escritura para a minha justificação quando eu digo que essa é a verdadeira véspera da Predestinação e que a morte de Cristo é o verdadeiro centro e a mola principal pela qual Deus formou todos os Seus outros decretos – fazendo disso a essência e a pedra fundamental sobre a qual a arquitetura sagrada deveria ser construída! Cristo foi posto à morte pelo decreto previsto e solene de Deus Pais, e neste sentido, “foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer.”

Mas um pouco mais adiante – a vinda de Cristo ao mundo para morrer foi o efeito da vontade e do prazer do Pai. Cristo não veio a este mundo por acaso. Ele se deitou no coração de Jeová diante de todos os mundos, eternamente deleitando-Se em Seu Pai e ser, Ele mesmo, a eterna alegria de Seu Pai. “Na plenitude dos tempos” (Efésios 1.10) Deus tirou o Seu filho de Seu seio, o Seu Filho unigênito, e livremente O enviou para nós. Este foi incomparável, inigualável amor, - que o Juiz permitiu que o Seu Filho sofresse as dores da morte para a redenção de um povo rebelde! Eu quero a imaginação de vocês para criar uma cena dos tempos antigos. Há um Patriarca barbudo que acorda de manhã cedo e acorda o seu filho, um jovem cheio de força, e ordena que ele levante e o siga. Eles saem de casa sem fazer nenhum barulho, antes que a mãe

acorde. Eles partem numa jornada de três dias com os seus homens até chegarem ao monte sobre o qual o Senhor havia falado. Vocês conhecem o Patriarca. O nome de Abraão está sempre fresco em nossa memória. No caminho, esse Patriarca não troca uma só palavra com o seu filho. Seu coração está muito cheio para falar. Ele está sobrecarregado pela tristeza. Deus havia mandado que ele tomasse o seu filho, seu único filho, e mata-lo na montanha como um sacrifício. Eles vão juntos. E quem pode imaginar a imensurável angústia da alma desse pai, enquanto ele anda lado a lado com o seu filho amado, de quem ele será o executor? O terceiro dia chegou. Os servos são ordenados para ficar no sopé da montanha, enquanto eles vão subindo para adorar a Deus. Agora, pode alguma mente imaginar como o sofrimento desse pai supera todas as margens de sua alma, quando, enquanto ele subia, o seu filho disse, “As brasas e a lenha estão aqui, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” Você pode imaginar como ele sufocou suas emoções e, com soluços, exclamou, “Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho”? Vejam! O pai comunicou ao seu filho o fato de que Deus demandara a sua vida! Isaque, que poderia ter lutado e escapado de seu pai, declara que ele deseja morrer se Deus havia decretado isso. O pai toma o seu filho, prende suas mãos atrás de suas costas, junta as pedras, constrói um altar, deita a lenha e tem o seu fogo pronto. E agora onde está o artista que pode pintar a angústia da contenção do pai, quando a faca está desembainhada e ele a segura – pronto para matar o seu filho?

Mas aqui a cortina cai. Agora a cena escura desaparece com o som de uma Voz dos Céus! O carneiro preso nos arbustos serve como substituto e a obediência da fé não precisa ir mais longe. Ah, meus Irmãos e Irmãs. Eu quero tirar vocês dessa cena e levar a uma muito maior. O que a fé e a obediência fizeram o homem fazer, esse amor obrigou Deus, Ele mesmo, a fazer! Ele tinha apenas um Filho, aquele Filho que era o deleite de Seu próprio coração. Ele convencionou a levar o Seu filho para a nossa redenção, para que Ele não quebrasse a Sua promessa, pois quando a plenitude dos tempos chegou, Ele enviou o Seu Filho para nascer da Virgem Maria e sofrer pelos pecados dos homens! Oh, você pode imaginar a grandeza desse amor, que fez o Deus eterno não apenas colocar o Seu Filho sobre o altar, mas realmente cumprir o que estava escrito e trespassar a faca sacrificial no coração de Seu Filho? Você pode pensar em quão esmagador deve ter sido o amor de Deus para com a raça humana quando Ele completou em ato o que Abraão fez apenas em intenção? Olhe e veja o lugar onde o Seu único Filho morreu na Cruz – a Vítima sangrenta da Justiça desperta! Isso é amor de fato! E aqui nós vemos como foi da vontade do Pai esmagá-Lo.

Isso me permite pressionar meu texto mais um passo adiante. Amados, não é apenas verdade que Deus tenha projetado e permitido com complacência a morte de Cristo – é mais verdade ainda que as imensuráveis agonias que vestiram a morte do Salvador com terror sobre-humano foram o efeito do pugilismo do Pai de Cristo de fato! Há um mártir na prisão – as correntes estão em seus pulsos e ainda assim ele canta. Foi anunciado a ele que amanhã será o dia da sua sentença. Ele bate as suas mãos

alegremente e sorri, enquanto diz, “Amanhã será o trabalho cortante. Irei me alimentar sobre as tribulações de fogo, mas depois eu cearei com Cristo! Amanhã é o dia do meu casamento, o dia pelo qual eu há muito esperava – quando eu assinarei o testamento da minha vida por uma morte gloriosa.” A hora chegou. O homem com as alabardas o precede pelas ruas. Note a serenidade no semblante do mártir! Ele vira para alguns que olham para ele e exclamam, “Eu valorizo estas correntes de ferro muito mais do que se fossem de ouro! É maravilhoso morrer por Cristo!” Existem alguns dos santos mais ousados recolhidos ao redor da estaca, e enquanto ele tira a suas vestes, antes de se colocar em frente ao fogo para receber a sua sentença, ele os diz que é algo tremendo ser um soldado de Cristo – poder dar o seu corpo para ser queimado. E ele acena com as mãos para eles e diz “Adeus,” com alegre satisfação! Alguém poderia pensar que ele estava indo para o seu casamento, e não indo ser queimado. Ele fica diante do fogo. A corrente é colocada em seu meio. E depois de uma breve palavra de oração, assim que o fogo começa a ascender, ele fala com as pessoas com audácia viril. Mas ouçam! Ele canta enquanto a madeira estala e a fumaça sobe. Ele canta e quando suas partes baixas estão queimadas, ele continua cantando docemente algum Salmo antigo. “Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade. Por isso não temeremos, embora a terra trema e os montes afundem no coração do mar.”

Imaginem outra cena. Lá está o Salvador indo para a Sua Cruz, totalmente fraco e abatido com o sofrimento. Sua alma está doente e triste com Ele. Não há Calma Divina ali. Seu coração está tão triste que Ele desmaia nas ruas. O Filho de Deus desmaia sob uma Cruz que muitos criminosos devem ter carregado. Eles O pregam na cruz. Não há nenhuma canção de louvor. Ele é erguido no ar e lá Ele permanece suspenso, preparando-se para a Sua morte. Você não ouve nenhum grito de exultação. Há uma compressão severa em Sua face, como se uma agonia indizível estivesse arrancando o Seu coração – como se mais uma vez o Getsêmani estivesse acontecendo na Cruz – como se a Sua alma ainda dissesse, “Meu Pai, se for possível, afasta de mim esta Cruz; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mateus 26.39) Ouçam! Ele fala. Ele não vai cantar as mais doces canções que já vieram dos lábios do mártir? Ah, não – é um terrível gemido de desgraça que jamais poderá ser imitado. “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Marcos 15.34) Os mártires não disseram que – Deus estava com eles. Antigos confessos não choraram tanto quando viram a morrer. Eles gritaram enquanto queimavam e louvaram a Deus em seu suplício. Por que isto? Por que o Salvador sofreu tanto? Por que, Amados, porque foi da vontade do Pai esmagá-lo! Esse brilho da Face de Deus que havia alegrado muitos santos a morrer foi tirado de Cristo! A consciência da aceitação com Deus, a qual havia feito muitos homens santos receberem a Cruz com alegria – não foi concedida ao nosso Redentor e, portanto, Ele sofreu em densa escuridão de agonia mental. Leia o Salmo 22 e aprenda o quanto Jesus sofreu. Pausem nas solenes palavras do 1º, 2º, 6º e seguintes versículos. Sob a Igreja estão os braços eternos. Mas sob Cristo não havia braço algum! A mão de Seu Pai colocou-se pesadamente sobre Ele. As pedras superiores e inferiores da Ira Divina O pressionaram e O esmagaram. E nem uma gota de alegria ou consolação foi concedida a Ele. “Foi da vontade de Jeová esmagá-lo e fazê-lo sofrer.” Isto, meus

Irmãos e Irmãs, foi o clímax da aflição do Salvador – que o Seu Pai virou-se Dele e O fez sofrer.

Assim eu expus a primeira parte do assunto – a origem do pior sofrimento de nosso Salvador, o prazer do Pai.

II. Nosso segundo tópico deve explicar o primeiro, caso contrário, seria um mistério insolúvel saber como Deus pôde fazer o Seu filho sofrer – o qual era perfeitamente Inocente – enquanto pobres falhos confessos e mártires não tiveram tal sofrimento vindo Dele no momento de suas tribulações. QUAL FOI A RAZÃO DO SOFRIMENTO DO SALVADOR? A nós é dito aqui, “o Senhor faça da vida dele uma oferta pela culpa.” Cristo foi assim perturbado porque a Sua alma foi uma oferta pelo pecado. Agora eu serei o mais simples que eu conseguir enquanto eu prego a preciosa Doutrina da Expição de Cristo Jesus nosso Senhor. Cristo foi uma Oferta pelo pecado, no sentido de ser um Substituto. Deus queria salvar. Mas se tal palavra for permitida, a Justiça atou Suas mãos. “Eu devo ser Justo,” disse Deus. “Essa é uma necessidade da Minha Natureza. Firme como o destino e rápido como a Imutabilidade é Verdade que eu devo ser Justo. Mas o Meu coração deseja perdoar – para passar pelas transgressões dos homens e perdoá-los. Como isso pode ser feito?” A sabedoria chegou e disse, “Assim deverá ser feito.” E o Amor concordou com a Sabedoria. “Cristo Jesus, o Filho de Deus, deve ficar no lugar do homem e ser ofertado no Monte do Calvário no lugar do homem.” Agora, notem – quando vocês veem Cristo sendo lançado na Cruz de madeira, você vê toda a companhia de Seus eleitos ali! E quando vocês veem os pregos cravados em Suas benditas mãos e seus pés, é todo o corpo da Sua Igreja que está lá, no seu Substituto, cravado na madeira! E agora os soldados levantam a Cruz e a colocam no suporte preparado para isso. Seus ossos estão, cada um deles, deslocados e Seu corpo está tão despedaçado de agonias que não se pode nem descrever! Esse homem sofrendo ali! Ali está a Igreja sofrendo no Substituto! E quando Cristo morre, você deve olhar para a Sua morte não como a Sua própria morte, mas como a morte de todos aqueles por quem Ele foi o Bode expiatório e o Substituto! É verdade, Cristo realmente morreu. É igualmente verdade que Ele não morreu por Si mesmo, mas como o Substituto, no lugar de todos os crentes. Quando vocês morrerem, vão morrer por si próprios. Quando Cristo morreu, Ele morreu por vocês, se vocês são crentes Nele! Quando vocês passem pelos portões da sepultura, vocês vão solitários e sozinhos. Vocês não são representantes de um corpo de homens – vocês passam pelos portões da morte como indivíduos – mas, lembrem, quando Cristo passou pelos sofrimentos da morte, Ele foi a Cabeça representativa de todo o Seu povo!

Entendam, então, o significado no qual Cristo foi feito Sacrifício pelo pecado. E aqui está a glória dessa questão – foi como um Substituto pelo pecado que Ele realmente e literalmente sofreu a punição pelos pecados de todos os Seus eleitos! Quando eu digo isto, eu não estou usando uma figura de linguagem ou algo do tipo, mas eu realmente quero dizer isto. O homem, pelos seus pecados, foi condenado ao fogo eterno. Quando Deus tomou Cristo para ser o Substituto, é verdade, Ele não enviou Cristo ao fogo

eterno, mas derramou dor sobre Ele – uma dor tão desesperadora que foi um pagamento válido até para uma eternidade em chamas! O homem foi condenado a viver para sempre no Inferno. Deus não enviou Cristo para ficar no Inferno para sempre. Mas Ele colocou em Cristo uma punição que foi equivalente a isso. Embora Ele não tenha dado a Cristo o verdadeiro Inferno dos crentes, deu a Ele uma retribuição igual – algo que foi equivalente a isso! Ele tomou a taça da agonia de Cristo e colocou nela – sofrimento, miséria e angústia – tais que só Deus pode imaginar ou sonhar a respeito, que foram o equivalente a todo o sofrimento, toda a aflição e todas as torturas eternas de todos que devem ir ao Céu, comprados pelo sangue de Cristo! E você pergunta, “Cristo bebeu tudo isso por sua escória? Ele sofreu tanto assim?” Sim, meus Irmãos e Irmãs, Ele tomou o cálice e –

***“Em um triunfante gole de amor,
Ele bebeu toda a condenação.”***

Ele sofreu todos os horrores do Inferno – uma saraivada de ferro caiu sobre ele com granizos maiores do que qualquer capacidade. Ele permaneceu até que a nuvem negra esvaziasse completamente. Ali estava a nossa dívida, gigante e imensa. Ele pagou até o último centavo de qualquer coisa que o Seu povo devia! E agora não há mais nenhum centavo devido à Justiça de Deus no caminho da punição de qualquer cristão! E embora nós devamos gratidão a Deus, embora devamos muito ao Seu amor – nós não devemos nada a Sua Justiça, pois Cristo, naquela hora, tomou todos os nossos pecados – passado, presente e porvir e foi punido por todos eles – não devemos jamais ser punidos porque Ele sofreu no nosso lugar! Vocês conseguem ver, agora, como foi que o Deus Pai O esmagou? Se ele não tivesse feito isso, as agonias de Cristo não poderiam ser um equivalente aos nossos sofrimentos. O Inferno consiste na ocultação da face de Deus dos pecadores e se Deus não tivesse escondido a Sua face de Cristo, Cristo não poderia – eu não vejo como Ele poderia – ter suportado qualquer sofrimento que poderia ter sido aceito como equivalente às aflições e agonias de Seu povo!

Eu acho que ouvi alguém dizer, “Você quer que nós entendamos esta Expição que você nos pregou agora como um fato literal?” Eu digo, mais que solenemente, que sim! Existem no mundo várias teorias sobre a expiação – mas eu não consigo ver em nenhuma delas alguma Expição, a não ser nessa Doutrina da Substituição. Muitos teólogos dizem que Cristo fez algo quando morreu, que permitiu que Deus fosse justo e ainda Justificador dos ímpios. O que foi esse algo eles não dizem para nós. Eles acreditam numa expiação feita para todos. Mas, no fim, a expiação deles é apenas isto – eles acreditam que Judas foi tão reparado quando Pedro – eles acreditam que os condenados no Inferno foram um objeto da satisfação de Jesus Cristo tanto quanto os salvos no Céu! E embora eles não digam isso com todas as palavras, eles ainda querem dizer isto – pois isto é uma inferência justa, que, no caso das multidões, Cristo morreu em vão – pois Ele morreu por todos, eles dizem. E foi tão sem efeito a Sua morte por eles, que embora Ele tenha morrido por eles, eles serão todos condenados depois! Agora, tal expiação, eu desprezo – eu rejeito! Posso ser chamado de Contra a Lei, ou

Calvinista por pregar uma Expição Limitada, mas eu prefiro acreditar numa Expição Limitada que é eficaz para todos a quem ela foi destinada, a acreditar numa expiação universal que não é eficaz para ninguém, a não ser que a vontade do homem esteja de acordo com ela! Porque, meus Irmãos e Irmãs, se nós fôssemos salvos apenas para que através da morte de Cristo qualquer um de nós pudesse se salvar depois, a Expição de Cristo não valeria um centavo, pois não há nenhum dentre nós que possa se salvar – não, ninguém no Evangelho! Se eu serei salvo pela fé – se essa fé for o meu próprio ato, sem a assistência do Espírito Santo, - eu serei tão incapaz de me salvar pela fé quanto de me salvar pelas boas obras! E depois de tudo, embora os homens chamem isto de Expição Limitada, isto é tão eficaz quanto as suas redensões falaciosas e apodrecidas pretendem ser! Mas vocês conhecem o limite dela? Cristo comprou uma “multidão que homem nenhum pode contar.” O seu limite é apenas esse – Ele morreu por pecadores. Qualquer um nesta congregação que se reconhece, interiormente e tristemente, como um pecador, Cristo morreu por ele! Qualquer um que deseja Cristo deve saber que Cristo morreu por ele! Nosso senso de necessidade de Cristo e nossa busca por Cristo são provas infalíveis de que Cristo morreu por nós! E notem, aqui está algo substancial – os Armínianos dizem que Cristo morreu por eles. E depois, pobres homens, eles não têm nada além de um pequeno consolo, pois eles dizem, “Ah, Cristo morreu por mim – isso não prova muita coisa. Isso apenas prova que eu serei salvo se me importar com o que serei depois. Eu posso, talvez, me esquecer de mim. Talvez eu corra para o pecado e pereça. Cristo fez um bom negócio por mim – mas não o bastante – a não ser que eu faça algo.”

Mas o homem que recebe a Bíblia como ela é, diz, “Cristo morreu por mim, então a minha vida eterna está garantida! Eu sei,” ele diz, “que Cristo não pode ser punido no lugar de um homem e o homem ser punido depois disso. Não,” ele diz, “eu creio em um Deus justo, e se Deus é Justo, Ele não vai punir Cristo primeiro, e depois punir os homens. Não – o meu Salvador morreu e agora eu estou livre de qualquer exigência da vingança de Deus e posso caminhar por esse mundo em segurança. Nenhum raio pode me atingir, e eu posso morrer absolutamente certo de que para mim não haverá fogo nenhum do Inferno, pois Cristo, meu Resgate, sofreu em meu lugar, e, portanto, eu estou liberto!” Oh, Doutrina Gloriosa! Eu gostaria de morrer pregando isso! Que melhor testemunho podemos carregar com o amor e a fidelidade de Deus, do que o testemunho de um Substituto eminentemente satisfatório para todos os que creem em Cristo? Eu vou citar aqui o testemunho desse profundo teólogo, Dr. John Owen – “A Redenção é o livramento de um homem da miséria através da intervenção de um libertador. Agora, quando um libertador é pago para salvar um prisioneiro, a justiça não demanda que ele deve ter e aproveitar a liberdade comprada por ele com uma consideração valiosa? Se eu pudesse pagar mil libras pela liberdade de um homem da escravidão para aquele que o detém – quem tem o poder de libertá-lo e está contente com o preço que eu dei – não seria injusto para mim e para o pobre prisioneiro que a sua libertação não fosse concretizada? Pode, possivelmente, ser concebida a ideia de que existisse uma redenção aos homens, e os homens não fossem redimidos? Que um preço fosse pago e a compra não fosse consumada? Além disso tudo, ainda haveria

verdadeiros e inumeráveis absurdos, se a redenção universal fosse aceita. Um preço é pago por todos, porém apenas alguns são libertos. A redenção de todos consumada, e ainda assim só alguns são redimidos? O juiz satisfeito, o carcereiro dominado, e os prisioneiros ainda na prisão? Sem dúvida, ‘redenção’ e ‘universal’, onde grande parte dos homens perece, são tão irreconciliáveis quanto ‘Romano’ e ‘Católico.’ Se há uma redenção universal, então todos os homens estão redimidos! Se eles estão redimidos, então eles estão livres de toda a miséria, virtual ou realmente, onde quer que tenham sido aprisionados, e isso pela intervenção de um libertador. Por que, então, não são todos salvos? Em uma palavra – a redenção feita por Cristo, sendo a libertação completa das pessoas de toda a miséria, em que foram enlaçadas, pelo preço do Seu sangue – não pode ser concebida como universal, a não ser que todos sejam salvos! Então a opinião dos Universalistas não serve para a redenção.”

Eu paro mais uma vez, pois eu ouço uma alma tímida dizer – “Mas, Senhor, eu tenho medo de não ser um eleito e, se assim for, Cristo não morreu por mim.” Pare, Senhor! Você é um pecador? Você sente isso? O Espírito Santo de Deus fez você se sentir um pecador perdido? Você precisa da salvação? Se você não precisa dela, não há dúvidas de que ela não foi prometida para você. Mas se você realmente sente que precisa dela, você é eleito de Deus! Se você tem o desejo de ser salvo, um desejo dado a você através do Espírito Santo, esse desejo é um sinal para o bem. Se você tem orado verdadeiramente pela salvação, você tem aí uma clara evidência de que você é salvo! Cristo foi punido por você. E se você sabe disso, você pode dizer –

***“Nada em minhas mãos eu trago
Simplesmente à Tua Cruz eu me apego”***

Você deve ter tanta certeza de que é eleito de Deus quanto tem de sua própria existência! Esta é a prova Infalível da Eleição – um senso de necessidade e uma sede de Cristo!

III. E agora eu tenho apenas que concluir considerando os BENDITOS EFEITOS da morte do Salvador. Nisto eu serei breve.

O primeiro efeito da morte do Salvador é, “ele verá sua descendência.” Os homens serão salvos por Cristo. Os homens têm uma descendência pela vida. Cristo tem uma descendência pela morte! Homens morrem e deixam seus filhos e não veem a sua descendência. Cristo vive e todos os dias vê a sua descendência posta na unidade da fé! Um efeito da morte de Cristo é a salvação de multidões. Notem – não é uma salvação de chance. Quando Cristo morreu, o anjo não disse, como alguns o tem representado, “Agora pela Sua morte, muitos deverão ser salvos.” A palavra da profecia extinguiu todos os “mas” e “talvez”. “Pela Sua justiça, muitos serão justificados.” Não havia nem um átomo de chance na morte do Salvador! Cristo sabia o que estava comprando quando morreu – e o que Ele comprou, Ele terá – nada mais, nada menos! Não efeito na morte de Cristo propensa a um “talvez”. O “será” fez logo a Aliança! A morte

sangrenta de Cristo irá efetuar o seu propósito solene. Cada herdeiro da Graça Divina irá encontrar no Trono –

***“Irá bendizer as maravilhas de Sua Graça,
E tornar as Suas glórias conhecidas.”***

O segundo efeito da morte de Cristo é, “Ele prolongará seus dias.” Sim, bendito seja o Seu nome, quando Ele morreu, Ele não acabou com a Sua vida! Ele não poderia ser como um prisioneiro no túmulo. O terceiro dia chegou e o Conquistador, levantando de Seu sono, desatou os grilhões da morte e saiu de Sua prisão, para não mais morrer. Ele esperou os Seus 40 dias e depois com hinos sagrados, Ele “levou cativo o cativo e subiu ao alto.” “Pois, quanto a ter morrido, morreu de uma vez para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus,” (Romanos 6.10) para não mais morrer –

***“Agora ao lado de Seu Pai Ele assenta,
E ali triunfante reina,”***

O vencedor sobre a morte e o Inferno!

E, por fim, pela morte de Cristo o prazer do Pai foi efetuado e próspero. O prazer de Deus é que este mundo será um dia totalmente redimido do pecado. O prazer de Deus é que este pobre planeta, há tanto tempo mergulhado em escuridão, irá em breve brilhar como um sol nascente. A morte de Cristo fez isso! O ribeiro que fluiu ao Seu lado no Calvário limpará o mundo de toda a sua escuridão. Essa hora de escuridão no meio do dia foi o nascer de um novo sol de justiça que nunca cessará de brilhar sobre a Terra. Sim, está chegando a hora em que espadas e lanças serão coisas esquecidas – quando as armaduras da guerra e o esplendor da pompa serão todos deixados de lado para alimentar as minhocas ou para contemplação dos curiosos. É próxima a hora em que a antiga Roma tremerá sobre suas sete colinas! Quando o emblema de Maomé não mais será reduzido à cera – quando todos os deuses dos pagãos perderão os seus tronos e serão atirados às toupeiras e aos morcegos! E depois, do Equador aos Polos, Cristo será honrado, o Senhor supremo da Terra, de terra a terra, do rio até o fim do mundo! Um Rei irá reinar, um grito será levantado, “Aleluia, aleluia, o Senhor Deus Onipotente reina!” Então, meus Irmãos e Irmãs, será visto o que a morte de Cristo realizou, pois “a vontade do Senhor prosperará em sua mão.” Amém. Amém. Amém.